



**PROJETO PEDAGÓGICO
DO CURSO DE
ENFERMAGEM**

MARÇO, 2016

Sumario

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA IES	5
1.1. ATO DE CREDENCIAMENTO DA IES	5
1.2. ATENDIMENTO AOS REQUISITOS LEGAIS	5
2. CONTEXTOS INSTITUCIONAIS.....	8
2.1. DA MANTENEDORA.....	8
2.1.1. IDENTIFICAÇÃO	8
2.1.2. DIRIGENTE PRINCIPAL	8
2.1.3. FINALIDADES	8
2.2. DA MANTIDA.....	9
2.2.1. IDENTIFICAÇÃO	9
2.2.2. ATOS LEGAIS DE CONSTITUIÇÃO	9
2.2.3. DIRIGENTES PRINCIPAIS	10
2.2.4. HISTÓRICO DA IES.....	10
2.2.5. CURSOS EXISTENTES	12
2.2.5.1. GRADUAÇÃO.....	12
2.2.5.2. PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU	13
2.2.6. ÁREA DE ATUAÇÃO E INSERÇÃO REGIONAL	15
2.2.6.1. ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO RN	18
2.2.6.2. INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS	20
2.2.6.3. TURISMO.....	23
2.2.6.4. AGRICULTURA E AGROPECUÁRIA	26
2.2.7. POPULAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO UNIFACEX.....	28
2.3. DO CONTEXTO EDUCACIONAL.....	30
2.3.1. PANORAMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL E NO RN.....	30
2.4. CARACTERÍSTICAS DA INSTITUIÇÃO.....	34
2.4.1. PERFIL INSTITUCIONAL	34
2.4.1.1. MISSÃO	34
2.4.1.2. VISÃO DE FUTURO	34
2.4.1.3. PRINCÍPIOS	35
2.4.1.4. OBJETIVO GERAL.....	36
2.4.1.5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	37
2.5. ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA	38
2.5.1. ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DO CENTRO UNIVERSITÁRIO	39
2.5.2. ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO BÁSICA.....	41
2.5.3. ÓRGÃOS ESPECIAIS E SUPLEMENTARES	42
2.5.4. ORGANOGRAMA.....	43
2.5.5. DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS.....	43
2.5.6. RELAÇÕES ENTRE A MANTENEDORA E A MANTIDA.....	44
2.5.7. PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL (PDI).....	45

2.5.8.	REPRESENTAÇÃO DOCENTE E DISCENTE.....	47
2.6.	ADMINISTRAÇÃO DA IES	48
2.6.1.	COERÊNCIA ENTRE A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E A PRÁTICA ADMINISTRATIVA	48
2.6.2.	AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL	49
2.6.3.	ARTICULAÇÃO DA AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO COM A AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL	52
2.6.4.	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO	54
3.	CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO	57
3.1.	CREDENCIAMENTO DO CURSO	57
3.2.	JUSTIFICATIVA.....	57
3.3.	OBJETIVO	59
3.4.	PERFIL DO EGRESSO.....	59
3.5.	ESTRUTURA CURRICULAR.....	64
3.5.1.	COERÊNCIA DO CURRÍCULO COM OS OBJETIVOS DO CURSO	64
3.5.2.	COERÊNCIA DO CURRÍCULO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS.....	65
3.5.3.	ADEQUAÇÃO DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO	65
3.5.4.	ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO	69
3.5.5.	DIMENSIONAMENTO DA CARGA HORÁRIA DAS UNIDADES DE ESTUDO	72
4.	EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIAS.....	79
5.	METODOLOGIA DE ENSINO E AVALIAÇÃO À CONCEPÇÃO DO CURSO	118
6.	PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	127
7.	ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	136
7.1.	ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO	136
8.	ABRANGÊNCIA DAS ATIVIDADES E ÁREAS DE FORMAÇÃO.....	138
9.	ATIVIDADES ARTICULADAS A FORMAÇÃO	139
9.1.	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	139
10.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	141
11.	FLUXOGRAMA DO CURSO.....	142
12.	APOIO AO DISCENTE	143
12.1.	CORPO DISCENTE	143
12.2.	PROGRAMAS INSTITUCIONAIS DE FINANCIAMENTO DE ESTUDOS PARA ALUNOS	143
12.3.	APOIO À PROMOÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS.....	145
12.4.	MECANISMOS DE NIVELAMENTO	145
12.5.	ACOMPANHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO.....	147
12.6.	PROGRAMAS DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO ACADÊMICA	147
12.7.	PROGRAMA DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS	148
12.8.	ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL.....	148
12.9.	AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM	149
13.	CONSELHO DE CURSO	150
14.	NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE.....	151
15.	FORMAÇÃO DO COORDENADOR	152
15.1.	EXPERIÊNCIA DO COORDENADOR (ACADÊMICA E PROFISSIONAL).....	152
15.2.	EFETIVA DEDICAÇÃO A ADMINISTRAÇÃO E A CONDUÇÃO DO CURSO.....	153
16.1	PLANO DE CARREIRA E INCENTIVOS AOS DOCENTES	154
16.2	CRITÉRIOS DE ADMISSÃO E DE PROGRESSÃO NA CARREIRA	154
16.3.	SISTEMA PERMANENTE PARA AVALIAÇÃO DOS DOCENTES	156
16.4.	FORMAÇÃO/REGIME DE TRABALHO/TITULAÇÃO/EXPERIÊNCIA	157
16.5.	TITULAÇÃO DO CORPO DOCENTE DO CURSO.....	158
16.6.	REGIME DE TRABALHO DO CORPO DOCENTE.....	158
17.	INFRAESTRUTURA	159

17.1.	INSTALAÇÕES PARA DOCENTES.....	159
17.2.	INSTALAÇÕES PARA A COORDENAÇÃO DO CURSO.....	160
17.3.	SALAS DE AULAS	162
17.4.	ACESSO A EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA PELOS ALUNOS.....	168
18.	BIBLIOTECA.....	169
18.1.	HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO.....	170
18.2.	SERVIÇOS OFERTADOS PELA BIBLIOTECA.....	170
18.3.	POLÍTICA DE AQUISIÇÃO, EXPANSÃO E ATUALIZAÇÃO	170
18.4.	ACERVO DA BIBLIOTECA	171
18.4.1.	PERIÓDICOS, JORNAIS E REVISTAS.....	173
18.4.2.	BASE DE DADOS	176
19.	INSTALAÇÕES E LABORATÓRIOS	178
19.1.	LABORATÓRIOS DE ENSINO E HABILIDADES.....	179

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA IES

1.1. ATO DE CREDENCIAMENTO DA IES

O Centro Universitário UNIFACEX foi criado considerando-se o que normatiza a alínea **d** do artigo 2º do Estatuto da Mantenedora: “criar, instalar e manter estabelecimentos de ensino de todos os níveis, prioritariamente de nível superior, com estrita observância de legislação que lhe for aplicável”. A criação foi legitimada pelo Decreto n. 85.977, de 05 de maio de 1981, publicado no Diário Oficial da União (D.O.U.) de 06 de maio do mesmo ano. Por solicitação da Mantenedora e considerando a implantação de novos cursos em diversas áreas, pelo Parecer CES nº 1.194/99, a Instituição teve sua denominação modificada de Faculdade para Executivos para Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão – FACEX, conforme Parecer homologado pelo Despacho do Ministro da Educação, publicado no D.O.U., de 19 de janeiro de 2000. Através da Portaria Nº 1.099 do Ministério da Educação, de 31 de agosto de 2012, a FACEX passa a condição de Centro Universitário denominado UNIFACEX.

1.2. ATENDIMENTO AOS REQUISITOS LEGAIS

Requisitos Legais	Contemplado como
Condições de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, conforme o disposto na Lei 10.098/2002,	A instituição apresenta condições adequadas de acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Referência localizada na

nos Decretos 3095/2001, 5.296/2004, 6.949/2009, 7.611/2011 e na Portaria 3.284/2003.	página 167.
Plano de Cargos e Carreira Docente.	O Plano de Cargos e Carreira Docente está protocolado/homologado no Ministério do Trabalho e Emprego. Referência localizada na página 135.
Plano de Cargos e Carreira dos Técnico-Administrativos.	O Plano de Cargos e Carreira dos Técnico-Administrativos está protocolado/ homologado no Ministério do Trabalho e Emprego. Referência localizada na página 151.
Titulação do Corpo Docente	Percentual mínimo (33%) de docentes com pós-graduação stricto sensu, conforme o disposto no art. 52 da Lei 9.394/96, na Resolução nº 1, de 20 de janeiro de 2010 e na Resolução nº 3, de 14 de outubro de 2010. Referência localizada na página 144.
Forma Legal de Contratação dos Professores.	A contratação de professores se dá mediante concurso para regime de trabalho CLT pela mantenedora com registro na mantida. Referência localizada na página 139.
Comissão Própria de Avaliação (CPA), conforme o art. 11 da Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004.	A IES possui CPA implantada e atuante. Referência localizada na página 44.
Normas e procedimentos para credenciamento e credenciamento de	A IES atende aos requisitos exigidos pela

Centros Universitários, conforme o disposto na Resolução CNE/CES nº 1, de 20 de janeiro de 2010.	Resolução. Referência localizada na página 12.
Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana e indígena, conforme o disposto na Lei nº 11.645 de 10/03/2008, na Resolução CNE/CP nº 01, de 17 de junho de 2004 e na Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.	A Instituição está cumprindo às exigências das legislações através da disciplina de Legislação e Ética em Computação e em outras atividades de forma transversal. Referências localizadas na pág. 102.
Políticas de educação ambiental, conforme o disposto na Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 e no Decreto nº 4.281, de junho de 2002.	A Instituição está cumprindo às exigências das legislações através das disciplinas de Legislação e Ética na Computação, Fundamentos da Tecnologia da Informação e em outras atividades de forma transversal. Referências localizadas nas páginas 95 e 102.
NDE	Pelo menos o coordenador e 5 professores; Pelo menos 50% dos docentes com stritu sensu; e pelo menos 60% dos docentes em regime TP e TI. Referência localizada na página 56.
Estágio Supervisionado, Atividade complementar e TCC.	Consoante com as Diretrizes do curso. Referências localizadas nas páginas 115 e 117.

2. CONTEXTOS INSTITUCIONAIS

2.1. DA MANTENEDORA

2.1.1. IDENTIFICAÇÃO

Mantenedora CIFE – CENTRO INTEGRADO PARA FORMAÇÃO DE EXECUTIVOS			
CNPJ: 08.241.911/0001-12			
End.: Rua ORLANDO SILVA			nº: 2896
Bairro: CAPIM MACIO	Cidade: NATAL	CEP: 59080-020	UF: RN
Fone: (84) 3235-1415		Fax: (84) 3235-1433	
E-mail: secretaria@facex.com.br			

2.1.2. DIRIGENTE PRINCIPAL

Nome: JOSÉ MARIA BARRETO DE FIGUEIREDO	
CPF: 004.254.604-44	
E-mail: secretaria@facex.com.br	

2.1.3. FINALIDADES

A Mantenedora tem como finalidades educativas o desenvolvimento:

- De uma atitude de curiosidade, reflexão e crítica frente ao conhecimento e à interpretação da realidade;
- Da capacidade de utilizar crítica e criativamente as diversas linguagens do mundo contemporâneo;
- Da autonomia, cooperação e sentido de coresponsabilidade nos processos de desenvolvimento individuais e coletivos;
- De uma atitude de valorização, cuidado e responsabilidade individual e coletiva em relação à saúde;
- Da competência para atuar no mundo do trabalho dentro de princípios de respeito por si mesmo, pelos outros e pelos recursos da comunidade;

- Do exercício da cidadania para a transformação crítica, criativa e ética das realidades sociais;
- Da motivação para dar prosseguimento à própria educação, de forma sistemática e assistemática;
- Do pleno exercício de suas funções cognitivas e socioafetivas;
- Da capacidade de aprender com autonomia e assimilar o crescente número de informações, adquirindo novos conhecimentos e habilidades;
- Da capacidade de enfrentar situações inéditas com dinamismo, flexibilidade e criatividade;
- Da capacidade de usar o conhecimento para ser feliz, relacionar-se com a natureza, ser gestor da própria vida e ajudar os outros.

2.2. DA MANTIDA

2.2.1. IDENTIFICAÇÃO

Mantida: Centro Universitário Facex			
End.: Rua Orlando Silva			nº: 2897
Bairro: Capim Macio	Cidade: Natal	CEP: 59.080-020	UF: RN
Fone: (84) 3235-1415		Fax: (84) 3235-1433	
E-mail: secretaria@facex.com.br			
Site www.unifacex.com.br			

2.2.2. ATOS LEGAIS DE CONSTITUIÇÃO

DADOS DE CREDENCIAMENTO:	
Documento/Nº:	Portaria nº 1099/2012
Data Documento:	31 de agosto de 2012
Data da Publicação:	04 de setembro de 2012

2.2.3. DIRIGENTES PRINCIPAIS

Cargo	Reitor		
Nome:	Raymundo Gomes Vieira		
CPF:	010.813.814-34		
Fone:	(84) 3235-1404	Fax:	(84) 3235-1433
E-mail:	vieira@unifacex.com.br		

Cargo	Pró-Reitor Acadêmico		
Nome:	Ronald Fábio de Paiva Campos		
CPF:	673.006.424-20		
Fone:	(84) 3235-1403	Fax:	(84) 3235-1433
E-mail:	ronald@unifacex.com.br		

Cargo	Pró-Reitora Administrativa		
Nome:	Candysse Medeiros de Figueiredo		
CPF:	664.876.684-00		
Fone:	(84) 3217-8348	Fax:	(84) 3235-1433
E-mail:	candysse@unifacex.com.br		

2.2.4. HISTÓRICO DA IES

O Centro Universitário UNIFACEX tem os seus primórdios em 23 de maio de 1972, quando por determinação de sua mantenedora, o Centro Integrado para Formação de Executivos, foi implantado o curso de Secretariado Executivo. Surgia, através desta primeira ação pedagógica da mantida, a Faculdade para Executivos. Como tivesse sua origem em curso livre, a Faculdade pautou o seu fazer educacional, cumprindo o currículo pleno estabelecido pelo Conselho Federal de Educação. Essa autonomia permitiu à mantenedora regularizar sua mantida, consoante ao disposto na Portaria Ministerial nº 942/79, bem como autorizar o seu curso matriz. Nesse aspecto a comissão verificadora foi incisiva no seu parecer ao pronuncia-se *in verbis*: este curso

oferece condições para autorização e funcionamento. Através do Parecer SESU 267/19881, ficou autorizado o Curso de Secretariado Executivo, homologado através do Decreto nº 85.977, de 05 de maio de 1981. Estava assim a Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do Rio Grande do Norte, sucedânea da Faculdade para Executivos, devidamente legalizada, bem como suas ações pedagógicas retroagindo a 1972. Em síntese, o UNIFACEX conta hoje com 26 cursos superiores devidamente autorizados. Destes, quinze já passaram pelo processo de Reconhecimento, três aguardam a designação de Comissão para Reconhecimento e quatro ainda não atingiram o tempo mínimo necessário para solicitar o Reconhecimento. Os Cursos de Graduação atendem a um total aproximado de 5.000 alunos regularmente matriculados, com a qualidade e esmero que a Instituição se empenha em oferecer.

A Instituição possui um Corpo Docente com 180 professores qualificados: Doutores, Mestres e Especialistas, os quais se dedicam a preparar seus discentes cuidadosamente para construir o Brasil do futuro. Colaboradores da Central de Atendimento, Biblioteca e Laboratórios estão sempre disponíveis para recebê-los. A instituição tem 4 Unidades construídas, com 89 salas de aulas, auditórios, anfiteatros, laboratórios especializados, reservadas ainda as salas da Educação Infantil, com 20000 m2 de área construída. Todas as instalações são modernas, bem equipadas, adaptadas aos Portadores de Necessidades Especiais, permitindo o amplo funcionamento de todas as atividades acadêmicas desenvolvidas no ensino, na pesquisa e extensão.

O UNIFACEX já formou ao longo destes 43 anos, 5778 alunos, nos seus diversos cursos, colocando, no mercado de trabalho, profissionais capacitados, com espírito inovador e empreendedor, mudando a realidade regional e do país.

O programa da Pós-Graduação conta com **27** cursos de pós-graduação *lato sensu*. Todos os cursos da Pós-graduação do UNIFACEX seguem rigorosamente a legislação pertinente e os certificados têm validade nacional, atendendo a Resolução CNE/CES nº 1, de 8 de junho de 2007.

A instituição apresenta IGC 4, Contínuo e Conceito Institucional 4. Recentemente, foi publicada a homologação do Parecer 106/2012, do Conselho Nacional de Educação pelo Exmo. Ministro da Educação, transformando a Instituição em Centro Universitário FACEX.

2.2.5. CURSOS EXISTENTES

2.2.5.1. GRADUAÇÃO

Como pode ser observado no quadro 1, os cursos oferecidos pelo UNIFACEX estão, em sua maioria, reconhecidos ou com seus reconhecimentos renovados.

Quadro 1: Cursos de Graduação do UNIFACEX e sua legitimação

GRADUAÇÃO				
NOME DO CURSO	AUTORIZAÇÃO		RECONHECIMENTO OU RENOV.	
	Documento	Nº	Documento	Nº
Administração	Portaria MEC	2109/00	Portaria MEC	414/05
Ciências Biológicas – Lic.	Portaria MEC	196/00	Portaria MEC	307/2011
Ciências Contábeis	Portaria MEC	195/00	Portaria MEC	313/2011
Direito	Portaria MEC	1439/06	Portaria MEC	1.146/2011
Enfermagem	Portaria MEC	2661/05	Portaria MEC/SERES	1/2012
Pedagogia	Portaria MEC	534/98	Portaria MEC	406/2007
Psicologia	Portaria MEC	3818/2005	Portaria MEC	272/2011
Secretariado Executivo	Decreto MEC	85977/81	Portaria MEC/SERES	124/2012
Serviço Social	Portaria MEC	2128/2000	Portaria MEC/SERES	1/2012
Turismo	Decreto MEC	98903/90	Portaria MEC	1171/94
Nutrição	Portaria MEC/SERES	121/2012	-	-
CST em Marketing	Portaria MEC	269/2005	Portaria MEC	92/2011
CST em Gestão Financeira	Portaria MEC	267/2005	Portaria MEC	92/2011

GRADUAÇÃO				
NOME DO CURSO	AUTORIZAÇÃO		RECONHECIMENTO OU RENOV.	
	Documento	Nº	Documento	Nº
CST em Hotelaria	Portaria MEC	270/2005	Portaria MEC	150/2007
CST em Gestão de Recursos Humanos	Portaria MEC	268/2005	Portaria MEC	92/2011
CST em Gestão Pública	Portaria MEC	74/2006	Portaria MEC	493/2011
CST em Comércio Exterior	Portaria MEC/SETEC	32/2010	Portaria MEC	32/2010
CST em Gestão Comercial	Portaria MEC/SETEC	32/2010	Portaria MEC	213/2013
CST em Logística	Portaria MEC/SETEC	12/2010	Portaria MEC	303/2012
CST em Petróleo e Gás	Portaria MEC/SETEC	95/2010	Portaria MEC	95/2010
CST em Redes de Computadores	Portaria MEC/SETEC	190/2011	-	190/2011
CST em Gestão da Tecnologia da Informação	Portaria MEC/SETEC	190/2011	-	190/2011
Engenharia Civil	Resolução CEPEX/UNIFACEX	003/2012	-	-
Engenharia de Petróleo	Resolução CEPEX/UNIFACEX	003/2013		
Engenharia Elétrica	Resolução CEPEX/UNIFACEX	004/2013		
Engenharia da Produção	Resolução CEPEX/UNIFACEX	002/2013		
Arquitetura e Urbanismo	Resolução CEPEX/UNIFACEX	001/2013		
Educação Física	Resolução CEPEX/UNIFACEX	004/2012	-	-

2.2.5.2. PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

Os cursos de pós-graduação oferecidos pelo UNIFACEX foram criados por intermédio de Portaria interna do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPEX

para atender a demanda existente na região. O quadro 2 demonstra os cursos e programas oferecidos, bem como o ato autorizativo.

Quadro 2: Curso de pós-graduação do UNIFACEX e sua legitimação

PÓS-GRADUAÇÃO		
NOME DO CURSO	AUTORIZAÇÃO	
	Documento	Nº
<i>Lato-sensu</i>		
Esp. em Formação Docente para o Ensino Superior	Portaria CEPEX	005/2004
Esp. em Psicopedagogia Clínica e Institucional	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Educação Especial	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Pedagogia Sócio-Empresarial	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Meio Ambiente e Gestão dos Recursos Naturais	Portaria CEPEX	006/2004
Esp. em Análise Ambiental	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Saúde Coletiva com enfoque na Estratégia Saúde da Família	Portaria CEPEX	006/2006
Esp. em Enfermagem do Trabalho	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Enfermagem Dermatológica	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Saúde Pública e Serviço Social	Portaria CEPEX	004/2005
Esp. em Gerontologia e Políticas de Atenção à Pessoa Idosa	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Microbiologia e Parasitologia	Portaria CEPEX	008/2005
Esp. em Farmacologia e Toxicologia	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Assistência Sociojurídica e	Portaria CEPEX	008/2005

PÓS-GRADUAÇÃO		
NOME DO CURSO	AUTORIZAÇÃO	
	Documento	Nº
Segurança Pública		
Esp. em Direito Eleitoral	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Políticas Públicas de Atenção à Criança e ao Adolescente	Portaria CEPEX	005/2013
MBA em Gestão Financeira e Controladoria	Portaria CEPEX	005/2013
MBA em Gestão Tributária	Portaria CEPEX	005/2013
MBA em Gestão Estratégica de Pessoas	Portaria CEPEX	005/2013
MBA em Gestão Estratégica de Negócios	Portaria CEPEX	004/2005
MBA em Marketing Estratégico	Portaria CEPEX	006/2006
MBA em Consultoria Empresarial	Portaria CEPEX	006/2006
Esp. em Auditoria e Perícia Contábil	Portaria CEPEX	008/2005
Esp. em Gestão Pública	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Elaboração e Gerenciamento de Projetos	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Gestão e Práticas Secretariais	Portaria CEPEX	005/2013
Esp. em Gestão Hospitalar	Portaria CEPEX	005/2013

2.2.6. ÁREA DE ATUAÇÃO E INSERÇÃO REGIONAL

Localizado na região Nordeste do Brasil, o estado do Rio Grande do Norte possui uma área de 52.796,791 km² e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, tem uma população estimada em 3.168.027 habitantes. A capital, Natal, de acordo com a última atualização do Censo 2010, tem 807.739 habitantes.

Rio Grande do Norte



Figura 1- mapa do Rio Grande do Norte

Além de Natal, o estado tem duas outras cidades com mais de 150 mil habitantes: Mossoró (259.815 habitantes) e Parnamirim (202.456 habitantes). Com mais de 50 mil habitantes, temos os municípios de São Gonçalo do Amarante (87.668 habitantes), Ceará-Mirim (68.141 habitantes), Macaíba (69.467 habitantes), Caicó (62.709 habitantes) e Assu (53.227 habitantes).

Do ponto de vista histórico, o Rio Grande do Norte foi criado a partir da capitania do Rio Grande, doada João de Barros, feitor das Casas de Mina e da Índia, que não conseguiu iniciar a colonização, em virtude da resistência dos índios da região e de piratas franceses. Na verdade, João de Barros nunca esteve em terras potigüares. Deixou a exploração para seus filhos João e Jerônimo de Barros, que comandaram expedições de conquista em 1535 e 1555, sem, contudo, garantir a posse da terra para os portugueses.

Em dezembro de 1597, uma frota comandada por Jerônimo de Albuquerque desembarcou no rio Potengi, com a missão de fundar uma nova cidade e construir um forte para proteger os colonos portugueses das incursões dos piratas franceses, que estavam tentando negociar com os potiguares, índios nativos. Na mesma época, por terra, chegou à região um grupo chefiado pelo então governante de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem. Em 6 de Janeiro de 1598, este grupo começou a construir o Forte dos Três Reis Magos; em 25 de dezembro do mesmo ano, foi fundada uma pequena vila a pouco mais de 2 km de distância do forte; essa vila foi batizada de Natal, em referência à data de fundação.

Diferentemente de Pernambuco, o solo arenoso de Natal e de parte do Rio grande do Norte não era adequado para o cultivo de cana-de-açúcar, o que tornou o desenvolvimento da região inicialmente lento. Em 1633, os holandeses invadiram a cidade e renomearam o forte para Fort Keulen. E assim ficou até 1654, quando os portugueses o retomaram. Os holandeses, tais quais os portugueses, não tiveram muito interesse no desenvolvimento da região de Natal. Também preferiram se concentrar em Recife e Olinda, cidades que receberam muitos melhoramentos dos holandeses – visíveis até a atualidade.

A cana-de-açúcar foi largamente cultivada da Bahia até a Paraíba, mas apenas uma área do Rio Grande do Norte, correspondente aos vales dos rios Potengi, Ceará-mirim, Trairi, Cunhaú e Curimataú mostrou-se propícia à cultura. Após o ciclo da cana, o Brasil Colônia entrou no ciclo do ouro que, pela falta de jazidas do metal precioso, pouco beneficiou o Rio Grande do Norte. Nos séculos XVIII e XIX, mais e mais o governo brasileiro deslocou-se para o centro-sul do país.

Por isso, o estado do Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, a cidade de Natal não sentiram, como outras, a situação de ser colônia sujeita a uma metrópole. Este fato provavelmente tenha contribuído para fazer de Natal uma das regiões mais liberais do Brasil. As razões para acreditar nisso, estão no pionerismo do estado em abolir a escravidão (dez anos antes do restante do país); e por ter tido a primeira

mulher brasileira eleita prefeita, no município de Lajes, cidade localizada a aproximadamente 130 km de Natal.

Chegado o início do século XIX, Natal era ainda uma pequena vila, dividida em duas áreas principais: a Cidade Baixa, perto do cais do porto, que concentrava o comércio; e a Cidade Alta, no topo dos morros ao redor do porto, onde se localizavam igrejas e prédios do governo. Somente em 1922, no governo de Pedro Velho, é que a cidade começou a se modernizar. Em 1930, após a vitória da Aliança Liberal (que enfrentou o domínio dos estados de São Paulo e Minas Gerais), Natal iniciou um processo de urbanização mais acentuado do que em décadas anteriores.

Graças a sua posição estratégica, como ponto mais próximo do continente africano, o Rio Grande do Norte foi beneficiado com a instalação de uma base militar americana em Parnamirim, quando da entrada do Brasil na II Grande Guerra Mundial ao lado dos Aliados. A chegada de milhares de soldados mudou profundamente o modo de vida da cidade. Consta que – o fato merece confirmação – Natal foi a primeira cidade do Brasil a conhecer o refrigerante mais popular do planeta, a Coca-Cola.

Além de inserir novos produtos no cotidiano dos moradores, novos costumes foram disseminados. Devemos aos americanos a denominação de avenidas, principalmente as do bairro do Alecrim, com a utilização de números. Os militares dos EUA ainda deixaram fortalecidos entre os potiguares os princípios de democracia e liberdade, que influenciam até hoje no modo de vida de Natal.

2.2.6.1. ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO RN

Apesar de esforços despendidos, no tocante ao desenvolvimento econômico e social, o estado, que tem cerca de 90% de seu território incluído na zona semiárida, ainda possui o ônus de estar em uma região brasileira que historicamente guarda uma situação de inferioridade em relação às mais desenvolvidas do sul do país.

Grandes esforços têm sido feitos para melhorar os diversos indicadores que têm levado o estado a uma ligeira vantagem se comparado aos demais da região Nordeste. Em 2011, as Nações Unidas divulgaram o último levantamento do Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil, o IDH, que apontou o Rio Grande do Norte como o segundo melhor estado do Nordeste.

Pelos dados do IBGE(2010), o Rio Grande do Norte foi o segundo estado do país que mais melhorou esse índice. De 2006 em relação a 1980, a expectativa de vida do potiguar cresceu 20,5%, chegando a 70 anos e 10 meses de vida.

O mesmo levantamento também aponta que a queda na mortalidade infantil no Rio Grande do Norte ficou acima do índice nacional, sendo o segundo melhor resultado do Nordeste e o quarto melhor do Brasil, tendo reduzido, em pouco mais de duas décadas, a mortalidade infantil em 67,5%.

Segundo o Ministério do Trabalho, nos últimos cinco anos o Rio Grande do Norte bate recordes regionais e, até, nacionais na geração de empregos com carteira assinada. Em 2004 e 2005 o RN obteve o maior crescimento do número de empregos formais do Nordeste e, mais recentemente, obteve o quarto maior crescimento do país.

No contexto econômico, o Rio Grande do Norte tem sua economia baseada em três pilares básicos: a produção de petróleo (o estado é um dos maiores produtores em terra e em plataforma marítima); o turismo – a sua segunda fonte de arrecadação, sendo o RN o terceiro destino turístico do Nordeste; e a exportação de frutas, com destaque para o melão, a manga, o abacaxi e a banana, entre outras.

Pode-se enfatizar também, o comércio varejista, que se mostra muito dinâmico e competitivo. Em sua formatação, revelando talvez uma fidelidade característica dos potiguares, as redes locais e regionais conseguem sobreviver à concorrência de grandes redes nacionais e mesmo multinacionais.

Natal conta com a presença de shoppings localizados em regiões privilegiadas, agregando ainda mais valor ao setor econômico.

Somando-se a já tradicional exploração da pesca da lagosta, tomou corpo, na última década, a criação de camarões em cativeiro – sendo o estado o maior produtor nacional desta atividade. Em verdade, o estado é rico, estando na expectativa urgente de pessoas devidamente qualificadas que saibam explorar este potencial.

Foram evidenciados os aspectos que mais se destacam em relação às necessidades das respectivas áreas:

2.2.6.2. INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

Com privilegiada localização geográfica Natal é o centro de referência para estados e municípios que integram a região Nordeste. Possuidor de um polo em plena ascensão, constituído por mais de 23.494 unidades empresariais entre indústrias, comércio e serviços e agropecuária; destas, 21.855 unidades atuantes, gerando cerca de 329.500 empregos (IBGE -2010).

A principal fonte econômica está centrada no setor terciário, com seus diversos segmentos de comércio e prestação de serviços de várias áreas, como na educação e saúde. A renda gerada por esse setor é de aproximadamente R\$ 7.498.097,00, enquanto a indústria gera R\$ 1.411.731,00 e a agropecuária R\$ 15.241,00 (IBGE-2010).

No último ano pode-se observar uma crescente geração de emprego e renda nas áreas economicamente ativas da região, exceto na área industrial de transformação, com variação de -18,26%, responsável por geração de 5.674 empregos contra 8.288 demissões no período. As áreas que obtiveram um maior crescimento foram, respectivamente: Construção Civil, com variação de 8,07%, gerando 24.321 novos postos de trabalho contra 22.260 demissões, e Serviços com variação de 4,79%, gerando 43.427 novos postos de trabalho contra 38.526 demissões.

O quadro abaixo, do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE, mostra a evolução de empregos por setor de atividade no município de Natal, com dados comparativos até o mês de agosto/2012.

Quadro 3: Evolução do emprego por setor de atividade econômica

SETORES	AGOSTO/2012				NO ANO **				EM 12 MESES ***			
	TOTAL ADMIS	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR % *	TOTAL ADMIS	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR %	TOTAL ADMIS	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR %
EXTRAT. MINERAL	1	2	-1	-0,09	40	19	21	1,91	48	27	21	1,91
INDÚSTRIA DE TRANSFOR	830	578	252	2,20	3.942	4.765	-823	-6,57	5.674	8.288	-2.614	-18,26
SERV INDUST DE UTIL PUBLICA	33	48	-15	-0,57	323	304	19	0,73	418	467	-49	-1,84
CONST. CIVIL	2.377	1.794	583	2,16	17.288	15.126	2.162	8,50	24.321	22.260	2.061	8,07
COMÉRCIO	1.941	2.183	-242	-0,44	16.151	16.470	-319	-0,58	25.481	24.323	1.158	2,17
SERVIÇOS	3.872	3.849	23	0,02	29.798	26.601	3.197	3,07	43.427	38.526	4.901	4,79
ADMINIS. PÚBLICA	2	2	0	0,00	38	23	15	1,37	56	39	17	1,56
AGROPECUÁRIA	33	42	-9	-0,84	323	289	34	3,28	494	461	33	3,18
TOTAL	9.089	8.498	591	0,29	67.903	63.597	4.306	2,13	99.919	94.391	5.528	2,74

* A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior.

** Resultados acrescidos dos ajustes; a variação relativa toma como referência os estoques do mês atual e do mês de dezembro do ano t-1, ambos com ajustes.

*** Resultados acrescidos dos ajustes; a variação relativa toma como referência os estoques do mês atual e do mesmo mês do ano anterior, ambos com ajustes.

Para atender as demandas do setor produtivo, foram viabilizadas algumas melhorias estruturais como a modernização do porto de Natal, que operava com uma profundidade de 09 metros de calado e passou operar com 12,5 metros. O aumento da profundidade significa uma elevação de 30% na eficiência e na capacidade do complexo portuário, estando apto a receber navios de aproximadamente 75 mil toneladas quando o permitido era de apenas 35 mil toneladas.

O Porto de Natal recebeu através do PAC - Copa, investimentos para a construção de um Terminal Marítimo de Passageiros, com vistas a melhorar as portas de entrada das cidades sedes da Copa de 2014 e, através do PAC-2, investimentos para ampliação e a adequação do Terminal Salineiro de Areia Branca. O objetivo é deixar o canal de acesso ao porto-ilha com 17 metros de profundidade, o que dotará a indústria

salineira do RN de infraestrutura para competir com os principais detentores de parcela do mercado mundial de sal.

Já o atual Aeroporto Internacional Augusto Severo dispõe de pista pavimentada para aviões de grande porte, servindo de alternativa para voos internacionais e voo charter. Conta também com terminal de cargas, destacando-se que o Rio Grande do Norte ocupa o primeiro lugar do Nordeste em exportações de carga e o quinto em nível nacional (dados fornecidos pela INFRAERO/RN).

Uma área de 15 milhões de metros quadrados, distante 40 km de Natal, no município de São Gonçalo do Amarante, foi escolhida como a mais adequada para receber o futuro sítio aeroportuário. O novo aeroporto será dotado de duas pistas de pouso/decolagens, medindo 3.000x60m, possibilitando a operação das grandes aeronaves de passageiros e cargas. A Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) espera que no primeiro ano de operação, o novo aeroporto, com uma área construída de 40 mil metros quadrados, atenda a três milhões de passageiros e no ano de 2038, com uma área construída de 66 mil metros quadrados, seja capaz de atender anualmente 11 milhões de passageiros.

Outro projeto em prol do desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Norte é a implantação de duas Zonas de Processamento de Exportação (ZPE): a ZPE do sertão, localizada na cidade do Assú e a ZPE de Macaíba, localizada na região metropolitana de Natal. A ZPE do Sertão prevê uma estrutura de tecnologia da informação própria, rede elétrica-eólica e um ramal ferroviário ligando o RN com a Ferrovia Transnordestina. Essa ferrovia partirá de Assú, passando por Mossoró, Baraúna e Vale do Jaguaribe, alcançando a transnordestina, na região central do Ceará, próximo a Quixadá.

A ZPE de Macaíba ganha maior notoriedade com a concessão do aeroporto de São Gonçalo do Amarante. Pelo fato dos dois equipamentos estarem acerca de dez quilômetros um do outro, a operação conjunta seria um grande ímã de empresas

interessadas em produzir e exportar pelo estado. Com a ZPE próxima do aeroporto, logisticamente se tornaria muito mais fácil escoar a produção para fora do país.

Os recentes acontecimentos em relação à geração de energia no mundo - como o acidente nuclear na usina japonesa de Fukushima - têm aumentado o interesse pela geração de energia limpa. Neste cenário, o Rio Grande do Norte vem sendo apontado como um dos locais com maior potencial para a geração de energia renovável em todo o mundo e fatores como regularidade e intensidade dos ventos fazem com que o Governo do Estado estime que serão investidos mais de R\$ 6 bilhões em território potiguar, apenas em empreendimentos e equipamentos voltados para a geração da energia limpa.

Recentemente, outra ação em nível de infraestrutura que melhorou as perspectivas de desenvolvimento do estado do RN foi a duplicação da rodovia BR 101 que corta o perímetro urbano da região metropolitana de Natal, interligando o estado, do norte, no município de Touros, seguindo a orla marítima ligando-o a todo o Brasil até a região Sul. Esta obra incentivou o lançamento dos primeiros condomínios logísticos na região dos municípios de Parnamirim e São José de Mipibú.

2.2.6.3. TURISMO

O potencial turístico do município de Natal e do estado é muito significativo. Segundo a Secretaria de Turismo existem em Natal 3.814 empreendimentos turísticos, divididos em agências, empresas de alimentação, entretenimento, hospedagem e locadoras de veículos.

A capacidade de desenvolvimento dessa atividade econômica vem ganhando espaço com a adoção de políticas públicas, fundadas na organização interna e na capacitação dos órgãos públicos, tais como Secretarias Municipais, Secretaria Estadual de Turismo e também nos investimentos privados, seja na montagem de estrutura de lazer para atendimento familiar ou no atendimento à demanda coletiva e social.

O fluxo de usuários dos recursos turísticos oferecidos pela região tem aumentado, nos últimos anos, criando assim novas oportunidades de emprego, abrindo-se perspectivas profissionais e, com elas, novas demandas que exigem, em curto prazo, por exemplo, opções relacionadas com o meio ambiente e com atividades empresariais.

No âmbito do turismo internacional e nacional, é possível afirmar que, mesmo após o período de crise de 2008, o turismo ainda tem se mostrado relevante para a atividade econômica desenvolvida no RN. Hoje, Natal é um dos principais destinos do turista nacional e trabalha para recuperar o estrangeiro.

O Parque hoteleiro e os meios de hospedagem atendem com qualidade sua clientela. Natal tem a segunda maior capacidade média de hospedagem por estabelecimento do Brasil, segundo a Pesquisa Serviço de Hospedagem 2011, divulgada em fev/2012, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados apontam que, apesar de ser apenas a 6ª do país e a 3ª do Nordeste em número de leitos – são 19.532 no total, o índice tende a ficar mais expressivo, no que depender de investimentos programados pelo setor. Segundo a Associação Brasileira da Indústria dos Hotéis do Rio Grande do Norte (ABIH/RN), a cidade vai ganhar pelo menos cinco mil novos leitos nos próximos anos, o que renderá ao estado R\$ 340 milhões em investimentos.

De acordo com o Governo do Estado do RN, em apenas cinco anos o número de visitantes no Rio Grande do Norte praticamente dobrou – saiu de 1.423.886 em 2002, para 2.096.322 em 2007. Destes, 1.750.882 foram brasileiros, quase 500 mil a mais que em 2004. Já os turistas estrangeiros aumentaram em mais de 100% com base em dados da secretaria de Turismo do Município. Em 2007, foram 1.578.165 desembarques de passageiros no Estado, número que saltou para 1.894.113 em 2010.

Assim, o turismo pode ser visto como uma das atividades econômicas primordiais, já que é a maior geradora de emprego e renda e possui outras 54 atividades atreladas direta ou indiretamente. Destaca-se, ainda, o fato de que, em

2014, a cidade de Natal será uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol, considerado o maior evento esportivo da atualidade.

De qualquer forma, o fluxo de pessoas aumenta e diversifica a necessidade dos profissionais qualificados, bem como de agentes promotores do desenvolvimento. Com a demanda aumentada, ano a ano, esta capacidade precisa ser gerenciada tanto quantitativamente como na qualidade de atendimento, e o UNIFACEX está apto a contribuir com o desenvolvimento destes trabalhos. Como oportunidades de investimentos, destacam-se: hotelaria, restaurantes, bares e similares, casas de espetáculos, esportes náuticos, camping, turismo ecológico e serviços diversos, particularmente ligados à produção e comercialização de artesanato.

Cabe ressaltar ainda que para melhor distribuir os investimentos e acompanhar o desenvolvimento turístico, o estado está dividido em cinco polos valendo destaque para o Polo Costa das Dunas que abrange expressiva faixa litorânea onde o fluxo turístico concentra-se com maior relevância ao sul da capital, com presença marcante de praias, dunas, lagoas, importantes reservas de Mata Atlântica do Estado (Baía Formosa, Natal e Tibau do Sul) e falésias.

Na costa litorânea norte, abundam recifes de corais, compostos de crostas de algas e esqueletos de animais que vivem em colônias, grandes dunas fixas e móveis, belas lagoas e praias exuberantes. Este polo também concentra um grande número de atrações culturais que contam um pouco da rica história do Rio Grande do Norte. O Polo Costa das Dunas contempla 18 municípios, beneficiando mais de 1,1 milhão de pessoas, que correspondem à população residente estendendo-se por cerca de 200 km, costeando o Oceano Atlântico.

Em nov/2011, o UNIFACEX, que já vinha participando das discussões sobre as ações desenvolvidas pelo Polo, fora contemplado com um assento no Conselho de Turismo do Polo Costa das Dunas, conduzido pelo Banco do Nordeste e Secretaria Estadual de Turismo, como membro do Terceiro Setor para o biênio 2012-2013.

2.2.6.4. AGRICULTURA E AGROPECUÁRIA

A atividade agrícola no estado do Rio Grande do Norte possui dois modelos:

- a) Agricultura de sequeiro, que aproveita o período chuvoso para a produção de alimentos nas chamadas culturas de subsistência, feijão, milho e sorgo, principalmente, além da castanha de caju, da qual somos um dos maiores produtores do Nordeste;
- b) Agricultura irrigada, com o cultivo planejado de banana, manga, melancia e, principalmente, melão. Graças à atividade da fruticultura irrigada, com destaque para os municípios do Vale do Açu, Mossoró e entorno, o Rio Grande do Norte é um dos maiores exportadores de frutas do Nordeste.

Na agropecuária, merece destaque o gado de corte, leite e recria das raças Holandesa, Girolanda, Nelore, Santa Gertrudes, Simental. Dada a sua importância, anualmente o Associação Norte-rio-grandense de Criadores (ANORC), promove a Festa do Boi, no Parque Aristófares Fernandes, em Parnamirim, reunindo os principais criadores do estado, da região Nordeste e mesmo destaques nacionais, de estados onde a atividade agropecuária, pelas condições climáticas favoráveis, é mais desenvolvida. Destaque para os leilões de raças, que terminam por atestas a qualidade do plantel dos criadores potiguaras.

Também devemos destacar a importância da agricultura familiar na geração de renda, empregos e, principalmente, na produção de alimentos no Rio Grande do Norte. Segundo informações do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), atualmente em nosso país há cerca de 4,5 milhões de estabelecimentos agropecuários de caráter familiar, correspondendo a 80% do total, responsáveis pela ocupação de cerca de 70% da mão-de-obra na área rural dos municípios brasileiros. Tal realidade pode também ser verificada no nosso estado.

Deve-se destacar que, apesar de todo o desenvolvimento vivenciado num período em que as grandes economias do mundo patinavam, assim como o Brasil de forma geral, o estado do Rio Grande do Norte foi impactado pela crise do sistema financeiro americano de 2008, tendo suas atividades econômicas reduzidas. É possível afirmar que alguns indicadores econômicos sofreram perdas no decorrer do período, provocando um efeito de redução de riqueza dos agentes econômicos (tanto pessoas físicas quanto jurídicas).

Todavia, sem maiores consequências, o Brasil atravessou a crise e passou a ser visto como dono de uma posição privilegiada. Assim como o país, a atividade econômica do RN mostra sinais sólidos de recuperação.

Os dados supracitados evidenciam e corroboram o argumento de que o estado necessita, agora mais do que nunca, de profissionais qualificados e capazes de proporcionar condições para a transformação que se apresenta. Tal demanda representa postos de trabalho potenciais disponíveis para absorver os egressos de cursos implantados e a serem implantados pela Instituição de Ensino Superior (IES), como também destaca a importância do desenvolvimento do estado através de atividades de pesquisa e de extensão.

De fato, todo esse desenvolvimento nos diversos segmentos da economia do RN tem demandado naturalmente uma expansão dos serviços associados à indústria da construção. Aliado a isso, a necessidade do governo em incentivar o crescimento econômico, o retorno das flexibilizações bancárias e, em Natal, a Copa do Mundo de 2014, são os principais motivos para acreditar que os anos vindouros serão de grandes investimentos em infraestrutura.

De forma complementar, pode-se dizer que a Construção Civil é um segmento representativo na economia brasileira. Na região Nordeste o setor tem crescido substancialmente. Esse crescimento contribui diretamente com o desenvolvimento do Estado e da região, gerando empregos e aquecendo o setor imobiliário.

2.2.7. POPULAÇÃO DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO UNIFACEX

O UNIFACEX é uma instituição de ensino superior localizada na região metropolitana da cidade de Natal-RN. Além da capital do Estado, o UNIFACEX atende a outros municípios em uma região bastante povoada.

A tabela 1 demonstra a área de atuação do UNIFACEX que, de forma geral, atende à região metropolitana de Natal e municípios circunvizinhos, totalizando aproximadamente 1.350.000 habitantes.

LOCAL	POPULAÇÃO
ESTADO	3.168.027
Natal	803.739
Parnamirim	202.456
Ceará-Mirim	69.005
Macaíba	69.467
Extremoz	24.569
São Gonçalo do Amarante	87.668
São José de Mipibu	39.776
Monte Alegre	20.685
Nísia Floresta	23.784

Tabela 1: População de natal e municípios circunvizinhos

Fonte: IBGE (2010)

Vivemos um momento na história humana onde conhecer é empoderar-se. O mercado busca profissionais que apresentem um currículo onde fique evidenciado seu interesse pelo conhecimento, pois em um mundo globalizado é exigido dos profissionais o estabelecimento de conexões e competências que só o conhecimento é capaz de mobilizar.

É importante destacar que a dinamicidade das mudanças de natureza social, política, econômica, cultural e tecnológica, oriundas do reflexo da globalização,

repercute na necessidade das pessoas apropriarem-se do conhecimento sistematizado para fazer frente às novas exigências do mundo do trabalho e da própria sociedade.

Nesse contexto, a busca da população pelo acesso à educação tornou-se um imperativo por parte dos cidadãos, fato que tem ocasionado impactos na educação superior, sob diversos aspectos.

Hodiernamente, o Brasil apresenta 2.391 Instituições de Ensino Superior, no Nordeste 446 sendo o estado do Rio Grande do Norte possuidor de 25 delas, estando quinze localizadas em Natal. Dessas, vinte e uma são de natureza privada e contam com 69.6218 alunos matriculados (MEC/INEP/DEED 2013).

A expansão do ensino superior tem sido uma realidade educacional em todo o Brasil, pois as Instituições de Ensino Superior representam cada vez mais um segmento importante para a sociedade brasileira.

No Rio Grande do Norte, o UNIFACEX desenvolve suas atividades no município de Natal, mas os reflexos da sua ação são sentidos numa área de abrangência formada, principalmente, por 09 municípios, conforme mostra a tabela 1.

Apesar dos avanços obtidos, nos últimos anos, com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), é evidente a importância da participação das instituições privadas para a inclusão e melhoria do ensino superior no Brasil, devido, principalmente, à limitação que os meios públicos demonstram de atender a demanda existente.

De forma qualitativa, o quadro educacional da sociedade brasileira, e também norte-rio-grandense, tem mostrado avanços significativos. As instituições privadas participam ativamente do processo de inclusão dos brasileiros que até então estavam marginalizados e excluídos da educação superior.

2.3. DO CONTEXTO EDUCACIONAL

2.3.1. PANORAMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL E NO RN

Até a segunda metade da década de 1990 foi realizada no Brasil uma reforma educacional sem precedentes, que ainda está em processo. Com efeito, do ensino fundamental ao superior uma institucionalização de leis e decretos, promulgados desde 1995, acionou mudanças em aspectos tão variados quanto financiamento, gestão, acesso, avaliação, currículo e carreira docente. Continuou avançando através de outros modelos de gestão da educação brasileira.

A oferta no ensino médio em 2012 totalizou 8.376.852 matrículas, 0,3% menor que em 2011. Assim como em anos anteriores, a rede estadual continua a ser a maior responsável pela oferta de ensino médio, com 85% das matrículas. A rede privada atende 12,7% e as redes federal e municipal atendem juntas pouco mais que 2%. (INEP 2013)

De acordo com a tabela 2 dados preliminares do Censo escolar 2014 mostraram que essa distribuição está presente em todas as regiões, com pequenas variações. No Rio Grande do Norte a distribuição de matrículas referente ao ensino médio na esfera estadual: 108.276 matrículas, municipal: 0 matrículas, Federal: 8.688 matrículas, privadas: 18.123 matrículas.

Unidade da Federação	ENSINO MÉDIO
	NUMERO DE MATRICULAS
	Total
Nordeste	2.486.394
Maranhão	306.762
Piauí	127.171
Ceará	384.808
R. G. do Norte	134.491
Paraíba	136.705

Pernambuco	381.091
Alagoas	127.191
Sergipe	81.156
Bahia	295.472

Tabela 2 – Número de matrículas no ensino médio em 2014.

Fonte: MEC/Inep/Deed.

A Educação Básica tem por finalidade, segundo o artigo 22 da LDB, "desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores". Esta última finalidade deve ser desenvolvida precipuamente pelo ensino médio, uma vez que entre as suas finalidades específicas incluem-se "a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando" a ser desenvolvida por um currículo que destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania (RAMOS, 2003).

Dentro do Cenário Nacional o MEC está em processo de implementação do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) que é definido como uma ferramenta gerencial que auxilia a escola a realizar melhor o seu trabalho: focalizar sua energia, assegurar que sua equipe trabalhe para atingir os mesmos objetivos e avaliar e adequar sua direção em resposta a um ambiente em constante mudança. Todas as ações realizadas com os Estados e Municípios necessitam de articulações através da construção e apresentação de Plano de Ações Articuladas, momento em que após a assinatura de um Termo de Cooperação Técnica o Ministério da Educação repassa recursos e assistência técnica.

2.3.2 PANORAMA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E NO RN

A dinamicidade das mudanças de natureza social, política, econômica, cultural e tecnológica, oriunda do reflexo da globalização, repercute na necessidade das pessoas apropriarem-se do conhecimento sistematizado para fazer frente às novas exigências do mundo do trabalho e da própria sociedade.

Nesse contexto, a busca da população pelo acesso à educação tornou-se um imperativo por parte dos cidadãos, fato que tem ocasionado impactos na educação superior sob diversos aspectos. Segundo INEP (2013), o Brasil apresenta 2.391 Instituições de Ensino Superior, das quais, o nordeste possui 446 e destas, 279 são privadas. O Estado do Rio Grande do Norte possui 25 instituições de ensino superior, das quais, vinte são de natureza privada, sendo onze as que ofertam o curso de Enfermagem, dentre as quais oito são situadas em Natal.

Percebe-se, portanto, que a expansão do ensino superior tem sido uma realidade educacional em todo o Brasil, pois as Instituições de Ensino Superior (IES) representam cada vez mais um segmento importante para a sociedade brasileira. Diante dessa realidade, o UniFacex, respaldado em mais de 40 anos de serviços prestados a educação regional, apresenta-se à sociedade norte-rio-grandense como uma opção de ensino superior que contribui para melhorar a oferta de conhecimentos técnicos e científicos para os alunos oriundos do ensino médio através de cursos reconhecidos pelo MEC distribuídos nas diversas áreas do conhecimento.

Compreendemos que pensar a educação é pensar a vida em toda sua condição humana, considerando as influências sociais, políticas e econômicas sobre os destinos das estruturas que formam, reformam e transformam o homem enquanto ser educativo.

O processo de mudanças vivenciado nas últimas décadas, na perspectiva globalizante, apresenta conseqüências nos diferentes setores da sociedade. Dentre eles, destacam-se a educação e a saúde como espaços indissociáveis da construção de

políticas públicas. A compreensão das relações sociais nestes contextos, necessariamente, esboça um cenário de uma sociedade complexa, na qual se faz necessário discutir onde e como está se dando o processo de elaboração do conhecimento e sua aplicação no cotidiano.

A construção do SUS buscou muitas mudanças no setor saúde para a sociedade. Era uma questão de dívida social com o povo brasileiro, resultando em uma importante reforma setorial, construída com base na mobilização social. Assim, o SUS embasou-se em princípios e valores inovadores tendo como pressuposto o conceito ampliado de saúde que reformula as práticas, na perspectiva da intersetorialidade, da descentralização das ações, da integralidade e do controle social.

Surge então, como demanda social, a necessidade de promover mudanças na formação profissional de modo a aproximá-la dos conceitos e princípios que possibilitem a atenção integral e humanizada à população brasileira, pensada tanto no campo da atenção, quanto no campo da gestão de serviços e sistemas.

A posição assumida pela enfermagem no cenário nacional desencadeou movimentos e questionamentos quanto à formação do enfermeiro, tendo a ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem) se destacado na orientação e condução dos processos de discussão e avaliação da formação nos três níveis de ensino. Esse movimento de mudanças que envolveu docentes, discentes, escolas de enfermagem, enfermeiros de serviços e entidades da categoria, possibilitou de forma orgânica a redefinição dos rumos para a educação em enfermagem, o que se consolidou através dos Seminários Nacionais de Diretrizes para Educação em Enfermagem – SENADEns.

Considerando a vontade institucional em contribuir, através da formação, com a reformulação do modelo assistencial de saúde no estado do Rio Grande do Norte, a UNIFACEX lançou uma proposta para o ensino superior em enfermagem, tendo inicialmente a responsabilidade de construir um Projeto Político Pedagógico compatível com as recomendações das DCNEn.

Assim, propõe criar espaços de aprendizagens que possibilitem a interação entre ser e conhecer, pensar e fazer, intervir e cuidar, considerando os aspectos da subjetividade, do pensamento crítico-reflexivo e das habilidades técnicas, políticas e humanas.

A proposta de desenvolvimento do Centro Universitário Facex vem ao encontro do compromisso de manter o progressivo crescimento para atender às necessidades locais e regionais de forma que faça desta Instituição uma das principais referências em ensino, pesquisa/iniciação científica e extensão do Estado do Rio Grande Norte.

2.4. CARACTERÍSTICAS DA INSTITUIÇÃO

2.4.1. PERFIL INSTITUCIONAL

2.4.1.1. MISSÃO

A missão do Centro Universitário FACEX, é “disseminar os saberes, entendendo o contexto e atendendo a sociedade por meio do ensino, extensão e da iniciação científica, comprometido com o desenvolvimento político, ético, cultural e socioambiental.”

2.4.1.2. VISÃO DE FUTURO

Em sua visão de futuro, o Centro Universitário UNIFACEX pretende consolidar-se como uma das mais importantes instituições de ensino superior do estado e da região, contribuindo com o ensino, a pesquisa e a extensão, sempre sintonizado com as tendências e vocações do mundo do trabalho e com o desenvolvimento sustentável da região onde está inserido.

2.4.1.3. PRINCÍPIOS

A missão institucional demonstra que o Centro Universitário UNIFACEX estar comprometido com a qualidade intelectual da formação de seus alunos, com a qualidade do atendimento às necessidades, aos anseios e às expectativas da sociedade, formando profissionais competentes e capazes de encontrar soluções criativas para os problemas locais, regionais e nacionais.

Este compromisso institucional está ancorado em princípios filosóficos e crenças ético-educacionais que norteiam as suas ações, entre os quais cabe destacar:

- Consciência de sua responsabilidade social, compromissado com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- Atuação permanente no resgate da cidadania – na formação do cidadão, ser ético e político, consciente de seus direitos e deveres, apto a intervir no processo de desenvolvimento socioeconômico da comunidade em que atua, com uma visão integradora de sociedade e do mundo;
- Ação aglutinadora, aberta a todo saber, crítica, criativa e competente, capaz de contribuir com o desenvolvimento do Estado e da região em que está inserido.
- Compromisso com resultados na busca contínua do elevado desempenho acadêmico-científico de sua comunidade;
- Disponibilidade para fazer parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração com vistas à formação e ao aperfeiçoamento dos valores humanos;
- Igualdade de condições para o acesso e a permanência na Instituição;
- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- Respeito à liberdade e apreço à tolerância;

- Garantia de padrão de qualidade e vinculação entre a formação acadêmica, o trabalho e as práticas sociais;

2.4.1.4. OBJETIVO GERAL

Formar profissionais e desenvolver atividades acadêmicas nas diversas áreas do conhecimento, estimulando a criação cultural, o espírito científico e o pensamento reflexivo, bem como a construção dos valores humanos, tendo em vista os problemas do mundo presente, visando contribuir para o desenvolvimento local, regional e nacional.

Destaca-se que o objetivo geral será traduzido da seguinte forma:

- Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, propiciando condições de educação ao homem, como sujeito e agente de seu processo educativo e de sua história, pelo cultivo do saber, em suas diferentes vertentes, formas e modalidades.
- Formar valores humanos nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira.
- Incentivar e apoiar a iniciação e a investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e a criação e difusão da cultura.
- Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação.
- Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

- Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.
- Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas no Centro Universitário.
- Preservar os valores éticos, morais, cívicos e cristãos, contribuindo para aperfeiçoar a sociedade, na busca do equilíbrio e bem estar do homem.
- Ser uma instituição aberta à sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de todas as faculdades intelectuais, físicas e espirituais do homem. e
- Ser uma instituição compromissada com o desenvolvimento da cidade de Natal e, em especial, do Estado do Rio Grande do Norte e com a preservação da memória das manifestações culturais e folclóricas de seu povo.

2.4.1.5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atender ao objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- Aperfeiçoar, permanentemente, a organização administrativa com vistas à eliminação de disfunções burocráticas e à promoção da gestão proativa de médio e longo prazo;
- Desenvolver o corpo docente e técnico-administrativo, viabilizando a associação entre o máximo de qualificação acadêmica com o máximo de compromisso social da Instituição;
- Sistematizar projetos e programas para garantir o acesso, a permanência e o desenvolvimento do corpo discente;

- Aperfeiçoar a organização didático-pedagógica de forma a garantir atividades e serviços acadêmicos de excelência;
- Ofertar cursos de graduação e de pós-graduação nas diferentes áreas de conhecimento e em consonância com os anseios da sociedade e, consequentemente, com o mercado de trabalho.
- Fomentar a investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, a difusão da cultura e o entendimento do homem e do meio em que vive;
- Promover a extensão e a cultura extensionista, aberta à participação da comunidade, visando à difusão dos resultados e benefícios da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica;
- Propiciar condições e infraestrutura compatível com a comunidade acadêmica e com o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas pelo Centro;
- Consolidar mecanismos de gestão financeira e orçamentária que permitam o desenvolvimento institucional sustentável;
- Aprimorar o processo de acompanhamento e avaliação das atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, do planejamento e da gestão universitária.

Ressalta-se que esses objetivos específicos representam o fundamento para a construção das metas e do plano de ação institucional.

2.5. ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

A estrutura acadêmico-administrativa do Centro Universitário é composta por órgãos colegiados, executivos e de representação, em três níveis hierárquicos, são eles:

I – Órgãos da Administração Superior.

-
- Conselho Universitário (CONSUNI).
 - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPEX).
 - Reitoria.
 - Pró-reitoria Acadêmica.
 - Pró-reitoria Administrativa.

II – Órgão da administração básica.

-
- Coordenação de Pesquisa e Extensão.
 - Coordenação da Pós-graduação.
 - Conselhos de Cursos.
 - Coordenadorias de Cursos.
 - Secretaria Geral.
 - Biblioteca Geral.

III – Órgãos suplementares e de apoio.

O Centro Universitário FACEX dispõe de unidades suplementares destinadas a apoiarem as atividades de ensino, pesquisa e extensão, cabendo ao Conselho Universitário – CONSUNI, disciplinar a sua criação e funcionamento.

2.5.1. ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DO CENTRO UNIVERSITÁRIO

A estrutura acadêmico-administrativa do Centro Universitário é composta por órgãos colegiados, executivos e de representação, conforme está disposto em seu Estatuto.

I - Conselho Universitário – CONSUNI, que é o órgão superior de natureza deliberativa e normativa e de instância final para todos os assuntos acadêmico-administrativos, é integrado:

- Pelo Reitor, seu Presidente;
- Pelos Pró-Reitores;
- Por um representante do corpo docente, escolhido por seus pares, em lista tríplice;
- Por um representante do corpo discente, indicado na forma da lei;
- Por um representante do corpo técnico-administrativo, escolhido pelo Reitor, em lista tríplice;
- Por um representante da Mantenedora, indicado por esta;
- Por dois representantes da comunidade, indicado pela Mantenedora dentre as entidades por ela credenciada.

II - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX, órgão central de supervisão das atividades de ensino, pesquisa e extensão, possui atribuições deliberativas, normativas e consultivas e é composto:

- Pelo Reitor, seu Presidente;
- Pelos Pró-Reitores;
- Coordenador de pesquisa e extensão
- Por quatro representantes dos coordenadores de curso, escolhidos por seus pares;
- Por quatro representantes do corpo docente, escolhidos por seus pares;
- Por um representante do corpo discente, indicado na forma da lei.

III - Reitoria é órgão executivo da administração superior do Centro Universitário e é integrado pela Pró-Reitoria de Administração e pela Pró-Reitoria Acadêmica.

- Pró-Reitoria Administrativa é o órgão auxiliar destinado a supervisionar as atividades de apoio administrativo e tecnológico para o desenvolvimento das funções de ensino, pesquisa e extensão.
- Pró-Reitoria Acadêmica é o órgão auxiliar e assessor da Reitoria responsável pela supervisão do ensino, da pesquisa e da extensão.
- Integram, ainda, a Reitoria, o Gabinete do Reitor, que deve acompanhar e auxiliar o Reitor em suas atividades e deliberações, a Comissão Própria de Avaliação – CPA e a Ouvidoria.

A CPA cuja missão é desenvolver o processo de avaliação institucional e a Ouvidoria cuja finalidade é ouvir, encaminhar e acompanhar críticas e sugestões, são importantes elos de comunicação entre o Centro Universitário e a comunidade externa e interna.

2.5.2. ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO BÁSICA

A administração básica contempla os seguintes órgãos:

- Coordenação de pesquisa e extensão - é o órgão responsável pela organização, supervisão e execução de todos os programas de pesquisa e extensão desenvolvidos pela Instituição.
- Conselho de Curso - é o órgão deliberativo e normativo, responsável por dirimir sobre questões administrativas do curso.
- Coordenadoria de Curso – é a entidade executiva responsável pela operacionalização do projeto pedagógico do curso e de outras deliberações de seus conselhos.
- Secretaria Geral – é o órgão responsável por organizar e gerir o sistema de registro e controle acadêmico da Instituição, centralizando todas as ações de

controle do desempenho e frequência de alunos da graduação e dos cursos e programas de pós-graduação, em todos os níveis.

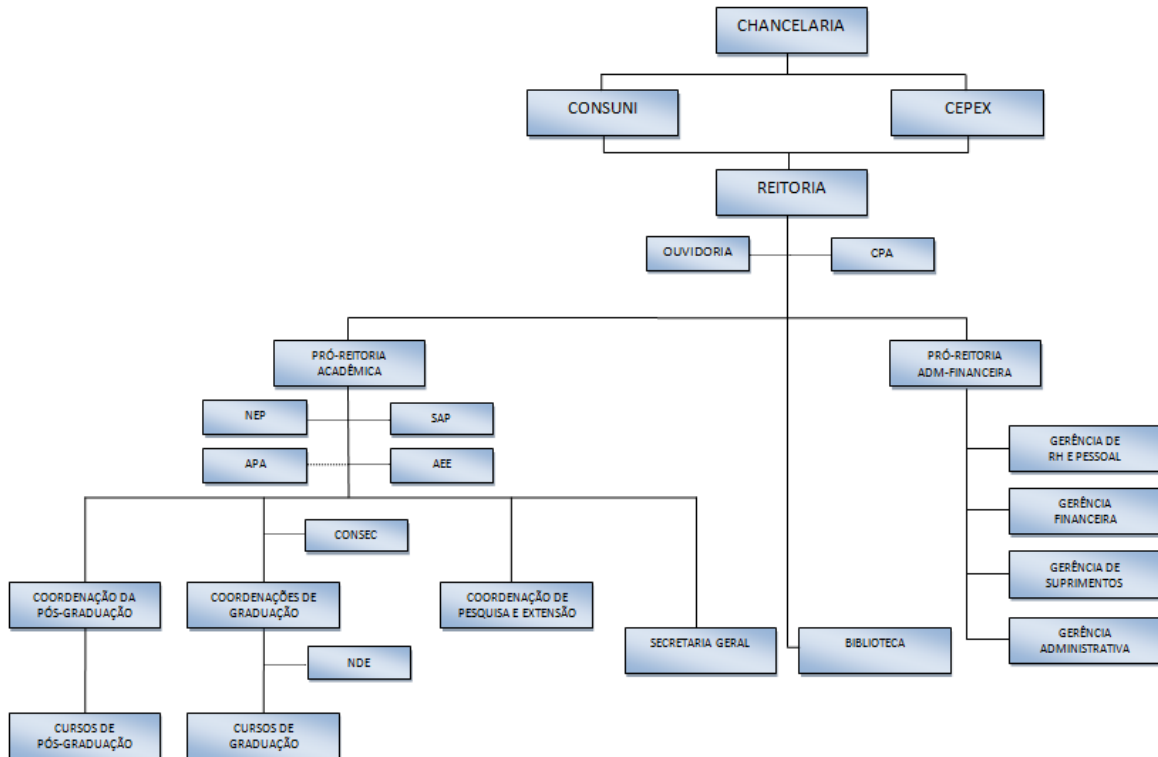
- Biblioteca Geral - é o órgão encarregado pelas atividades da Ciência da Informação, organizadas para estudo, leitura e consulta de livros, documentos, periódicos e outros acervos, em apoio às funções de ensino, pesquisa e extensão.

2.5.3. ÓRGÃOS ESPECIAIS E SUPLEMENTARES

Os órgãos suplementares serão criados pelo Conselho Universitário – CONSUNI, mediante proposta de qualquer unidade acadêmico-administrativa, por intermédio da Reitoria.

Cabe ao Reitor encaminhar ao Conselho Universitário – CONSUNI, para parecer conclusivo, as propostas sobre a criação de órgãos suplementares que lhe forem submetidas.

2.5.4. ORGANOGRAMA



2.5.5. DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS

Os documentos institucionais orientam, por meio de normas e regulamentos, o funcionamento e as relações da instituição. Dentre estes, podem ser citados:

- Estatuto da Entidade Mantenedora.
- Estatuto do Centro Universitário.
- Regimento Geral do Centro Universitário.
- Regulamentos internos.

A Instituição manterá todos os documentos disponíveis para verificação in loco

2.5.6. RELAÇÕES ENTRE A MANTENEDORA E A MANTIDA

O UNIFACEX entende que é salutar que Mantenedora e Mantida estabeleçam entre si laços interinstitucionais vigorosos, cada uma delas comportando-se de acordo com o papel que lhes é pertinente com ênfase no profissionalismo de gestão e da integração entre ambas.

Desta forma, a harmonia entre o trabalho da Entidade Mantenedora e o trabalho desenvolvido pela Instituição Mantida resultará no sucesso educacional pretendido. Quando não fica tão claro e bem explicitado, o relacionamento entre a Mantenedora e a Mantida, pode ocorrer ingerência de funções com sobrecarga de trabalho nas mantenedoras e, outras vezes, até tumultuar o labor das instituições mantidas.

A desejável autonomia, nas suas mais variadas dimensões, resultará de normas, diretrizes e estratégias fixadas pelas instâncias competentes. É fundamental no trabalho de gestão de mantenedora e mantida criar marcas reconhecidas na comunidade e desenvolver o carisma dos educadores que as integram. Estas atuarão da melhor forma para atender ao seu público, tendo como base um adequado sistema de planejamento constituído dos seguintes instrumentos:

- Projeto Político-pedagógico Institucional, no qual está clara a missão, a vocação, os objetivos, os princípios e as diretrizes da Instituição Educacional.
- Plano de Desenvolvimento Institucional, de duração plurianual.
- Planejamento Estratégico, do qual decorrerá o sistema de acompanhamento acadêmico, administrativo e financeiro.

O Centro Integrado para Formação para Executivos (CIFE) que é a entidade Mantenedora do Centro Universitário FACEX, possui uma sólida filosofia educacional estabelecida, traduzida no seu Projeto Político-pedagógico Institucional, sendo responsável por:

- Aprovar o orçamento anual.
- Aprovar as alterações do seu Estatuto.
- Gerir os recursos humanos.
- Apreciar e aprovar como instância final todas as matérias que impliquem em aumento de despesas.
- Aprovar contratos, convênios e acordos.
- Designar os seus dirigentes.
- Realizar investimentos institucionais.
- Definir pleitos a serem apresentados perante as instituições governamentais que são detentoras do patrimônio institucional.

Além disso, a Entidade Mantenedora é detentora das anuidades/semestralidades escolares e, em consequência, responsável pelo financiamento orçamentário da Instituição Mantida.

A Entidade Mantenedora é ainda responsável juridicamente pela existência e funcionamento do Centro Universitário FACEX, cabendo-lhe respeitar e assegurar a autonomia deste, na forma da lei e do Estatuto, por meio da liberdade acadêmica dos corpos docente e discente, da autoridade própria de seus órgãos deliberativos e executivos e da sua autonomia didático-científica.

Em outras palavras, o Centro Universitário FACEX goza de autonomia didático-científica, administrativa, da execução orçamentária e disciplinar, a ser exercida na forma da Lei e do seu Estatuto.

2.5.7. PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL (PDI)

O Plano de Desenvolvimento Institucional é fruto de um trabalho coletivo que conta com a participação de representantes de todos os setores da estrutura organizacional do Centro Universitário FACEX.

O Plano de Desenvolvimento Institucional reflete o esforço para conceber ao UNIFACEX, numa nova modalidade institucional (Centro Universitário) em sua totalidade, a partir da visão que insere no plano regional e nacional. A primeira etapa deste trabalho permite diagnosticar os elementos obstacularizadores e facilitadores das ações institucionais, bem como a definição de princípios e diretrizes que fundamentam a concepção da Instituição contextualizada em seu espaço-tempo e que participa da transformação social.

Com base nessas premissas, são elaborados planos de ação coerentes com as diretrizes gerais expressas no documento. Esta atividade visa à racionalização no uso dos recursos, o incremento das atividades, o desenvolvimento dos projetos e a formação de novos perfis acadêmicos em consonância com as demandas sociais existentes.

Destaca-se que o Plano de Desenvolvimento Institucional do Centro Universitário UNIFACEX foi pensado para vigorar no período de 2011 a 2015. Com este documento a Instituição se alinha à nova era baseada num ambiente que busca autonomia para torná-la inovadora, com expressão regional, dimensão compatível com seu atual estágio de desenvolvimento, tendo em vista as necessidades futuras que a realidade impõe.

Desta forma, buscou-se construir um PDI coerente com a missão institucional, sendo aprofundadas e efetivadas as seguintes ações estratégicas gerais:

- a) Crescimento para mudar e consolidar o papel do UNIFACEX no ensino superior local e regional.
- b) Inovação para ‘incubar’ e disponibilizar soluções inovadoras por meio do ensino, da pesquisa/iniciação científica e da extensão, no sentido de colaborar na resolução de problemas estruturais do Estado do Rio Grande do Norte e do Brasil.
- c) Consolidação Institucional para tornar o conjunto de ações do UNIFACEX num sistema altamente integrado, com presença efetiva e

visível em todos os campos de conhecimento que pretende atuar, nos próximos cinco anos.

- d) Autossustentação das atividades acadêmicas e administrativas e das ações estratégicas em médio e em longo prazo.

Um novo desafio agora se impõe: fazer acontecer o plano para que até o ano de 2015, o Centro Universitário FACEX seja reconhecido tanto pela integração, crescimento e consolidação institucional, como também pela relevância de sua contribuição na solução dos problemas locais e globais que se apresentam.

É importante frisar que o processo de planejamento apresentado está caracterizado por ser participativo, contínuo, gradativo e flexível, existindo, ao longo do tempo, correlação entre a profundidade e amplitude das ações planejadas e o grau de intervenção no Centro. Dentro desta ótica, os acontecimentos evoluirão de forma gradativa e integrada, possibilitando procedimentos de maior eficácia.

Nesse processo, faz-se necessário programar ações que venham a possibilitar a formação de conceitos, o delineamento de propostas, a retroalimentação do processo, a mudança ou reafirmação de paradigmas, como condições de construção da situação pretendida e de superação da situação atual.

A passagem de uma fase para outra ocorrerá quando houver um bom grau de implementação das ações previstas, especialmente aquelas que são pré-requisitos para a fase seguinte. A disponibilidade de recursos necessários para proceder-se a mudança de fase também é fator condicionante neste processo.

2.5.8. REPRESENTAÇÃO DOCENTE E DISCENTE

As formas de participação do corpo docente, nas atividades de direção do UNIFACEX, estão disciplinadas no Regimento da seguinte maneira:

- a) No Conselho Superior, órgão máximo de deliberação em matéria administrativa didático-científica e disciplinar, composto por um

coordenador de curso do UNIFACEX, por dois representantes do corpo docente, por um representante do corpo discente.

- b) No Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, órgão técnico de coordenação e assessoramento, em matéria de ensino, pesquisa e extensão, constituído por dois coordenadores de curso do UNIFACEX, por dois professores e por um representante do corpo discente.
- c) No Conselho do Curso, órgão que delibera sobre o PPC do curso e ainda sobre atividades operacionais discente e docente, constitui-se pelo coordenador do Curso, por professores do curso (em número máximo de cinco e mínimo de três) e por um representante discente.
- d) Os professores exercem, ainda, como membros do corpo docente, suas atribuições, relacionadas no art. 157 do Regimento do UNIFACEX.

2.6. ADMINISTRAÇÃO DA IES

2.6.1. COERÊNCIA ENTRE A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E A PRÁTICA ADMINISTRATIVA

Nos processos decisórios do Centro Universitário UNIFACEX estão presentes a integração entre os diversos segmentos institucionais, demonstrada por meio de sua estrutura organizacional, de acordo com o disposto no Regimento.

O UNIFACEX assegura como forma de aplicação do princípio de gestão democrática, a integração entre a gestão administrativa, os seus órgãos colegiados e os cursos em suas diversas modalidades. Para tanto, implantou o Conselho Superior – CONSUP, órgão máximo de deliberação da Instituição que exerce a função de planejamento, implantação, acompanhamento e melhoria contínua dos cursos do UNIFACEX. Evidencia-se a existência do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX, órgão deliberativo e de supervisão das funções de ensino, pesquisa e extensão e do Conselho de Curso.

Neste sentido estabelece, ainda, as responsabilidades e áreas de competência da mantenedora e da mantida, o que permite e promove, conseqüentemente, a democratização do conhecimento, mediante a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

Ressalta-se ainda que entre os principais objetivos da Instituição estão: definir diretrizes que levem à reestruturação acadêmica e à modernização da gestão administrativa em suas várias instâncias; dimensionar, formalizar e implantar um conjunto de normas de trabalho capazes de promover a melhoria do processo integrado e sistêmico ensino-pesquisa-extensão.

2.6.2. AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

A política adotada pela Instituição para a avaliação institucional visa assegurar uma sistemática de avaliação interna e externa, que contemple as dimensões qualitativa e quantitativa, vitais para o acompanhamento e o aperfeiçoamento do modelo de gestão atual.

Para o sucesso do planejamento e da gestão organizacional, e para que os objetivos e metas aqui definidos sejam efetivamente atingidos, é fundamental que haja um acompanhamento efetivo de todo o processo de elaboração e implantação do PDI, bem como, verificar se os resultados obtidos estão em consonância com os planejados. O acompanhamento dos objetivos e das ações realizadas permite que os mesmos possam ser revistos e alterados, ante o dinamismo do processo educacional.

Em sendo assim, seja para cuidar que as ações estejam sendo cumpridas, seja para rever as metas inicialmente estabelecidas, o UNIFACEX faz o constante acompanhamento do Plano de Desenvolvimento Institucional, dos objetivos traçados e das metas estabelecidas por meio de um processo bem definido de avaliação.

Neste sentido, os objetivos e metas que foram frutos de ampla discussão devem ser acompanhadas por toda a comunidade acadêmica. Nesta perspectiva, a

avaliação do desenvolvimento institucional é um processo de criação de cultura, de busca contínua de atualização e de autossuperação pelos atores-sujeitos e de autorregulação institucional, ao nível das estruturas de poder e do sistema, assegurando, assim, sintonia com as mudanças operadas no entorno, na economia, na ciência e tecnologia.

Pressupõe o envolvimento e a disposição de cada ator-sujeito do processo universitário na busca de patamares superiores de qualidade e de relevância de seu fazer acadêmico. Trata-se de um processo de mudança e de melhoria lento, gradual, com avanços e retrocessos, de não acomodação, de compromisso com o futuro.

A avaliação do desenvolvimento institucional é um processo, sem fim, de busca da qualidade do fazer universitário e pressupõe e exige predisposição à mudança. Desta forma, a política para a avaliação institucional no UNIFACEX esta assentada nos seguintes objetivos:

- Orientar a gestão institucional, em suas dimensões política, acadêmica e administrativa, para promover os ajustes necessários à elevação do seu padrão de desempenho, em consonância com a Lei n. 10.861, de 14 de abril de 2004.
- Reformular as políticas gerais da Instituição e implementar as medidas apontadas pelo processo avaliativo mediante o compromisso da administração com o Programa;
- Aprimorar o sistema de geração, captação e sistematização dos dados acadêmicos e administrativos, permitindo assim o melhor planejamento organizacional, bem como a avaliação continuada dos produtos e processos;
- Incrementar o Processo de Avaliação Institucional, interna e externa, realizando estudos e diagnósticos das atividades-fim e das atividades-meio, identificando em que medidas elas se articulam e correspondem à

missão da Instituição na formação do profissional, na produção, divulgação e aplicação do conhecimento;

- Tornar permanente a avaliação institucional das atividades acadêmicas e administrativas como um dos pilares da melhoria da qualidade.

Assim, a Avaliação do Desenvolvimento Institucional implica a criação de uma metodologia de acompanhamento ordenado das ações e prioridades, analisando a distância entre o pretendido e o realizado com a finalidade de contribuir para o aprimoramento dos processos acadêmicos e administrativos do UNIFACEX e de sua imagem junto à sociedade, tendo como parâmetro de eficácia o alcance social das atividades, a eficiência do funcionamento e o crescimento destas atividades.

Desde a criação da Comissão Própria de Avaliação – CPA em 2004, o processo de Autoavaliação passou a ser uma das atribuições da CPA. Para tanto se utiliza de uma gama de instrumentos de acompanhamento e avaliação institucional que se encontra descrita no documento intitulado de “Plano de Avaliação Institucional”. Nele são detalhadas todas as fases do processo de avaliação interna, bem como aspectos metodológicos e epistemológicos relevantes. É importante ressaltar que, de forma geral e independente do instrumento utilizado, a CPA entende que as orientações do Conselho Nacional de Ensino Superior - CONAES, através das 10 dimensões, norteiam as políticas institucionais de planejamento e de avaliação.

Atualmente a autoavaliação da Instituição segue a sistemática da figura a seguir.

DESENHO DA AVALIAÇÃO

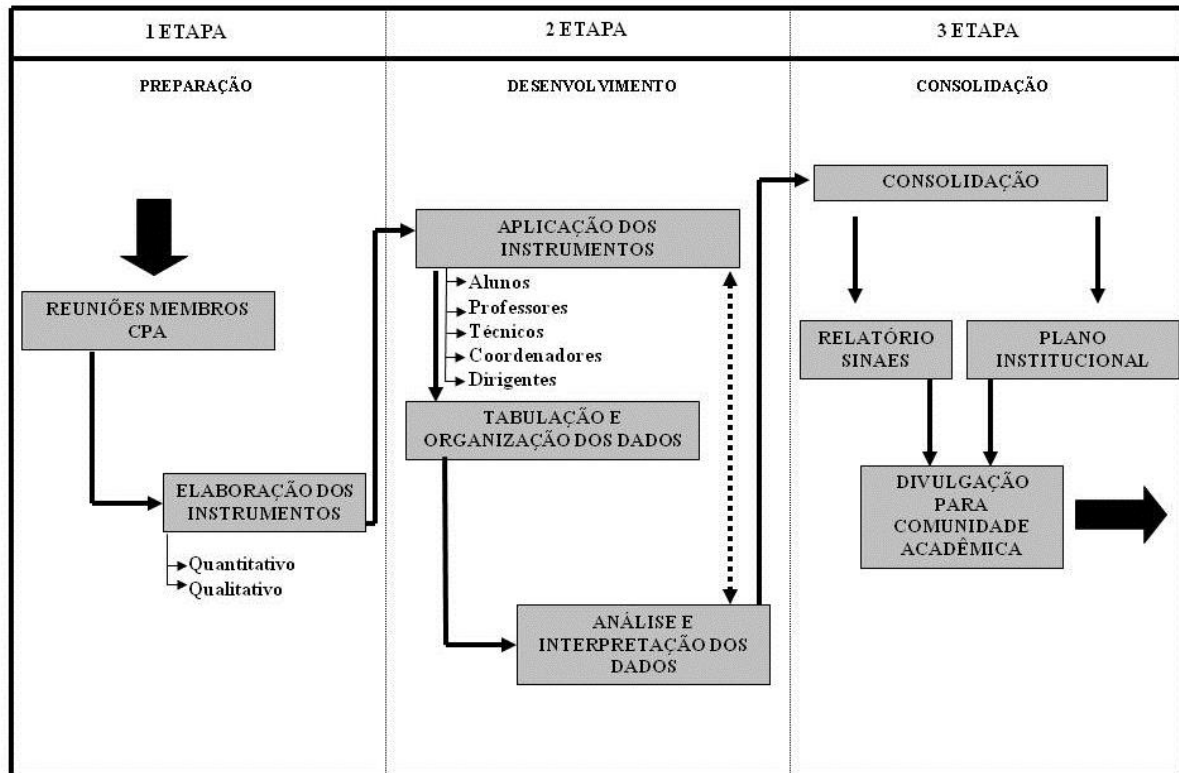


Figura 3: Sistemática de Avaliação da CPA.

2.6.3. ARTICULAÇÃO DA AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO COM A AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL

O Curso de Enfermagem está incluído no Programa de Avaliação Institucional, nos termos do Decreto nº 5.773/2006. Sua implantação foi acompanhada pela Comissão Própria de Avaliação e executada pelo Núcleo Docente Estruturante, com a participação Conselho, Coordenadoria, alunos, professores e funcionários.

O Núcleo Docente Estruturante avaliar e acompanhar o processo do desenvolvimento do perfil do egresso (materialização completa do PPC) conforme as diretrizes do Projeto Pedagógico do O Curso de Enfermagem, discutindo e reavaliando o que for necessário para implementação e aperfeiçoamento da proposta pedagógica.

A Comissão Própria de Avaliação acompanha a implantação do curso pretendido, tendo por base o presente projeto e suas possíveis alterações, e procede às avaliações periódicas, durante o seu funcionamento, tendo em vista o processo de reconhecimento, disciplinado pela Portaria MEC nº 877/97. A avaliação do curso compreende os aspectos curriculares (plano semestral de oferta de disciplinas, e diretrizes curriculares), metodológicos, além do cumprimento da missão, da concepção, dos objetivos e do perfil profissional delineado.

São avaliados, ainda:

- O corpo docente (titulação, regime de trabalho, programas de capacitação e plano de carreira, incluindo procedimentos de recrutamento, seleção, admissão e promoção);
- O corpo discente (evasão, aproveitamento, frequência, participação etc.);
- Biblioteca (acervo: atualização e ampliação; hemeroteca: ampliação; recursos multimídia; informatização; Internet etc.);
- Laboratórios (atualização tecnológica, ampliação do espaço físico, aumento dos equipamentos, política de uso, manutenção e conservação etc.);
- Instalações físicas gerais (manutenção, conservação e ampliação);
- Integração com a comunidade (programas de extensão e ações culturais, artísticas e desportivas);
- Programas de Iniciação Científica (PROIC).

A avaliação institucional é um processo de contínuo aperfeiçoamento do desempenho acadêmico e de prestação de contas à sociedade, constituindo-se em ferramenta para o planejamento da gestão e do desenvolvimento da educação superior.

A concepção de avaliação adotada apresenta um caráter pedagógico, sua função formativa deve ser entendida como parte constitutiva do desenvolvimento da Instituição. A IES acaba de fazer a avaliação bianual de 2012/2014 cujo relatório emitido pela CPA encontra-se disponível na Biblioteca e no site do UNIFACEX. A avaliação das instituições de ensino superior nos moldes do SINAES foi a fórmula encontrada pelo MEC para acompanhar o crescimento dessas instituições, garantindo a qualidade do ensino, a responsabilidade social, cultural e ambiental, como também o desenvolvimento em pesquisa, extensão e educação continuada.

A principal avaliação recomendada pelo SINAES é a AUTOAVALIAÇÃO BIENAL, que, na instituição, teve a 1ª edição em 2006, a 2ª em 2008 e a 3ª em 2010. Essa AUTOAVALIAÇÃO tem por finalidade:

- a) Impulsionar um processo criativo de autocrítica da Instituição, como evidência da vontade política de autoavaliar-se para garantir a qualidade da ação acadêmica;
- b) Identificar fragilidades, necessidades, incongruências e os avanços conseguidos;
- c) Fornecer resultados estatísticos a instituição para que a mesma decida se elimina, mantém ou modifica qualquer situação avaliada;
- d) Ajudar a Instituição a se desenvolver com qualidade e garantir a sua permanência proativa na atividade acadêmica no Brasil.

2.6.4. SISTEMAS DE INFORMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO

O registro e controle acadêmico, envolvendo todas as atividades discentes, são feitos pela Secretaria da Instituição por meio de programas informatizados apropriados para este fim. O registro acadêmico é feito por um sistema que atende aos requisitos de segurança, confiabilidade, transparência e agilidade das informações.

O sistema de informação *Universus* registra os dados desde o processo seletivo até a graduação dos alunos. O sistema permite: a matrícula dos alunos; a geração das turmas; acompanhamento das notas; a emissão do histórico escolar; emissão do diário de classe; acompanhamento financeiro; protocolo; espelho da folha de pagamento dos professores; gráficos de avaliação individual, em grupo, por disciplina, por curso, ingresso, evasão, transferências e outros. Servindo à comunidade, o *Net Student* possibilita ao discente ter acesso as informações quanto ao vínculo com a instituição, histórico escolar, acompanhamento de notas, boletos de pagamento e demais requerimentos de interesse acadêmico.

Para garantir o bom funcionamento da organização é preciso trabalhar e aprimorar os meios de comunicação internos e externos da organização. A comunicação interna é um dos responsáveis pela eficiência operacional das atividades institucionais. Permite o adequado fluxo da informação e a correta execução das tarefas em todos os níveis organizacionais. Já a comunicação externa garante a interação com a sociedade, promovendo um canal bilateral de comunicação.

Para garantir a boa comunicação interna, o UNIFACEX, utiliza, dentre outras ferramentas, o e-mail. O UNIFACEX possui domínio próprio e todos os setores e funcionários têm e-mails corporativos, facilitando assim a comunicação rápida, segura e eficiente.

Para a comunicação com os alunos, a instituição edita bianualmente o Manual do Aluno no qual são colocadas todas as informações necessárias para o direcionamento acadêmico e administrativo.

Nesse manual estão expostos os principais pontos dos regulamentos institucionais, bem como os direitos e deveres de todos que fazem parte da comunidade acadêmica. Além disso, a instituição faz uso da ferramenta AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), utilizado para viabilizar o fluxo de informação entre a comunidade acadêmica bem como para dar suporte nas atividades servindo de apoio ao ensino aprendizagem.

Sempre que necessário a Reitoria edita ofício circular comunicando as informações importantes para o bom andamento das atividades previstas no calendário acadêmico. As diversas unidades de ensino dispõem, ainda, de murais nos quais são fixadas informações pertinentes aos cursos e a suas respectivas coordenações.

O UNIFACEX, também, mantém em sua página na internet, no endereço www.unifacex.com.br, as informações atualizadas do calendário acadêmico, bem como as últimas informações institucionais. Atualmente, a internet tem se mostrado um canal bastante eficiente para garantir um fluxo contínuo de informação entre a instituição e o meio externo. Nesse caso, devem-se manter as informações sempre atualizadas para que a página seja frequentemente visitada.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO

3.1. CREDENCIAMENTO DO CURSO

Denominação do curso:	Enfermagem				
Mantida:	Centro Universitário Facex				
Modalidade:	Presencial				
Endereço de oferta do curso:	Rua Orlando Silva, 2896 – Capim Macio – Natal/RN				
Ato Legal de autorização:	Ato de criação: Autorização: Portaria nº 2.661, de 27/07/2005 Reconhecimento: Portaria nº 1.290 de 2/09/2010. (Ciclo 2010) Renovação do reconhecimento: Portaria nº 001, de 06/01/2012.				
Turno de funcionamento:	Integral	Matutino	Vespertino	Noturno	Total
(*)Nº. de vagas anuais oferecidas:	-	80	80	140	300
Regime de matrícula:	Semestral por disciplina				
Duração do curso:	Tempo Mínimo		Tempo Máximo		
	Dez semestres		Vinte semestres		

3.2. JUSTIFICATIVA

O conceito ampliado de saúde, descrito na Constituição Brasileira de 1988 e na Lei 8080/90 que estabelece organicamente os princípios, diretrizes e objetivos do Sistema Único de Saúde – SUS, impõe a reorientação dos processos de formação e produção de serviços em saúde, com vistas a superar o paradigma cartesiano –

fragmentado e mecanicista - que movia o pensamento e a ação em saúde. A ampliação deste conceito, na dupla dimensão de incorporar os determinantes sociais do processo saúde-doença e superar o modelo clínico de assistência na perspectiva de assegurar uma assistência pautada nos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde estes norteiam o novo modelo de atenção à saúde – a universalidade; a equidade; a integralidade e o controle social – focando uma atenção continuada e integral; garantindo a acessibilidade, promotora da saúde, preventiva de doenças, curativa e reabilitadora, levando em consideração não apenas o aspecto físico mas também os aspectos psicológicos, culturais e socioeconômicos do indivíduo e da coletividade.

Através de indicadores sociais percebe-se que o Rio Grande do Norte é um estado com graves problemas de saúde como a fragilidade no controle da mortalidade materna e infantil, dificuldades referente a cobertura vacinal, índices alarmantes de agravos e doenças resultantes das questões sociais como parasitoses, desnutrição, diarreias, violência urbana e rural, enfocando a doméstica que cresce a cada dia, as doenças infecto contagiosas como DST/AIDS, Tuberculose, Hanseníase, e outras de importância regional. Além destes podemos destacar o alto índice de doenças cardiovasculares, cânceres e acidentes de trânsito.

De acordo com o INEP no Estado do Rio Grande do Norte estão cadastradas doze instituições que ofertam o curso de Enfermagem e destas nove estão localizadas no município de Natal. O curso de enfermagem da UNIFACEX busca atender essas necessidades com um processo de formação contínuo centrado no contexto/processo ensino-aprendizagem, direcionado por um propósito político/pedagógico. O contexto supracitado busca suprir através da preparação do enfermeiro generalista uma demanda do mercado que de acordo com o IBGE (2010) no Estado do Rio Grande do Norte, bem como na Capital ainda apresenta relação per capita de apenas 1,08 enfermeiros por 1000 habitantes, onde a OMS preconiza dois enfermeiros a cada 1000

habitantes. O Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) nos mostra que no município de Natal no ano de 2015 estão cadastrados 1435 estabelecimentos, destes 135 são públicos.

Diante do cenário exposto justifica-se a necessidade da qualidade na formação do Enfermeiro, nesse interim o Curso de Enfermagem Unifacex ciente dos desafios que surgem, visa a qualidade no processo de formação do Enfermeiro focando a compreensão das múltiplas dimensões que permeiam os processos de vida, trabalho e saúde do ser humano.

3.3. OBJETIVO

O Curso visa à formação do enfermeiro capacitado a interagir com o sujeito existencial e seu contexto, intervindo no âmbito da promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde. Capaz de intervir sobre os problemas/situações de saúde/doença tendo como fundamento os conhecimentos e habilidades que lhes conferem as competências necessárias ao exercício profissional, bem como, a compreensão das múltiplas dimensões que permeiam os processos de vida, trabalho e saúde do ser humano.

3.4. PERFIL DO EGRESSO

Enfermeiro com formação generalista, sensível, criativo, reflexivo e transformador, com formação pautada nos conhecimentos das ciências humanas, sociais e biológicas e no campo específico da saúde e da Enfermagem, que lhe possibilita atuar profissionalmente nos diversos cenários e situações dos processos saúde-doença.

Esse bacharel deve possuir habilidades e competências técnicas, políticas, éticas, humanas e educativas que lhes asseguram o desenvolvimento do seu processo

de trabalho com compromisso e responsabilidade social, compreendendo as múltiplas (co)relações humanas (individuais e coletivas), a integralidade da atenção em saúde e orientado pelos princípios que norteiam o exercício da enfermagem no Brasil.

Assim, a formação oportunizará o desenvolvimento de competências gerais no âmbito da comunicação, das relações interpessoais e de trabalho, da liderança e gerenciamento de recursos, informações e produção de serviços, e, na educação permanente.

Tem como referências as recomendações previstas nas diretrizes curriculares do curso de Enfermagem (Resolução nº 03/2001-CES/CNE), a Lei do exercício profissional (Lei nº 7.498/1986-COFEn) e a Política de Educação Permanente instituída pelo Ministério da Saúde (Resolução nº 335/2003-CNS; Portaria nº 198/GM/MS, Portaria 1996/07/GM/MS; Projeto AprenderSUS)

Quanto à especificidade do trabalho do enfermeiro, entende-se que são as competências e habilidades, que englobam o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e o aprender a conviver que capacitam o egresso do curso a atuar na assistência, na gerência, na pesquisa e na educação, de modo a desenvolver gradativamente os conhecimentos necessários ao exercício profissional (DELORS. 2003).

Competências Gerais

- Compreender a multidimensionalidade humana e a complexidade dos contextos que permeiam o seu modo de viver e ser, bem como as dimensões biológicas, sociais e políticas, fundamentos para a atuação profissional como enfermeiro.
- Compreender a política de saúde e a estrutura orgânica do Sistema Único de Saúde, no contexto das políticas sociais brasileira; Incorporar o conceito ampliado de saúde reconhecendo-o como direito de todos e dever do Estado.
- Intervir no processo saúde-doença, co-responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado prestados nos diferentes níveis de atenção à saúde,

respeitando os preceitos éticos/bioéticos, os valores, princípios e atos normativos da profissão.

- Desenvolver o processo de comunicação na sua multidimensionalidade, favorecendo a acessibilidade e vínculo com equipe multiprofissional e comunidade em geral.
- Gerenciar e administrar os serviços de saúde/enfermagem em todos os níveis de atenção, fundamentado na capacidade de tomar decisões, reconhecendo-se como articulador dos processos de trabalhos em saúde, líder e coordenador do trabalho da equipe de enfermagem.
- Reconhecer a formação profissional e a educação permanente como políticas que habilitam e qualificam os trabalhadores da área da saúde, visando transformar as práticas profissionais e elevar a qualidade da prestação dos serviços de saúde. Reconhecer que o processo educativo é inacabado.

Habilidades

- Identificar especificidades e demandas coletivas e/ou individuais, reconhecendo os aspectos da subjetividade, singularidade, particularidade, complexidade e totalidade dos diferentes grupos sociais.
- Analisar criticamente acerca dos condicionantes de vida e saúde dos indivíduos, correlacionando o perfil epidemiológico ou situação de saúde, com as condições e modos de vida da população.
- Situar a política de saúde no contexto das políticas públicas;
- Atuar nos diversos cenários da prática profissional, considerando os diferentes níveis de atenção à saúde e perfis epidemiológicos, na perspectiva da integralidade das ações, e reconhecendo às especificidades regionais de saúde visando a realização de intervenções planejadas estrategicamente.

- Atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde visando à promoção, proteção, recuperação e reabilitação, bem como nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso de forma segura e humanizada;
- Coordenar o processo de cuidar em enfermagem, a partir das competências requeridas ao enfermeiro e os princípios do SUS.
- Reconhecer as relações de trabalho e suas influências na produção dos serviços de saúde integrando as ações de enfermagem ao trabalho multiprofissional, na perspectiva do trabalho multidisciplinar e intersetorial.
- Atuar profissionalmente orientado pelos princípios do SUS
- Incentivar e apoiar ações que promovam o exercício da cidadania pela população.
 - Reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde.
 - Praticar medidas que assegurem a própria saúde física e mental, o seu bem-estar e a sua condição de cidadão.
- Identificar especificidades e demandas coletivas e/ou individuais, reconhecendo os aspectos da subjetividade, singularidade, particularidade, complexidade e totalidade dos diferentes grupos sociais.
- Atuar nos diversos cenários da prática profissional, considerando os diferentes níveis de atenção à saúde, na perspectiva da integralidade das ações.
- Reconhecer às especificidades regionais de saúde visando a realização de intervenções planejadas estrategicamente;
- Atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde visando à promoção, proteção, recuperação e reabilitação, considerando a estratégia da saúde da família.
- Promover ações que estimulem a adoção de estilos e hábitos de vida saudáveis pela população;

- Coordenar o processo de cuidar em enfermagem, a partir das competências requeridas ao enfermeiro e os princípios do SUS.
- Atuar nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso de forma segura e humanizada;
- Utilizar adequadamente tecnologias e métodos no planejamento, intervenção e avaliação das ações de saúde e enfermagem.
- Reconhecer as relações de trabalho e suas influências na produção dos serviços de saúde;
- Colaborar com o trabalho multiprofissional em saúde;
- Integrar as ações de enfermagem ao trabalho multiprofissional, na perspectiva do trabalho multidisciplinar e intersetorial;
- Participar da composição das estruturas consultivas e deliberativas da unidade ou do sistema de saúde;
- Participar de entidades científicas e culturais como forma de exercitar a prática associativa e desenvolver a sua intelectualidade.
- Gerenciar o processo de trabalho em enfermagem, em todos os espaços de atuação profissional, de forma resolutiva e ética.
- Planejar, implementar e avaliar ações de promoção e vigilância à saúde, considerando as especificidades dos serviços e os diferentes perfis epidemiológicos.
- Estabelecer coletivamente planos estratégicos de ação multiprofissional e da equipe de enfermagem na intervenção em saúde;
- Sistematizar, executar e avaliar planos ou programas de intervenção clínico-epidemiológica na atenção integral à saúde da criança, do adolescente, adulto e idoso.
- Atuar como facilitador do processo de educação permanente considerando a necessidade de articulação do quadrilátero: gestão, formação, serviço e controle social.

- Atuar no processo de capacitação e qualificação dos trabalhadores da saúde/enfermagem;
- Assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de educação para a saúde.
- Desenvolver o hábito do estudo, da atualização e da leitura crítica de textos e contextos que permeiam a prática profissional.
- Dar continuidade a sua formação profissional em nível de pós-graduação.

3.5. ESTRUTURA CURRICULAR

3.5.1. COERÊNCIA DO CURRÍCULO COM OS OBJETIVOS DO CURSO

A Instituição tem como preocupação e meta programar e ajustar seu *curriculum* as reais necessidade do mercado e da sociedade e ajustar periodicamente as mudanças e tendências. Dessa forma, procura manter-se atualizada e sincronizada com as demandas reais e potenciais, assim como com os propósitos éticos e profissionais da instituição.

O Curso de Enfermagem tem como objetivo principal a formação do enfermeiro capacitado a interagir com o sujeito existencial e seu contexto, intervindo no âmbito da promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde. Capaz de intervir sobre os problemas/situações de saúde/doença tendo como fundamento os conhecimentos e habilidades que lhes conferem as competências necessárias ao exercício profissional, bem como, a compreensão das múltiplas dimensões que permeiam os processos de vida, trabalho e saúde do ser humano.

A coerência entre este objetivo e o currículo se evidencia nos eixos temáticos que articula um conjunto de unidades programáticas, orientado por um tema comum, a ser trabalhado a cada semestre, buscando integrar conteúdos das ciências biológicas,

humanas e sociais com os conhecimentos técnico-científicos da saúde com enfoque na enfermagem através destes se desenvolvem competências e habilidades para atuar na dinâmica profissional, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania e como promotor da saúde integral do ser humano.

3.5.2. COERÊNCIA DO CURRÍCULO COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

Tem como referências as recomendações previstas nas diretrizes curriculares do curso de Enfermagem (Resolução nº 03/2001-CES/CNE), a Lei do exercício profissional (Lei nº 7.498/1986-COFEn) e a Política de Educação Permanente instituída pelo Ministério da Saúde (Resolução nº 335/2003-CNS; Portaria nº 198/GM/MS, Portaria 1996/07/GM/MS; Projeto AprenderSUS).

Observa-se que, em cumprimento aos ordenamentos citados, o curso foi elaborado Parecer CNE/CES Nº:329/2004 referente a carga horária mínima dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, bem como a resolução CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001 que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

3.5.3. ADEQUAÇÃO DA ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO

O Curso de Enfermagem da UNIFACEX visando à formação do bacharel enfermeiro organiza-se infra-estrutural e pedagogicamente para a oferta de uma educação de qualidade.

Orientado pelas diretrizes curriculares nacionais para a enfermagem, por princípios técnico-científicos e éticos da profissão, e por preceitos pedagógicos emancipatórios e transformadores, este opta por metodologias que reconheçam: a) a potencialidade auto-organizativa do ser cognoscente na busca e construção do seu saber; b) o Educador como mediador/facilitador do processo de aprendizado do

educando; c) o processo educativo como o espaço de prazer, alegria, de diálogo, de auto-eco-reorganização, de reflexividade vivencial e histórica, de criatividade, da interação/cooperação mútua e do crescimento coletivo.

Destarte, compreende que a forma de ingresso do candidato, a sistemática do curso, a proposta metodológica, a distribuição dos conteúdos e cargas horárias, a forma de avaliação do aprendizado e os critérios legais para a obtenção do grau, constituem elementos que integram o processo de formação do enfermeiro no UNIFACEX, os quais serão descritos a seguir.

O curso de enfermagem do UNIFACEX é estruturado pelo formato semestral de ensino, organiza o seu currículo de forma sequencial e processual, rompendo com a lógica disciplinar e respeitando a progressividade do conhecimento através de dez Eixos Temáticos – ETs os quais, a partir do tema gerador transversal, norteia a produção do conhecimento em cada período letivo, oportunizando a realização das Unidades Programáticas - UPs que por meio das Atividades Interativas Multidisciplinares congregam saberes disciplinares e humanescentes os quais de forma inter/transdisciplinar compõem cada ET da estrutura curricular do curso.

Denomina-se:

- Eixo Temático – ET - o conjunto de unidades programáticas, orientado por um tema comum, a ser trabalhado a cada semestre, buscando integrar conteúdos das ciências biológicas, humanas e sociais com os conhecimentos técnico-científicos da saúde com enfoque na enfermagem;
- Unidade Programática – UP - a junção de conteúdos disciplinares, teórico/práticos, articulados entre si e desenvolvidos de forma integrada, visando à compreensão dos conhecimentos previsto no eixo temático;
- Unidade Temática Optativa – UTO - o conteúdo programático restrito a uma determinada área do saber, que poderá ser integralizado pelo discente como forma a complementar os seus conhecimentos, respeitando-se a ementa

correspondente. A Unidade Temática Optativa poderá ser integralizada em qualquer período letivo.

- Atividade Interativa e Multidisciplinar – AIM - unidade programática modalidade de aprendizado que favorece a interação prévia do discente com os cenários da prática profissional, na constatação do cenário de saúde da população. Caracteriza-se por seus aspectos integrativo e articulador da teoria à prática, norteados pelos conteúdos trabalhados nas unidades programáticas do eixo temático correspondente; oportuniza ao discente, a experiência no campo do ensino, e/ou da pesquisa e/ou da extensão como formas de desenvolver precocemente as competências requeridas ao enfermeiro.
- Estágio Curricular Supervisionado – ECS- atividade que proporciona ao acadêmico a vivência profissional em situações reais de vida e trabalho, desenvolvida na rede básica de serviços de saúde e na rede hospitalar alternadamente no decorrer dos dois últimos semestres do curso, de acordo com a disponibilidade da Rede. Contempla o exercício profissional, considerando as competências inerentes ao processo de trabalho do enfermeiro - gerenciar, assistir/intervir, pesquisar e educar - antes do seu efetivo ingresso no mercado de trabalho, sendo, portanto, localizado nos dois últimos semestres letivos do curso, assim organizado: Estágio Supervisionado I (9º Eixo) e Estágio Supervisionado II (10º Eixo).
- Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - é uma unidade programática que visa a propiciar aos acadêmicos do curso de enfermagem, o exercício mais autônomo da prática investigativa e da pesquisa, através da escolha de tema de relevância social/profissional, do aprofundamento teórico/metodológico, da utilização de bibliografia especializada que fundamenta o tema, da capacidade de interpretação crítica das informações obtidas, e, da produção de saberes e/ou tecnologias que contribuam para o aprimoramento da prática profissional, na reorganização dos serviços e na produção de novos conhecimentos. O TCC está

organizado em dois momentos: **TCC I** - no qual serão trabalhados: a) a escolha do tema, b) elaboração do projeto a ser desenvolvido; c) qualificação do projeto; e o **TCC II** - estando previstas: a) as etapas de execução do projeto (pesquisa bibliográfica ou de campo); b) a análise dos resultados da investigação; c) a elaboração de um artigo científico nos moldes da revista Carpe Diem. Todas as etapas do TCC I e do TCC II, serão acompanhadas por um educador orientador destinado para esse fim.

Assim, vivenciando a inter/transdisciplinaridade, experienciamos em cada Unidade Programática, no espaço interno de cada Eixo Temático, os Seminários integrativos Transdisciplinares - SIT, os quais objetivam, através de vivências, a articulação dos diferentes saberes que compõem cada Unidade Programática-UP do ET conectando aos espaços reais da comunidade-serviço, o ensino. Os Seminários fazem parte da Unidade Programática Atividade Interativa Multidisciplinar, que pelo seu caráter vivencial se transforma em inter/multi/transdisciplinar na extensão de todas outras UPs do ET.

Como mais uma extensão dos ETs no âmbito aprendizagem, a partir do III Eixo Temático, os educandos experienciam , como extensão vivencial da UP a Prática Vivencial do Cuidado - PVC. É uma atividade desenvolvida nos serviços, que visa o desenvolvimento de habilidades técnicas dos discentes como cumprimento de um dos quatro pilares do curso (o Saber Fazer). Porém, neste espaço vivencial, o discente deverá também estar desenvolvendo as habilidades necessárias para o Saber Ser e o Saber Conviver, uma vez que as questões atitudinais serão acompanhadas pelo educador supervisor no sentido de aprimorar seus valores humanos e o trabalho em equipe.

As Unidades Programáticas de Atividades Interativas Multidisciplinares possibilitam, de forma progressiva e vivencial, no decorrer de cada Eixo Temático a relação Ensino - Serviço - Comunidade. Estas UP propõem que os discentes vivenciem de forma transdisciplinar problemas sociais e sanitários da população e

atuem sobre eles de forma multiprofissional, interdisciplinar e articulada com os serviços de saúde, em parceria com os profissionais e lideranças da comunidade.

3.5.4. ESTRUTURA CURRICULAR DO CURSO

EIXO TEMÁTICO I - A macro-dimensão da vida - 1º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 1.1	---	Biodiversidade e bioética	30
ENFET 1.2	---	Biologia Celular	60
ENFET 1.3	---	História, sociedade e Cultura	60
ENFET 1.4	---	Leitura e conhecimento	60
ENFET 1.5	---	Microbiologia e imunologia humana	90
ENFET 1.6	---	Conhecimento Científico: Estudos e Técnicas	30
ENFAIM 1	---	Atividade Interativa Multidisciplinar I	30
Sub-Total			360
EIXO TEMÁTICO II - A complexidade humana - 2º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 2.1	---	Concepção, ciclo vital e morte I	60
ENFET 2.2	ENFET 1.2	Processos bioquímicos	60
ENFET 2.3	---	Processos fisiológicos e patológicos do psiquismo humano	30
ENFET 2.4	ENFET 1.2	Genética Humana	60
ENFET 2.5	---	Anatomia Humana	120
ENFAIM 2	---	Atividade interativa Multidisciplinar II	30
Sub-Total			360
EIXO TEMÁTICO III - Interações dos contextos <i>viver e ser</i> - 3º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 3.1	---	Parasitologia	60
ENFET 3.2	ENFET 2.1	Concepção ciclo vital e morte II	60
ENFET 3.3		Fisiopatologia dos processos saúde-doença	60
ENFET 3.4	ENFET 2.5	Semiologia e Semiotécnica da Enfermagem I	120
ENFET 3.5	ENFET 2.5 e 3.4	Práticas Vivenciais do Cuidado I	30
ENFAIM 3	---	Atividade Interativa Multidisciplinar III	30
Sub-Total			360

EIXO TEMÁTICO IV – Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar – 4º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 4.1	---	Farmacologia aplicada a enfermagem	60
ENFET 4.2	---	Enfermagem e o SUS: Políticas e estratégias de atenção a saúde coletiva e da família	60
ENFET 4.3	ENFET 2.5 e 3.4	Semiologia e Semiotécnica da Enfermagem II	120
ENFET 4.4	---	História e processo do trabalho em saúde	30
ENFET 4.5	ENFET 3.4 e 3.5---	Práticas Vivenciais do Cuidado II	60
ENFAIM 4	---	Atividade Interativa Multidisciplinar IV	30
Sub-Total			360

EIXO TEMÁTICO V – Enfermagem no contexto da atenção/assistência à saúde- 5º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 5.1	ENFET 4.1	Fundamentos da epidemiologia	60
ENFET 5.2	ENFET 4.4	Ética e exercício da enfermagem	60
ENFET 5.3	ENFET 1.4	Fundamentos da investigação científica	60
ENFET 5.4	---	Processos e interações nutricionais	60
ENFET 5.5	ENFET 3.3	Vigilância à saúde	60
ENFET 5.6	ENFET 4.2 4.5	PVC III	30
ENFAIM 5	---	Atividade Interativa V	30
Sub-Total			360

EIXO TEMÁTICO VI - Enfermagem e a sistematização da atenção/assistência - 6º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 6.1	ENFET 4.1 ENFET 4.2	Enfermagem e a Estratégia de Saúde da Família	90
ENFET 6.2	---	Fundamentos da gerência nos serviços de saúde	60
ENFET 6.3	ENFET 2.2	Bioquímica aplicada à enfermagem	60
ENFET 6.4	ENFET 4.2	Práticas integrativas e educativas em saúde	60
ENFET 6.5	ENFET 5.6 4.2	PVC IV	60
ENFAIM 6	---	Atividade Interativa Multidisciplinar VI	30
Sub-Total			360

EIXO TEMÁTICO VII - Saúde e suporte básico de vida - 7º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 7.1	ENFET6.1 ENFET 4.3 5.6,6. 5 ENFET 4.3	Enfermagem nas ações integradas de saúde da criança e adolescente	120
ENFET 7.2	ENFET 6.1 ENFET 4.3 5.6,6. 5	Enfermagem nas ações integradas de saúde do adulto e do idoso	120
ENFET 7.3	ENFET 6.1 ENFET 4.3 5.6,6. 5	Práticas Vivenciais do cuidado a criança, ao adolescente, ao adulto e idoso I.	90
ENFAIM 7	---	Atividade Interativa Multidisciplinar VII	30
Sub-Total			360

EIXO TEMÁTICO VIII – Saúde e suporte Avançado de vida – 8º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 8.1	ENFET 7.1	Enfermagem na atenção aos riscos e agravos da saúde criança e adolescente	120
ENFET 8.2	ENFET 7.2	Enfermagem na atenção aos riscos e agravos da saúde do adulto e idoso	120
ENFET 8.3	ENFET 7.3	Práticas Vivenciais do cuidado de risco à criança, ao adolescente, ao adulto e ao idoso II	90
ENFAIM 8	---	Atividade Interativa Multidisciplinar VIII	30
Subtotal			360

EIXO TEMÁTICO IX – Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Básica de Saúde - 9º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 9.1	Todas as Ups anteriores	Estágio Curricular Supervisionado I	450
ENFET 9.2	1.4 e 5.3	Orientação e elaboração do TCC I	60
ENFET 9.3		Optativa	30
			540

Subtotal			
EIXO TEMÁTICO X - Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Hospitalar - 10º SEMESTRE			
CÓDIGO	PRÉ REQUISITO	UNIDADE PROGRAMÁTICA	Carga horária Teórico-Prática
ENFET 10.1	Todas as Ups anteriores	Estágio Curricular Supervisionado II	450
ENFET 10.2	1.4 e 5.3	Orientação e elaboração do TCC II	60
-			510
Subtotal			510
OPTATIVAS: libras/ Prescrição de enfermagem na atenção básica			
Subtotal da carga horária			3930
Atividades Complementares			200
Total da Carga Horária			4130

Visando adequar os Conteúdos Curriculares às exigências do Decreto nº 5.626/2005- que trata da disciplina de Libras, o aluno poderá optar pela disciplina de Libras, oferecida pela Instituição, de acordo com a legislação vigente, entre as disciplinas ofertadas na matriz curricular do nono eixo do curso de Enfermagem.

3.5.5. DIMENSIONAMENTO DA CARGA HORÁRIA DAS UNIDADES DE ESTUDO

O Curso de Enfermagem UNIFACEX está dimensionado com uma carga horária total de 4130 horas para serem cumpridas em sua totalidade em dez semestres letivos. Essa carga horária total está assim distribuída:

- 2640 horas de conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula e em laboratórios e/ou oficinas;
- 360 horas de Práticas Vivenciais do Cuidado (PVC)
- 900 horas de Estágio Curricular Supervisionado

- 200 horas dedicadas às atividades complementares;
- 30 horas (como disciplina optativa)

Portanto, o dimensionamento da carga horária do curso, acima detalhado, está em consonância com a concepção e execução do currículo proposto.

A organização curricular pode ser observada no fluxograma e no quadro de distribuição curricular que se encontram a seguir.

MATRIZ DE CONVERGÊNCIA	
DISCIPLINA/COMPETÊNCIA	1. Compreender a multidimensionalidade humana e a complexidade dos contextos que permeiam o seu modo de viver e ser, bem como as dimensões biológicas, sociais e políticas, fundamentos para a atuação profissional como enfermeiro. 2. Compreender a política de saúde e a estrutura orgânica do Sistema Único de Saúde, no contexto das políticas sociais brasileira; Incorporar o conceito ampliado de saúde reconhecendo-o como direito de todos e dever do Estado. 3. Intervir no processo saúde-doença, co-responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado prestados nos diferentes níveis de atenção à saúde, respeitando os preceitos éticos/bioéticos, os valores, princípios e atos normativos da profissão. 4. Desenvolver o processo de comunicação na sua multidimensionalidade, favorecendo a acessibilidade e vínculo com equipe multiprofissional e comunidade

	em geral. 5. Gerenciar e administrar os serviços de saúde/enfermagem em todos os níveis de atenção, fundamentado na capacidade de tomar decisões, reconhecendo-se como articulador dos processos de trabalhos em saúde, líder e coordenador do trabalho da equipe de enfermagem. 6. Reconhecer a formação profissional e a educação permanente como políticas que habilitam e qualificam os trabalhadores da área da saúde, visando transformar as práticas profissionais e elevar a qualidade da prestação dos serviços de saúde. Reconhecer que o processo educativo é inacabado. 7. Identificar especificidades e demandas coletivas e/ou individuais, reconhecendo os aspectos da subjetividade, singularidade, particularidade, complexidade e totalidade dos diferentes grupos sociais. 8. Analisar criticamente acerca dos condicionantes de vida e saúde dos indivíduos, correlacionando o perfil epidemiológico ou situação de saúde, com as condições e modos de vida da população. 9. Situar a política de saúde no contexto das políticas públicas; 10. Atuar nos diversos cenários da prática profissional, considerando os diferentes níveis de atenção à saúde
--	---

	e perfis epidemiológicos, na perspectiva da integralidade das ações, e reconhecendo às especificidades regionais de saúde visando a realização de intervenções planejadas estrategicamente 11. Atuar nos diferentes níveis de atenção à saúde visando à promoção, proteção, recuperação e reabilitação, bem como nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso de forma segura e humanizada; 12. Coordenar o processo de cuidar em enfermagem, a partir das competências requeridas ao enfermeiro e os princípios do SUS. 13. Reconhecer as relações de trabalho e suas influências na produção dos serviços de saúde integrando as ações de enfermagem ao trabalho multiprofissional, na perspectiva do trabalho multidisciplinar e intersetorial 14. Atuar profissionalmente orientado pelos princípios do SUS 15. Incentivar e apoiar ações que promovam o exercício da cidadania pela população. 16. Reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde. 17. Praticar medidas que assegurem a própria saúde física e mental, o seu bem-estar e a sua condição de
--	--

	cidadão.																
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Biodiversidade e bioética	X					X	X	X							X		
Biologia Celular	X					X									X		
História, sociedade e Cultura	X	X		X			X	X							X	X	
Leitura e conhecimento	X			X			X								X		
Microbiologia e imunologia humana								X									X
Conhecimento Científico: Estudos e Técnicas				X				X		X							
Atividade Interativa Multidisciplinar I	X					X	X								X	X	X
Concepção, ciclo vital e morte I	X							X									X
Processos bioquímicos	X					X									X		
Processos fisiológicos e patológicos do psiquismo humano			X					X	X		X						X
Genética Humana	X		X	X		X	X		X		X		X		X	X	
Anatomia Humana	X					X											
Atividade interativa Multidisciplinar II	X					X	X								X	X	X
Parasitologia		X	X			X		X	X	X	X				X	X	X
Concepção ciclo vital e morte II	X		X		X	X				X				X			X
Fisiopatologia dos processos saúde-doença			X					X	X		X						X
Semiologia e Semiotécnica da Enfermagem I	X		X	X							X						
Práticas Vivenciais do Cuidado I	X		X	X													
Atividade Interativa Multidisciplinar III					X			X							X		

Farmacologia aplicada a enfermagem			X					X	X	X	X	X				X	X
Enfermagem e o SUS: Políticas e estratégias de atenção a saúde coletiva e da família	X		X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X
Semiologia e semiótica II	X		X	X			X				X			X			
História e processo do trabalho em saúde	X	X		X			X		X			X	X		X	X	
Práticas Vivenciais do Cuidado II		X	X	X					X				X	X		X	X
Atividade Interativa Multidisciplinar IV	X	X		X			X		X		X	X		X	X	X	
Fundamentos da epidemiologia	X		X	X			X	X		X	X						
Ética e exercício da enfermagem	X		X		X		X					X			X	X	
Fundamentos da investigação científica	X		X			X										X	
Processos e interações nutricionais				X			X	X			X			X			X
Vigilância à saúde	X	X		X			X	X			X		X	X		X	
Práticas Vivenciais do Cuidado III			X					X	X	X			X			X	
Atividade Interativa Multidisciplinar V		X	X	X			X	X		X	X	X	X		X	X	
Enfermagem e a Estratégia de Saúde da Família	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fundamentos da gerência nos serviços de saúde				X	X	X						X	X	X	X		
Bioquímica aplicada à enfermagem			X				X	X			X						X
Práticas integrativas e educativas em saúde	X					X	X			X							
Práticas Vivenciais do Cuidado IV		X	X		X			X							X	X	
Atividade Interativa Multidisciplinar VI	X		X	X		X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X

Enfermagem nas ações integradas de saúde da criança e adolescente	X		X	X			X				X			X		X	
Enfermagem nas ações integradas de saúde do adulto e do idoso	X		X	X			X		X	X	X			X			X
Práticas Vivenciais do cuidado a criança, ao adolescente, ao adulto e idoso I.		X	X			X		X	X	X	X		X				X
Atividade Interativa Multidisciplinar VII	X		X	X			X		X	X	X			X			
Enfermagem na atenção aos riscos e agravos da saúde criança e adolescente	X		X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X	
Enfermagem na atenção aos riscos e agravos da saúde do adulto e idoso	X		X	X	X	X	X				X	X	X	X	X	X	
Práticas Vivenciais do cuidado de risco à criança, ao adolescente, ao adulto e ao idoso II			X	X	X					X	X	X					X
Atividade Interativa Multidisciplinar VIII				X				X		X	X						X
Estágio Curricular Supervisionado I	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Orientação e elaboração do TCC I	X		X	X	X	X		X							X	X	X
Estágio Curricular Supervisionado II	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Orientação e elaboração do TCC II	X		X	X	X	X		X							X	X	X

4. EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIAS

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	Biodiversidade e bioética	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Ementa: Estudo da diversidade biológica dos seres vivo no planeta Terra; a riqueza na variedade e quantidade das espécies; os impactos da ação humana sobre os ecossistemas; e o risco de extinção de várias espécies. O inter-relacionamento homem/natureza visto não apenas como o estudo do meio físico, mas da compreensão da harmonia e interdependência entre o homem e o ambiente. Debate sobre os problemas éticos suscitados pelas pesquisas biológicas e suas aplicações e os dilemas dos avanços e cotidianos das ciências da vida, da saúde e do meio ambiente.			
Bibliografia Básica: KORMONDY, E. J.; BROWN, D. E. Ecologia humana. São Paulo: Atheneu Editora. 2002. ARKING, Robert. Biologia do envelhecimento: observações e princípios. 2. ed. São Paulo: FUNPEC, 2008. WILSON, E.O. (org) Biodiversidade. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1997.			
Bibliografia Complementar: ANGERAMI – CAMON, V. A. A ética na saúde. São Paulo: Pioneira, 1997. BARCHIFONTAINE, C. de P. de; PESSINI, L. Bioética e saúde. São Paulo: CEDAS, 1990. BOFF, L. Ethos mundial – um consenso mínimo entre humanos. Brasília: Letraviva, 2003. ÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Ética. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. SHIVA, V. Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.			

A seguir estão listados o ementário e a bibliografia de todas as Unidades Programáticas:

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	Biologia Celular	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
A Célula como Unidade Fundamental de todos os seres vivos. Estrutura, Classificação, Função e Evolução das Células. Métodos de Estudo das Células. Microscópio Óptico e Microscópio Eletrônico: Poder de Ampliação e Resolução. Limite de Resolução. Estrutura, Funções, Modificações de Macromoléculas constituintes da Célula. Biomembranas: Organização Molecular e Modelo de Membrana. Citoesqueleto e Movimento Celular. Vias de Sinalização :Receptores . Célula-Tronco e Diferenciação Celular. Morte Celular Programada. Estrutura do Núcleo Celular, Ciclo e Regulação do Ciclo Celular. Biologia da Célula Cancerosa.			
Bibliografia Básica: ALBERTS B, et al. FUNDAMENTOS DA BIOLOGIA CELULAR. 3ª Edição, Editora Artmed, Ltda, Porto Alegre, 2011. JUNQUEIRA. L.O.U. & CARNEIRO. J. BIOLOGIA CELULAR E MOLECULAR, 9ª Edição, Ed. Guanabara Koogan Rio de Janeiro, 2012. DE ROBERTIS JUNIOR, Eduardo M.F.; HIB, José Ponzio. De Robertis: Biologia Celular e Molecular. 14 ed. Rio de Janeiro, ed. Guanabara Koogan, 2003.			
Bibliografia Complementar: AZEVEDO, Carlos. Biologia Celular e Molecular. 3ª Edição: LIDEL Edições Técnicas JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, José. Biologia celular e molecular. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. GEOFFREY M. COOPER, ROBERT E. HAUSMAN. A CÉLULA: Uma Abordagem Molecular. 3ª Edição, 2010. Editora Artmed, Porto Alegre. LODISH, Harvey. Et al. BIOLOGIA CELULAR e MOLECULAR . 4ª Edição, Livraria Editora Revinter , Rio de Janeiro, 2000. MAILLET, Marc. Biologia Celular, 8ª Edição. São Paulo: Editora Santos, 2003.			

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	História Sociedade e Cultura	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Concepção histórica do homem e as características dos sistemas de produção e cotidiano de cada época. O estudo da cultura enfocando a cultura afro-brasileira, africana e indígena, dos conceitos antropológicos básicos e sua influência no cotidiano. O desenvolvimento da sociedade, dos sistemas de produção e o surgimento da sociologia. Temas recentes da sociologia e filosofia. Discussão sobre territórios e			

populações com vistas ao desenvolvimento da compreensão do EIXO TEMÁTICO I intitulado a MACRODIMENSÃO DA VIDA..

Bibliografia Básica:

COHN, Gabriel. Max Weber: Sociologia. 7 ed. São Paulo: Ática, 2004. 167 p. (Grandes Cientistas Sociais).

BEZERRA, Felte. Antropologia sociocultural. 2 ed. Brasília: Coordenada, 1972. 406 p

COSTA, Cristina. Sociologia: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1997.

Bibliografia Complementar:

QUINTANEIRO, Tânia et al. Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, 159 p.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. . Antropologia: uma introdução. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

CHAUÍ, Marilena; OLIVEIRA, Pêrsio Santos de Oliveira. Filosofia e sociologia. São Paulo: Ática, 2009. 192 p. (Novo Ensino Médio) ISBN 9788508112432. Acervo Biblioteca Facex nº 39308. Número de Chamada: 1:316 C496f 2009.

LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. 22ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RAWLS, John. O direito dos povos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 259 p. BARROCO

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	Leitura e Conhecimento	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Relação entre leitura e conhecimento. Linguagem e interação social. Linguagem. Texto e fatores de textualidade. Tipos de conhecimento. Análise e produção de textos.			
Bibliografia Básica:			
FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. Lições de texto: leitura e redação . 4. ed. 4. reimp. São Paulo: Ática, 2006.			
MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNPO, Lúbia Scilar. Português Instrumental . 24. ed. Porto Alegre: Sagra, 2003.			
MEDEIROS, João Bosco. Português instrumental: para cursos de Contabilidade, Economia e Administração . 8. ed. São Paulo: Atlas, 2000.			
Bibliografia Complementar:			
FAULSTÍCIO, E. L. Como ler, entender e redigir um texto . 19.ed. Petrópolis: Vozes, 2005			
FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia . São Paulo: Àtica. 2000.			
KOCH, Ingedore. A coesão textual . São Paulo: Contexto, 1999.			
KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. O texto e a construção dos sentidos . São Paulo: Contexto, 2000.			

KOCH, Ingedore V. & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 12.ed. Cortez: São Paulo, 2008..

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	Microbiologia e Imunologia Humana	CH	90 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Conhecimentos básicos da citologia bacteriana e fúngica. Morfologia e ciclo viral. Processos infecciosos e alimentos contaminados. Grupos de microorganismos com relevância clínica. Biologia, patogênese e métodos diagnósticos. Prevenção, profilaxia e terapêutica. Conhecimentos básicos em Imunologia: Imunologia Inata e Adquirida. Antígeno e anticorpo. Alergias alimentares.			
Bibliografia Básica: TRABULSI, L.R. et al. Microbiologia. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2008. TORTORA, G.J. et al. Microbiologia. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005 SILVA, Wilmar Dias da; MOTA, Ivan. Bier. Imunologia básica e aplicada. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Kooga, 2003.			
Bibliografia Complementar: EVANGELISTA, J. Alimentos - Um estudo abrangente. Rio de Janeiro: Atheneu, 2000. 450p. MADIGAN, M.T.; MARTINKO, J.M.; PARKER, J. Microbiologia de Brock. São Paulo: Makron Books, 2004. PELCZAR JR., M.J.; CHAN, E.C.S.; KRIEG, N.R. Microbiologia: conceitos e aplicações. São Paulo: Makron Books, 1997. 2v. SHARON, J. Imunologia básica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. STITES, D.P.; ABBA, I.T. Imunologia. São Paulo: Prentice Hall, 1992.			

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	Conhecimentos científicos estudos e técnicas	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
O conhecimento científico, seus níveis e a interface com outros saberes não sistematizados. Fundamentos para a prática de investigação e pesquisa em saúde/enfermagem. Bases metodológicas e conceituais da pesquisa científica quantitativa e qualitativa na investigação de problemas da prática profissional e o avanço da tecnologia. Internet como fonte de pesquisa. Método e metodologia. Processo de leitura. Resumo. Fichamento. Técnicas de coleta de dados. Construção e interpretação de tabelas e gráficos. Trabalhos científicos acadêmicos. Relatório de pesquisa. Artigo científico. Seminário. Estrutura e normalização do trabalho técnico			

científico conforme normas da ABNT.

Bibliografia Básica:

MARCONI, M de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 6.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

HADDAD, N. 2004. **Metodologia de estudos em ciências da Saúde**: como planejar, analisar e apresentar um trabalho científico. São Paulo: Roca, 2004.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

Bibliografia Complementar:

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, M de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora, 1996

SANTOS FILHO, Lauro. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

Eixo Temático:	A Macro dimensão da vida		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar I	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Atividade realizada nos espaços de ensino e na comunidade, buscando identificar os diversos modos de vida das pessoas e sua relação com as condições econômicas, sociais e culturais (Reconhecimento territorial). Conhecimento “in loco” das políticas e ações governamentais que asseguram a qualidade de vida e saúde da população. Acessibilidade e utilização dos recursos e tecnologias pela população. Investigação sobre conceitos de cidadania que permeiam a representação social coletiva e individual. Identificação dos paradigmas assistenciais. Papel do profissional de saúde frente às questões do processo saúde-doença no âmbito das discussões do EIXO TEMÁTICO I intitulado a MACRODIMENSÃO DA VIDA.			
Bibliografia Básica:			
COHN, Gabriel. Max Weber: Sociologia. 7 ed. São Paulo: Ática, 2004. 167 p. (Grandes Cientistas Sociais).			
WILSON, E.O. (org) Biodiversidade. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1997.			
CAMPOS, G.W.S. (Org). Tratado de Saúde coletiva. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 2012.			
Bibliografia Complementar:			
PINHEIRO, Roseni; CECCIM, Ricardo Burg; MATTOS, Ruben Araújo de. Ensinar saúde: a			

integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

SUS e PSF para enfermagem: práticas para cuidado em saúde coletiva. São Caetano do Sul: Yendis, 2007.

OHARA, Elisabete Calabuig Chapina. Saúde da família: considerações teóricas e aplicabilidade São Paulo: Martinari, 2008. 423p

FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de (Org.). SUS e PSF para enfermagem: práticas para cuidado em saúde coletiva. São Caetano do Sul: Yendis, 2007. 312 p

DONNANGELO, Maria Cecília F.; PEREIRA, Luiz. Saúde e sociedade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976. 124 p.

Eixo Temático:	A Complexidade Humana		
Unidade programática:	Concepção Ciclo Vital e Morte I	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Noções sobre técnicas de estudo da histologia e embriologia. Conhecimentos básicos sobre a estrutura microscópica, classificação e função dos tecidos que constituem os órgãos e sistemas do indivíduo, relacionando-os com outras disciplinas e com processos patológicos. Informações sobre o desenvolvimento embrionário e fetal humano, da concepção ao nascimento. Conhecimento acerca dos anexos embrionários. Causas e consequências de determinadas malformações congênitas.			
Bibliografia Básica: JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 11ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. Embriologia básica. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. AARESTRUP, B. J. Histologia Essencial. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.			
Bibliografia Complementar: JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. MORAIS, Gonçalo Roque de. Histologia. Natal: Flama, 1998 DI FIORE, M. S. H. Atlas de histologia. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. TORTORA, G.J. Corpo Humano: fundamentos da anatomia e fisiologia. 6 ed Porto Alegre: Artmed, 2006. GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. Atlas colorido de histologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002			

Eixo Temático:	A Complexidade Humana		
Unidade programática:	Processos Bioquímicos	CH	60 horas

Pré-requisito	ENFET 1.2	Certificação Intermediária	Não há
Introdução à Bioquímica. Estrutura e Funções Biológicas das Biomoléculas: Aminoácidos, Proteínas, Lipídeos, Carboidratos e Nucleotídeos - DNA e RNA. Micronutrientes – Vitaminas e Íons inorgânicos. Introdução ao Metabolismo. Metabolismo de Carboidratos: Glicólise, Formação de Acetil-CoA, Ciclo de Krebs e Fosforilação Oxidativa. Metabolismo do Glicogênio e Gliconeogênese. Metabolismo de Lipídeos e Proteína. Metabolismo Energético dos Mamíferos: Integração e Regulação: Especialização dos órgãos, Rotas metabólicas, mecanismo de ação hormonal: Transdução de sinal e Distúrbios no Metabolismo Energético – Jejum, Diabetes Mellitus e Obesidade. Bibliografia Básica: COX. M.; NELSON, D.; LEHNINGER, A. L. PRINCÍPIOS DE BIOQUÍMICA. 5ª Edição, Porto Alegre: Artmed, 2011. CHAMP, P.C.; HARVEY, R.A. BIOQUÍMICA ILUSTRADA. 2ª Edição, 2007 . Editora Artmed, 1996 Porto Alegre. MARZORCCO, A.; TORRES, B.B. BIOQUÍMICA BÁSICA. 3ª Edição. Editora Guanabara Koogan, 2007 Rio de Janeiro. Bibliografia Complementar: CAMPBELL, M.K. Bioquímica, 3ª Edição. Editora Artmed, 2000 Porto Alegre. DEVLIN, T.M. Manual de Bioquímica com Correlações Clínicas. 7ª Edição, Editora Blücher, 2011. GRANNER, D.K. Harper: Bioquímica. 9ª Edição. São Paulo. Editora Atheneu, 2002. RJ PRATT, C.W.; VOET, D.; VOET, J.G. Bioquímica. 4ª Edição. Porto Alegre: Editora Artmed, 2013. BERG, JEREMY M. TYMOCZKO, JOHN L. STRYER, LUBERT. Bioquímica. 6ª Edição, 2008. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.			

Eixo Temático:	A Complexidade Humana		
Unidade programática:	Processos fisiológicos e patológicos do Psiquismo humano	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
A multidimensionalidade do ser humano (Bio-psico-afetivo-social e cultural). Teoria do desenvolvimento humano com vistas ao cuidado. Desenvolvimento na perspectiva estrutural e desenvolvimental. Crises do desenvolvimento. Psicossomática. Psicologia como área do conhecimento. A psique humana e sua influência na saúde. A compreensão da Psicologia para a prática da enfermagem. A relação enfermeiro-paciente. Profissionais de saúde diante da morte.			

Bibliografia Básica:

BOCK, A.M.B; Odair F. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

ANTHIKAD, Jacob. **Psicologia para enfermagem**. São Paulo. Reichmann e autores editores. 2005.

MELLO FILHO, Julio de; BURD, Miriam. **Psicossomática hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 611 p

Bibliografia Complementar:

FILHO, Júlio de Melo. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: artes médicas, 1992

BOCK, A.M.B; Odair F. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

ANTHIKAD, Jacob. **Psicologia para enfermagem**. 2. ed. São Paulo: Reichmann e Autores, 2005. 256p.

BARROS, M. E. B; GOMES, R. S. **Humanização do cuidado em saúde: de tecnismos a uma ética do cuidado**. Fractal: Revista de Psicologia. 2011. P. 641-658.

TOWNSEND, **Enfermagem Psiquiátrica** : Conceitos de cuidados -editora Guanabara-koogan.2011

Eixo Temático:	A Complexidade Humana		
Unidade programática:	Genética Humana	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET1.2	Certificação Intermediária	Não há

Bases citológicas da herança e ciclo celular. Mecanismos de herança em humanos. Herança Mendeliana monoíbrida e diíbrida. Variação na expressão dos genes: interação gênica, alelos múltiplos e herança de grupos sanguíneos. Variação numérica e estrutural dos cromossomos. Herança quantitativa. Herança materna (citoplasmática) e genes mitocondriais. Erros inatos do metabolismo. Tecnologias reprodutivas.

Bibliografia Básica:

BORGES-OSÓRIO, M.R. e ROBINSON, W.M. 2013. **Genética Humana**. 3ª edição. Ed. Artmed, Porto Alegre.

PIERCE, B.A. 2011. **Genética: um enfoque conceitual**. Ed. Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro.

SNUSTAD, D.P. e SIMONS, M.J. 2001. **Fundamentos de Genética**. 2ª edição. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

Bibliografia Complementar:

BURNS, G. W. e BOTTINO, P.J. 1991. **Genética**. 6ª edição. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro.

GRIFFITHS A.J.F.; WESSLER, S.R.; LEWONTIN, R.C. e CARROL, S.B. 2009. **Introdução à Genética**. Tradução: Paulo A. Motta, 9ª edição. Ed. Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro.

LEWIS, R. 2004. **Genética Humana: Conceitos e aplicações**. 5ª edição. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

SNUSTAD, D.P. e SIMONS, M.J. 2013. **Fundamentos de Genética**. 3ª edição. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

THOMPSON, M.W., McINNES, R.R. e WILLARD, H.F. 2002. **Genética Médica**. 5ª edição. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

Eixo Temático:	A Complexidade Humana		
Unidade programática:	Anatomia Humana	CH	120 horas
Pré-requisito		Certificação Intermediária	Não há
Conhecimentos anatomo-fisiológicos do corpo humano num estudo macroscópico dos diversos órgãos e elementos anatômicos. Importância da anatomia para o estudo em saúde/enfermagem. Estudo macroscópico das estruturas dos órgãos e elementos anatômicos que compõem Nomenclatura anatômica, eixos e planos, formação e construção do corpo humano: metameria, antimeria, paquimeria e estratificação. Homologia e analogia. Conceitos de normal, variação, anomalia e monstruosidade; os Sistemas: locomotor, cardiovascular, respiratório, digestório, urinário, reprodutor, tegumentar, endócrino, nervoso.			
Bibliografia Básica: CASTRO, S. V. Anatomia Fundamental. São Paulo: Atheneu, 2ª ed. 1985.. DANGELO, J. G. & FATTINI, C. Anatomia Sistêmica e Segmentar. Rio de Janeiro: Atheneu, 3ª ed. 2011. MACHADO, A. B. Neuroanatomia Funcional. São Paulo: Atheneu, 2ª ed. 2004.			
Bibliografia Complementar: NETTER, F. H. Atlas de Anatomia Humana. Rio de Janeiro: Elsevier, 4ª ed. 2008. ROLEN, J. W.; YOKOCHI, C.; LÜTJEN-DRECOLL, E. Anatomia Humana: Atlas Fotográfico de Anatomia Sistêmica e Regional. São Paulo: Malone, 5ª ed. 2002. SOBOTTA/BECHER Atlas de Anatomia Humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. TORTORA, G. J.; DERRICKSON, B. Princípios de Anatomia e Fisiologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 12ª ed. 2013. TORTORA, G. J. Princípios de Anatomia Humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 10ª ed. 2010.			

Eixo Temático:	A Complexidade Humana		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar II	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há.	Certificação Intermediária	Não há
Atividade realizada nos espaços de ensino e na comunidade, buscando identificar os diversos modos de vida das pessoas e sua relação com as condições econômicas, sociais e culturais (Reconhecimento territorial). Conhecimento “in loco” das relações existentes entre as dimensões bio-psico-afetivo-social-cultural. A compreensão e exercício da cidadania nos territórios de vida e saúde. Investigação sobre as condições de vida e os riscos presentes nas localidades escolhidas, a partir de análise descritiva do território e seus elementos constitutivos. Identificação principais problemas que afetam as pessoas (indivíduos/coletividade). Seleção de problema para intervenção na perspectiva da transformação no processo saúde-doença, no âmbito das discussões do EIXO TEMÁTICO II intitulado A COMPLEXIDADE HUMANA.			
Bibliografia Básica: AGUIAR, Zenaide Neto (Org.). SUS: Sistema Único de Saúde: antecedentes, percurso, perspectivas e desafios. São Paulo: Martinari, 2011. 189 p. RIVERA, Francisco Javier Uribe. Planejamento e programação em saúde: um enfoque estratégico. São Paulo: Editora Cortez, 1989. 222 p SAITO, Raquel Xavier de Souza. Integralidade da atenção: organização do trabalho no Programa Saúde da Família na perspectiva sujeito-sujeito. São Paulo: Martinari, 2008.			
Bibliografia Complementar: CAMPOS, G.W.S. (Org). Tratado de Saúde coletiva. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 2012. COHN, Gabriel. Max Weber: Sociologia. 7 ed. São Paulo: Ática, 2004. 167 p. WILSON, E.O. (org). Biodiversidade. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1997 DONNANGELO, Maria Cecília F.; PEREIRA, Luiz. Saúde e sociedade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976. 124 p. FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de (Org.). SUS e PSF para enfermagem: práticas para cuidado em saúde coletiva. São Caetano do Sul: Yendis, 2007. 312p			

Eixo Temático:	Interações do contexto Viver e Ser		
Unidade programática:	Concepção, Ciclo Vital e Morte II	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 2.1	Certificação Intermediária	Não há
Princípios básicos da fisiologia, O Universo e sua composição fundamental Compartimentos Líquidos do corpo;;Bioeletrogênese;Coordenação e integração dos principais órgãos e sistemas do corpo humano. Mecanismo de controle dos diversos órgãos e sistemas do corpo humano. Hemodinâmica, Eletrofisiologia e Contração do músculo do coração. Pressão arterial e sua regulação membranas,Trocas de calor			

corporal e biofísica das radiações e radioproteção.

Bibliografia Básica:

CONSTANZO S, LINDA .Fisiologia. 4ª ed.Rio de Janeiro: Elsevier ,2011.
GUYTON, A. C. Tratado de fisiologia médica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
TORTORA, G.J .Corpo Humano :fundamentos da anatomia e fisiologia 6ed Porto Alegre: Artemed,2006.

Bibliografia Complementar:

BERNE, R..M. et. Fisiologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
GUYTON, Arthur C.; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 973 p.
LENT, R Cem Bilhões de Neurônios: **Conceitos Fundamentais de Neurociência** 2ª. ed. São Paulo Atheneu 2010.
SILVERTHORN, D.U. **Fisiologia humana**: uma abordagem integrada. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2003.
_____. **Fisiologia humana**: uma abordagem integrada. dee unglaub silverthorn. 5. ed. barueri: manole, 2010.

Eixo Temático:	Interações do contexto Viver e Ser		
Unidade programática:	Fisiopatologia do processo saúde-doença	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 1.5 ENFET 2.2	Certificação Intermediária	Não há
Abordagem dos conceitos básicos dos princípios processos patológicos nos diferentes tipos de afecções. Lesão celular. Inflamação. Reparo. Distúrbios hemodinâmicos. Neoplasias. Doenças infecciosas. Patologia Ambiental e Nutricional. Doença dos órgãos e sistemas. Pele.			
Bibliografia Básica: BRASILEIRO FILHO, GERALDO. Bogliolo Patologia Geral. 5ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. ROBBINS: patologia estrutural e funcional . 6ª ed. Rio de Janeiro: G. Koogan, 2000. CONTRAN, R.S.; ROBINSON, S.L. Bases patológicas. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.			
Bibliografia Complementar: COLEÇÃO PRÁXIS ENFERMAGEM. Fisiopatologia básica. Rio de Janeiro: G. Koogan, 2005. PORTH, Carol Mattson; MATFIN, Glenn. Fisiopatologia: volume 1. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. PORTH, Carol Mattson; MATFIN, Glenn. Fisiopatologia: volume 2. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.			

HANSEL, Donna E.; DINTZIS, Renee Z. Fundamento de Rubin: patologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 937 p
MITCHELL, Richard N. et al. Fundamentos de Robbins e Cotran: patologia. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 699 p. I

Eixo Temático:	Interações do contexto Viver e Ser		
Unidade programática:	Parasitologia	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há.	Certificação Intermediária	Não há
Parasitologia, conceitos básicos, fundamentação do fenômeno de parasitismo que acomete a saúde humana, relações harmônicas e desarmônicas, entre os seres vivos, evidenciando a interação parasito-hospedeiro. Classificação, sistemática e nomenclatura zoológica. Estudo dos endoparasitas e ectoparasitas, nos aspectos da biologia, patogenia, imunobiologia, sintomatologia, diagnóstico, epidemiologia e profilaxia das principais doenças parasitárias no Brasil. Endemias parasitárias e os fatores ambientais que as favorecem.			
Bibliografia Básica: NEVES, D.P. et al. Parasitologia humana . 11ª.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005. NEVES, D.P. et al. Parasitologia humana . 10ª.ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2003. NEVES, D.P. et al. Parasitologia Dinâmica . 2ª.ed. São Paulo: Atheneu, 2001			
Bibliografia Complementar: MORAES, R. G. LEITE, I. C., GOULART, E. G. Parasitologia e microbiologia humana . 4ª ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2000. CIMERMAN, B.; FRANCO, M.A. Parasitologia humana e seus fundamentos gerais . 2ª Ed. São Paulo: Atheneu, 2002. CIMERMAN, B.; FRANCO, M.A. Atlas de parasitologia . São Paulo: Atheneu, 2002. REY, L. Bases da parasitologia médica . 2ª.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. REY, L. Parasitologia . 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.			

Eixo Temático:	Interações do contexto Viver e Ser		
Unidade programática:	Semiologia e Semiotécnica da Enfermagem I	CH	120 horas
Pré-requisito	ENFET 2.5	Certificação Intermediária	Não há
Comunicação e registros na enfermagem. Biossegurança nas ações de saúde. Introdução ao processo de enfermagem. Métodos e técnicas de avaliação clínica e procedimentos de enfermagem no cuidado individual de saúde, como posições para exame, medidas antropométricas, verificação dos sinais vitais, higienização e massagem de conforto. Avaliação clínica com enfoque no exame físico da pele e anexo, cabeça, pescoço, sistema neurológico, pulmonar, cardíaco, abdominal e			

urinário. Síndrome do desuso e inatividade aspectos relacionados ao sono e repouso. Assistência de enfermagem no tratamento de feridas. Processo de morte e morrer.

Bibliografia Básica:

SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. **BRUNNER & SUDDARTH: Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica**. 10. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2011..
POTTER, Patricia A.; PERRY, Anne Griffin. **Fundamentos de enfermagem**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 1480 p.
POSSO, Maria Belén Salazar. **Semiologia e e semiotécnica de enfermagem**: Maria Belén Salazar Posso. São Paulo: Atheneu, 2006. 181 p.

Bibliografia Complementar:

POTTER, P. Semiologia em Enfermagem. 4. ed. São Paulo: Reichmann & Affonso, 2002.
PIANUCCI, A. Saber cuidar: procedimentos básicos em enfermagem. 4. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004
POSSO, M. B. S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. Rio de Janeiro: Atheneu, 2006.
ROMEIRO, Vieira. Semiologia médica: volume 1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1968
WEBER, J.R. Semiologia: guia prático para enfermagem/traduzido por João Clemente Barros, 5 ed. Coleção Práxis Enfermagem. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2007.

Eixo Temático:	Interações do contexto Viver e Ser		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar III	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Estudo das relações complexas que envolvem o Ser, o Viver e o adoecer. Introdução ao estudo da fisiologia e alterações patológicas no organismo, as doenças parasitárias e sua prevenção. Introdução ao Processo do cuidar nos três níveis de atenção (promoção, proteção e recuperação) no âmbito do segundo nível de complexidade da Assistência no SUS (Média Complexidade) com momentos presenciais e vivenciais em laboratório da Instituição e na comunidade. Introdução as Práticas Vivenciais do Cuidado –PVC onde os discentes desenvolverão práticas vivenciais de atenção individual e coletiva.			
Bibliografia Básica: REICHMANN. Geriatría e gerontologia . Volume 1. Rio de Janeiro, 2005. 352p. ROMANO Regina Trino. Enfermagem clínica : assistência humanizada e cuidados integrais à saúde do adulto e do idoso / Rio de Janeiro : Senac Nacional, 2011. COSENDEY, Carlos Henrique. Geriatría e gerontologia : volume 2. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 648p			
Bibliografia Complementar:			

PIANUCCI, A. **Saber cuidar**: procedimentos básicos em enfermagem. 4. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

GERIATRIA e gerontologia: volume 1. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 352p

SMELTZER, Suzanne C. et al. **BRUNNER & SUDDARTH** - Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. **11** ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2308p.

GELBCKE, Francine Lima. **Fundamentos de enfermagem**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 362 p. (Cadernos Didáticos)

POTTER, Patrícia; PERRY, Anne Griffin. **Fundamentos de Enfermagem**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 999p.

Eixo Temático:	Interações do contexto Viver e Ser		
Unidade programática:	Práticas vivenciais do cuidado I	CH	30 horas
Pré-requisito	ENFET 2.5	Certificação Intermediária	Não há
Realiza cuidados de enfermagem ao adulto, numa perspectiva holística e humanescente, respeitando os aspectos da ética e da biossegurança; integrando os conhecimentos biopsicossociais, fisiopatológicos, nutricionais e farmacológicos envolvidos no processo saúde-doença; e implementando a avaliação clínica e cuidados de enfermagem ao adulto, com vistas à proteção e recuperação da saúde.			
Bibliografia Básica: POSSO, Maria Belén Salazar. Semiologia e e semiotécnica de enfermagem : Maria Belén Salazar Posso. São Paulo: Atheneu, 2006. SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. BRUNNER & SUDDARTH : Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. 10. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2011. POTTER, Patrícia A.; PERRY, Anne G. Grande tratado de Enfermagem : clínica e prática hospitalar. 2009			
Bibliografia Complementar: FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de; MEIRELES, Isabella Barbosa. Feridas : fundamentos e atualizações em enfermagem. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Yendis, 2007. 424 p; POTTER, Patrícia. Semiologia em Enfermagem . 4. ed. São Paulo: Reichmann & Affonso, 2002. BOFF, Leonardo. Saber cuidar : ética do humano, compaixão pela terra. 12. ed Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 199p. POSSO, Maria Belén Salazar. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem . Rio de Janeiro: Atheneu, 2006. GELBCKE, Francine Lima. Fundamentos de enfermagem . Florianópolis: Cidade Futura,			

2002. 362 p. (Cadernos Didáticos).

Eixo Temático:	Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar		
Unidade programática:	Enfermagem e o SUS: Políticas e estratégias de Atenção à Saúde Coletiva e da Família.	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há

Evolução histórica das políticas e das práticas de saúde no Brasil, elementos diferenciais do paradigma clínico/flexneriano e da produção social da saúde na organização dos serviços, legislação do SUS e instâncias de gestão, pacto pela saúde, o atual modelo de atenção - Vigilância à Saúde - a partir da promoção, proteção e recuperação. Processo de trabalho em saúde, Atenção Básica como porta de entrada preferencial do sistema e ordenadora do processo do cuidado integral. A Estratégia Saúde da Família - ESF no contexto do SUS, princípios e diretrizes. Atuação na perspectiva da transformação no processo saúde-doença, no âmbito das discussões do EIXO TEMÁTICO IV intitulado PROCESSO SAÚDE DOENÇA NA DIMENSÃO COLETIVA E FAMILIAR.

Bibliografia Básica:

AGUIAR, ZENAIDE NETO (ORG.). SUS: sistema único de saúde: antecedentes, percurso, perspectivas e desafios. São Paulo: Martinari, 2011.
BERTOLLI FILHO, Claudio. HISTÓRIA DA SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL. 4 Ed. São Paulo: Ática, 2004.
SAITO, Raquel Xavier de Souza. . INTEGRALIDADE DA ATENÇÃO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA NA PERSPECTIVA SUJEITO-SUJEITO. São Paulo: Martinari, 2008.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA FILHO, Naomar de; ROUQUAYROL, M.Z. **Epidemiologia & Saúde**. 6 ed., Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.
EREIRA, Maurício Gomes. **Epidemiologia**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 596 p. .
NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. **Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do recém-nascido**. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006.
GASTÃO Wagner Campos; et al. **Tratado de saúde coletiva**. Editora: HUCITEC. Última edição.
EPIDEMIOLOGIA. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p.

Eixo Temático:	Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar		
Unidade	Farmacologia Aplicada a	CH	60 horas

programática:	Enfermagem		
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Capacitar os alunos de enfermagem acerca dos conhecimentos básicos sobre Farmacologia. Fármacos que atuam nos diversos sistemas biológicos. Noções de Farmacocinética e Farmacodinâmica. Interações medicamentosas. Reação adversas e medicamentos (RAM)			
Bibliografia Básica: KATZUNG, BERTRAM G. MASTERS, S. B.; TREVOR, A. J. Farmacologia: básica e clínica. 12ª ed. Porto Alegre: McGraw-Hill Artmed, 2014. RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M. Farmacologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004 GOODMAN & GILMAN. As bases Farmacológicas da Terapêutica. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora McGraw-Hill. 2007.			
Bibliografia Complementar: SILVA, Penildon. Farmacologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980. 1384 p. FARMACOLOGIA: básica e clínica. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 1054 p. TREVOR, Anthony J. Farmacologia: básica e clínica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 1228 p SILVA, Penildon. Farmacologia. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 1325 p. SILVA, Penildon. Farmacologia. 7ª ed. Rio de Janeiro: G. Koogan. 2006			

Eixo Temático:	Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar		
Unidade programática:	História e Processo de Trabalho em saúde	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
A UP visa o estudo da Enfermagem contemporânea a partir de suas origens e das correntes de pensamento que embasam a referida profissão. Aprofundamento dos conceitos de trabalho, trabalho em saúde e trabalho da enfermagem. Introdução dos conceitos de modelos tecnológicos da produção dos serviços de saúde e processo de trabalho em saúde/enfermagem. A evolução histórica da Enfermagem brasileira e mundial. Processo de trabalho da enfermagem: assistir/intervir, gerenciar, ensinar/aprender e pesquisar. Essa disciplina tem um cunho teórico-prático. O aluno deverá captar a realidade objetiva a partir das categorias estudadas: sociedade, processo produtivo, produção dos serviços de saúde, trabalho de enfermagem.			
Bibliografia Básica: HORTA, Wanda Aguiar. Processo de enfermagem. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1979. 99p. TANNURE, Meire Chucre. SAE: sistematização da assistência de enfermagem : guia			

prático. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009
GEOVANINI, Telma et al. **História da enfermagem**: versões e interpretações. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. 404 p.

Bibliografia Complementar:

HORTA, Wanda de Aguiar. Processo de enfermagem. São Paulo: E.P.U., 1979
DIAGNÓSTICOS de enfermagem da NANDA: definições e classificação 2007-2008. Porto Alegre: Artmed,
Conselho Federal de Enfermagem. Força de trabalho em enfermagem. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Enfermagem, 1985
CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 10 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005
CARPENITO-MOYET, Lynda Juall; ANA THORELL. Compreensão do processo de enfermagem: mapeamento de conceitos e planejamento do cuidado para estudantes. Porto Alegre: Artmed, 2007

Eixo Temático:	Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar		
Unidade programática:	Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem II	CH	120 horas
Pré-requisito	ENFET 2.5 ENFET 3.4 ENFET 3.5	Certificação Intermediária	Não há
Assistência de enfermagem nas necessidades nutricionais e eliminatórias (vesicais e intestinais); cálculo e administração de medicamentos; e às principais afecções dos sistemas neurológico, pulmonar, cardíaco, digestivo, urinário e endócrino em nível de atenção de média complexidade dos serviços de saúde.			
Bibliografia Básica: POSSO, M. B. S. Semiologia e semiotécnica de enfermagem . São Paulo: Atheneu, 2010. 181p. POTTER, P. A; PERRY, A. G. Fundamentos de enfermagem . 7. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 1480p. SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. BRUNNER & SUDDARTH : Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. 10. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2011..			
Bibliografia Complementar: TANNURE, Meire Chucre. SAE : sistematização da assistência de enfermagem : guia prático. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 168 p..POTTER, P. Semiologia em Enfermagem. 4.ed. São Paulo: Reichmann & Affonso, 2002. TAYLOR, Carol; LILLIS, Carol; LEMONE, Priscila. Fundamentos de enfermagem: a arte da ciência do cuidado de enfermagem. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. POTTER, Patrícia. Semiologia em Enfermagem. 4. ed. São Paulo: Reichmann & Affonso,			

2002

FUNDAMENTOS de enfermagem. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

Eixo Temático:	Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar		
Unidade programática:	Atividade Integrativa Multidisciplinar IV	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Estudo do processo político, social, organizativo e operacional de mudanças das práticas sanitárias no SUS para construção de melhores condições de vida e saúde. Organização do processo de trabalho com enfoque ao processo de enfermagem, em especial a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), vivenciados no âmbito hospitalar durante a realização da Prática Vivencial do Cuidado II (PVCII). Aplicação e reflexão no desenvolvimento das técnicas de semiologia e semiotécnica. Fomento da importância da ação farmacológica (seu efeito adverso e posologia) durante a internação, permanência e alta hospitalar.			
Bibliografia Básica: HORTA, Wanda Aguiar. Processo de enfermagem. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1979. 99p. SOUZA, Virginia Helena Soares de; MOZACHI, Nelson. O hospital: manual de ambiente hospitalar. 5 ed. Curitiba: Manual Real, 2006. 816 p. SWEARINGEN, Pamela L.; HOWARD, Cheri A. Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem. 3. ed Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. 657p.			
Bibliografia Complementar: SUS e PSF para enfermagem: práticas para cuidado em saúde coletiva. São Caetano do Sul: Yendis, 2007. 312p. FIGUEIREDO, Nélia Maria Almeida de. Ensinando a cuidar em saúde pública. 4 ed. São Caetano do Sul: Difusão Enfermagem, 2006. 528 p.. NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do recém-nascido. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006. ROUQUAYROL, Maria Zélia. Epidemiologia e saúde. 4. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1994 EPIDEMIOLOGIA. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p.			

Eixo Temático:	Processo saúde doença na dimensão coletiva e familiar		
Unidade programática:	Práticas Vivencias do Cuidado II	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 3.4 ENFET 3.5	Certificação Intermediária	Não há
Compreende a assistência de enfermagem ao adulto com necessidades básicas comprometidas considerando os aspectos biopsicossociais, fisiopatológicos, nutricionais e farmacológicos envolvidos no processo saúde-doença; permite executar			

a assistência de enfermagem aos adultos com necessidades nutricionais, nas eliminações vesicais e intestinais, na administração de medicamentos e na oxigenoterapia.

Bibliografia Básica:

POSSO, Maria Belén Salazar. **Semiologia e e semiotécnica de enfermagem:** Maria Belén Salazar Posso. São Paulo: Atheneu, 2006.
SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. **BRUNNER & SUDDARTH:** Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
POTTER, Patrícia A.; PERRY, Anne G. **Grande tratado de Enfermagem:** clínica e prática hospitalar. 2009.

Bibliografia Complementar:

IRION, G. L. Feridas Novas Abordagens, Manejo Clínico e Atlas em Cores. 2ed, 2010.
FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de; MEIRELES, Isabella Barbosa. **Feridas:** fundamentos e atualizações em enfermagem. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Yendis, 2007. 424 p
BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. 12. ed Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 199p.
POTTER, Patrícia. **Semiologia em Enfermagem.** 4. ed. São Paulo: Reichmann & Affonso, 2002.
GELBCKE, Francine Lima. **Fundamentos de enfermagem.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 362 p. (Cadernos Didáticos).

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade programática:	Ética e exercício da enfermagem	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 4.4	Certificação Intermediária	Não há
Estudo das concepções que fundamentam o ethos humano; Ética, Direitos humanos, acessibilidade, cidadania e qualidade de vida, relações culturais étnico-raciais e indígenas. Ética na saúde e responsabilização do enfermeiro; Participação, organização política e entidades de classe; A ética codificada na enfermagem; Diferentes momentos do exercício profissional da enfermagem brasileira; Regulação e regulamentação do exercício profissional da enfermagem.			
Bibliografia Básica: BARCHIFONTAINE, C.P. Bioética e saúde. São Paulo: CEDAS, 1990. SÁ, A.L. Ética Profissional. 4ed. São Paulo: Atlas, 2009. BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.			
Bibliografia Complementar:			

BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de; PESSINI, Leocir. **Bioética e saúde**. São Paulo: CEDAS, 1990. 332 p.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 267 p.

ÉTICA e cidadania: caminhos da filosofia: elementos para o ensino de filosofia. Campinas: Papirus 111 p.

RAWLS, John. O direito dos povos. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 259 p. **BARROCO**. RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 18. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. 86 p.

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade programática:	Fundamentos da Epidemiologia	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 4.2	Certificação Intermediária	Não há
Tratará os principais elementos teóricos conceituais necessários para elaboração e/ou compreensão do diagnóstico de saúde de uma determinada localidade, e assim entendendo e reconhecendo os principais indicadores de saúde no campo da saúde pública; Bases do raciocínio epidemiológico para análise de frequência e distribuição dos processos de saúde-doença na população.			
Bibliografia Básica: Rouquayrol, Maria Zelia; Silva, Marcelo Gurgel Carlos da. EPIDEMIOLOGIA e saúde . 7. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2013. 709 p. ISBN 9788599977842 ALEXANDRE, Lourdes Bernadete S.P. Epidemiologia: aplicada nos serviços de saúde . São Paulo: Martinari, 2012. 310 p. ISBN 9788589788991 MEDRONHO, Roberto A. EPIDEMIOLOGIA . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p. ISBN 9788573799996			
Bibliografia Complementar: PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 596 p. ISBN 9788527703567. Aguiar, Zenaide Neto; Ribeiro, Maria Celeste Soares. Vigilância e controle das doenças transmissíveis . 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Martinari, 2006. ISBN 8589788059. WALDMAN, Eliseu Alves. Vigilância em Saúde Pública , volume 7 ; colaboração de Tereza Etsuko da Costa Rosa. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. (Série Saúde & Cidadania). PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995.. ROUQUAYROL, Maria Zélia. Epidemiologia e saúde . 4. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1994. 527 p			

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade	Fundamentos de	CH	60 horas

programática:	Investigação Científica		
Pré-requisito	ENFET 1.4 ENFET 1.6	Certificação Intermediária	Não há
O método científico/processo de pesquisa em enfermagem. Elementos do método científico. Importância da pesquisa em enfermagem. Estrutura e normalização do trabalho científico utilizando o preconizado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas. Trabalhos científicos acadêmicos. Resumos e Fichamentos. Ética na Pesquisa com Seres Humanos. Componentes de um projeto de pesquisa. Bases metodológicas e conceituais dos tipos de pesquisa na área da saúde/enfermagem. Revisão de literatura/Pesquisa Bibliográfica e o uso de Bases de Dados <i>Online</i> como fonte de informação. Bibliografia Básica: GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. Metodologia do trabalho científico. 6.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001. HADDAD, N. 2004. Metodologia de estudos em ciências da Saúde: como planejar, analisar e apresentar um trabalho científico. São Paulo: Roca, 2004. Bibliografia Complementar: TIERNO, Bernabé. As melhores técnicas de estudo: saber ler corretamente, fazer anotações e preparar-se para os exames. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção Ferramentas)FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 22. ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002. MARCONI, M de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002. LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.			

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade programática:	Processos e Interações Nutricionais	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Conceitos básicos sobre alimentação e nutrição. Valor nutricional dos alimentos: Macro e micronutrientes. Panorama epidemiológico nutricional brasileiro. Nutrição nos ciclos de vida. Guias alimentares para uma alimentação saudável. Noções de avaliação nutricional nos ciclos de vida. Nutrição nas doenças crônicas não transmissíveis. Dietas modificadas. Terapia nutricional enteral e parenteral. Bibliografia Básica: MAHAN, L.K & ESCOTT-STUMP, S KRAUSE: Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 13 ed.			

São Paulo: Elsevier, 2013.
CUPPARI, L. **Nutrição: nutrição clínica no adulto**. São Paulo: 2 ed. Manole. Unifesp, 2005.
VITOLO, M.R. **Nutrição: da gestação ao envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rubio, 2014. 555p.

Bibliografia Complementar:

REIS, Nelzir Trindade. **Nutrição clínica**, sistema digestivo. Rio de Janeiro: Rubio, 2003. 294 p.
NUTRIÇÃO: da gestação ao envelhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2015. 555 p. I.
NUTRIÇÃO humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 345 p.
SHILS, Maurice E.; SHIKE, Moshe; ROSS, A. Catharine; CABALLERO, Benjamin; COUSINS, Robert J. ((ed.)). **Nutrição moderna na saúde e na doença**. 10. ed. São Paulo: Manole, 2009. 2221 p.
LIMA, Durval Stockler de. **Nutrição orientada e os remédios da natureza**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1984. 259 p.

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade programática:	Vigilância à Saúde	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 4.2	Certificação Intermediária	Não há

Reconhecer e assumir o processo de responsabilização sanitária apoiado no território e na abordagem dos problemas em saúde, com vistas à integralidade do cuidado, a prática de planejamento e adoção de um modelo de atenção de vigilância à saúde, embasados pelo paradigma da produção social da saúde. Compreensão e aplicabilidade dos indicadores de saúde. Prevenção e controle das doenças. Vigilância de doenças de transmissão hídrica. Vigilância de doenças transmitidas por vetores. Vigilância de doenças não transmissíveis crônicas. Sistemas de informação em saúde relacionados com a vigilância à saúde. Fundamentos de vigilância sanitária e ambiental. Concepção de modelo tendo como objeto de intervenção a família e a coletividade, e considerando os fatores determinantes e condicionantes ambientais e socioeconômicos capazes de interferir na saúde humana, visando à promoção e à proteção da saúde da população..

Bibliografia Básica:

ALMEIDA FILHO, N; ROUQUAYROL, M. Z. Epidemiologia e Saúde. 6ª ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.
CAMPOS, G. W. S. (Org.). Tratado de saúde coletiva. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
MEDRONHO, AR; CARVALHO, D.M.; BLOCK KV; LUIZ, R.R.; WERECK, G.L.(ED). Epidemiologia. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2009.

Bibliografia Complementar:

CECILIO, L.C. O. (Org.). Inventando a mudança na saúde. São Paulo: Hucitec, 1994.
COHN, A. et al. A saúde como direito e como serviço. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
PINHEIRO, R. et al. Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: UERJ, 2006.
SCLIAR, M. et. al. **Saúde pública**: histórias, política e revolta. São Paulo: Scipione, 2002.
ROUQUAYROL, Maria Zélia. **Epidemiologia e saúde**. 4. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1994. 527 p

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade programática:	Prática Vivencial do Cuidado III	CH	30 horas
Pré-requisito	ENFET 4.2 ENFET 4.5	Certificação Intermediária	Não há
Compreensão e elaboração do diagnóstico de saúde de uma determinada localidade, e assim reconhecendo os principais indicadores de saúde no campo da saúde pública com base no raciocínio epidemiológico com posterior análise dos processos de saúde-doença, contato direto com os principais Sistemas de Informação em saúde.			
Bibliografia Básica: MEDRONHO, Roberto A. EPIDEMIOLOGIA . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p. SCLIAR, Moacyr; Pamplona A.; Rios, Miguel Angelo Thompson; Souza, Maria Helena Soares de. Saúde Pública: histórias, políticas e revolta . São Paulo: Scipione, 2002. 142p. (Mosaico – Ensaio e documentos). ALEXANDRE, Lourdes Bernadete S.P. Epidemiologia: aplicada nos serviços de saúde . São Paulo: Martinari, 2012. 310 p. 310 p.			
Bibliografia Complementar: ALEXANDRE, Lourdes Bernadete S.P. Epidemiologia: aplicada nos serviços de saúde . São Paulo: Martinari, 2012. 310 p. 310 p. PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 596 p. ISBN 9788527703567. WALDMAN, Eliseu Alves. Vigilância em Saúde Pública , volume 7 ; colaboração de Tereza Etsuko da Costa Rosa. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. (Série Saúde & Cidadania). ALMEIDA FILHO, Naomar de; ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde . 6 ed., Rio de Janeiro: MEDSI, 2003. MEDRONHO, Roberto A. Epidemiologia . São Paulo: Atheneu, 2007. 493p			

Eixo Temático:	Enfermagem no contexto da atenção/ assistência à saúde		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar V	CH	30 horas

Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Atividades Presenciais e Vivenciais desenvolvidas no espaço institucional e no serviço de vigilância em saúde as quais visam articular os diferentes saberes das Unidades Programáticas que compõem o Eixo Temático V, e que contribuirá para a percepção dos discentes dos diferentes níveis de atenção e níveis de complexidade da assistência no âmbito do SUS. Aplicabilidade da epidemiologia descritiva e analítica, considerando os fundamentos da investigação científica nos estudos que envolvem o contexto da atenção/assistência.			
Bibliografia Básica: Rouquayrol, Maria Zelia; Silva, Marcelo Gurgel Carlos da. EPIDEMIOLOGIA e saúde. 7. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2013. 709 p. ISBN 9788599977842 ALEXANDRE, Lourdes Bernadete S.P. Epidemiologia: aplicada nos serviços de saúde. São Paulo: Martinari, 2012. 310 p. ISBN 9788589788991 MEDRONHO, Roberto A. EPIDEMIOLOGIA. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p. ISBN 9788573799996			
Bibliografia Complementar: MCARDLE, William D.; KATCH, Frank I.; KATCH, Victor L. Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 1061 p. ISBN 9788527718165. Aguiar, Zenaide Neto.; Ribeiro, Maria Celeste Soares. VIGILÂNCIA e controle das doenças transmissíveis. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Martinari, 2006. ISBN 8589788059. ALEXANDRE, Lourdes Bernadete S.P. Epidemiologia: aplicada nos serviços de saúde. São Paulo: Martinari, 2012. 310 p. ISBN 9788589788991 Cardoso, Marly Augusto; Vannucchi, Helio. NUTRIÇÃO humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 345 p. (Nutrição e Metabolismo) ISBN 9788527712040. PEREIRA, Maurício Gomes. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995. 596 p. ISBN 9788527703567.			

Eixo Temático:	Enfermagem e a sistematização da atenção da atenção/assistência		
Unidade programática:	Bioquímica aplicada a Enfermagem	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 2.2	Certificação Intermediária	Não há
Equilíbrio ácido básico e eletrolítico, Gasometria, Enzimas de interesse clínico. Dosagens Bioquímicas, interpretação dos exames gestacionais, teste do pezinho, e, compreensão de algumas patologias decorrentes de distúrbios bioquímicos			
Bibliografia Básica: SALES, O. Leitura e interpretação de exames em enfermagem. Goiânia: AB Editora,			

2005.
SMELTZER, S.C; BARE, B.G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgico. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 10ª ed. 2005
FISCHBACH, Frances; DUNNING III, Marshall B. Manual de Enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos. Guanabara Koogan. 8 ed. 2010.

Bibliografia Complementar:

POTTER, P. A.; PERRY, A. G. Fundamentos de enfermagem. 6ª ed. Rio de Janeiro: ELSEVIER, 2009.
LIMA, Orcélia Pereira Sales Carvalho. **Leitura e interpretação de exames em enfermagem**. Goiânia: AB Editora, 2007
VIANA, Dirce Laplace. **Tratado prático de enfermagem**. São Caetano do Sul: Yendis, 2006
TAYLOR, Carol; LILLIS, Carol; LEMONE, Priscila. **Fundamentos de enfermagem: a arte da ciência do cuidado de enfermagem**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007
EXAMES diagnósticos: finalidade, procedimento, interpretação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

Eixo Temático:	Enfermagem e a sistematização da atenção da atenção/assistência		
Unidade programática:	-Enfermagem e a Estratégia de Saúde da Família	CH	90 horas
Pré-requisito	ENFET 4.1 ENFET 4.2 ENFET 5.1 ENFET 5.5	Certificação Intermediária	Não há
Possibilitar o conhecimento e a reflexão acerca da acessibilidade e da prática do Enfermeiro que atua na Atenção Básica (AB), no âmbito da Estratégia de Saúde da Família (ESF), considerando a família nos seu processo social de trabalho e vivência, sua cultura, sua diversidade e seus diversos contextos processo saúde-doença na coletividade. Compreender e organizar a consulta de enfermagem nas ações integradas de atenção e assistência à saúde da criança e do adulto na Rede Básica de Serviços de Saúde do Sistema Único do Saúde (SUS).			
Bibliografia Básica: COSENDEY, Carlos Henrique. Geriatría e gerontologia : volume 2. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 648p. OHARA, Elisabete Calabuig Chapina. Saúde da família : considerações teóricas e aplicabilidade São Paulo: Martinari, 2008. 423p NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do recém-nascido. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006.			

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA FILHO, Naomar de; ROUQUAYROL, M.Z. **Epidemiologia & Saúde**. 6 ed., Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.

GASTÃO Wagner Campos; et al. **Tratado de saúde coletiva**. Editora: HUCITEC. 2012

MEDRONHO, Roberto A. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2007. 493p

NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. **Ensinando a cuidar da mulher**, do homem e do recém-nascido. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006.

OHANA. Elisabete Calabuig Chapina, SAITO Raquel Xavier de Souza. **Saúde da família: considerações teóricas e aplicabilidade**. São Paulo: Martinari, 2008.

Eixo Temático:	Enfermagem e a sistematização da atenção da atenção/assistência		
Unidade programática:	Fundamentos da gerência nos serviços de saúde	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 5.2	Certificação Intermediária	Não há

Ensino das Teorias da Administração e sua correlação com a prática da enfermagem atual. Elementos e métodos do processo administrativo em saúde e enfermagem: planejamento, organização, coordenação, monitoramento e avaliação, correlacionando-os com a produção dos serviços de saúde no modelo clínico e epidemiológico. A gestão dos Serviços de Saúde segundo a lógica neoliberal e segundo os interesses coletivos; o papel dos trabalhadores de saúde e dos movimentos organizados em saúde. Legislação trabalhista. Funções administrativas do enfermeiro nas unidades de saúde: supervisão, coordenação da assistência de enfermagem, treinamento de recursos humanos por meio da educação permanente.

Bibliografia Básica:

MARQUIS, B.; HUSTON, C. J. **Administração e liderança em enfermagem: Teoria e Prática**. Trad. Regina Garcez. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

Monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança, O / 2004 - (Livros)

Bibliografia Complementar:

DAFT, Richard L. **Administração**. São Paulo: Cengage Learning, 2010

HORTA, Wanda de Aguiar. **Processo de enfermagem**. São Paulo: E.P.U., 1979

PINTO, Thereza Meiga; SOUZA, Maria de Lourdes de. **Filosofia na enfermagem: algumas reflexões**. Pelotas: UFPel, 1998.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

Eixo Temático:	Enfermagem e a sistematização da atenção da atenção/
-----------------------	--

	assistência		
Unidade programática:	Práticas Integrativas e Educativas em Saúde	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 4.2	Certificação Intermediária	Não há

Saberes Humanescientes, Conceito de Práticas Integrativas e Complementares na Saúde, Racionalidades e Recursos Terapêuticos incluídos nas PIC no SUS, Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC no SUS (Portaria 971 de 03/05/2006), Política Estadual de Práticas Integrativas Complementares no SUS do RN-PEPIC/RN (Portaria 274/ GS, de 27 de junho de 2011).

Processo histórico-social da educação em saúde no Brasil; influências mundiais; ação pedagógica na área da saúde/enfermagem; estudo das concepções e tecnologias educacionais; elementos do processo ensino-aprendizagem: o campo, as bases e o plano da ação, assim como, o papel dos sujeitos; instrumentos do processo educativo na educação para a saúde

Bibliografia Básica:

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 58 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 291 p.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011. 102 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 143 p.

Bibliografia Complementar:

SUS e PSF para enfermagem: práticas para cuidado em saúde coletiva. São Caetano do Sul: Yendis, 2007

COUSINS, Norman. **Cura-te pela cabeça:** a bibliografia da esperança. São Paulo: Saraiva, 1992

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148p. 39 reimp. 2009

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 45ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288p. 67ª reimp. 2010

Eixo Temático:	Enfermagem e a sistematização da atenção da atenção/assistência		
Unidade programática:	Práticas Vivencial do Cuidado VI	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 4.2 ENFET 5.1	Certificação Intermediária	Não há

	ENFET 5.5 ENFET 5.6		
Atividades Presenciais e Vivenciais desenvolvidas no espaço institucional e na comunidade as que possibilitem articular os diferentes saberes das Unidades Programáticas que compõem o Eixo Temático VI de forma a proporcionar o olhar integrado do cuidar utilizando o Processo de Enfermagem e a Sistematização da Assistência de Enfermagem.			
Bibliografia Básica: Ligações entre NANDA, NOC e NIC : diagnósticos, resultados e intervenções de enfermagem - 2. ed. / 2009 - (Livros) ENGEL, Joyce. Avaliação em pediatria . 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso, 2002. FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida de. Ensinando a cuidar da criança . 4 ed. São Caetano do Sul: Difusão Enfermagem, 2006			
Bibliografia Complementar: Johnson, M. et al. Ligações entre NANDA, NOC e NIC . 2ª ed. Editora Artmed:Porto Alegre. 2009. OHANA. Elisabete Calabuig Chapina, SAITO Raquel Xavier de Souza. Saúde da família : considerações teóricas e aplicabilidade. São Paulo: Martinari, 2008. WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal . 45ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288p.67ªreimp.2010 MEDRONHO, Roberto A. Epidemiologia . São Paulo: Atheneu, 2007. 493p GASTÃO Wagner Campos; et al. Tratado de saúde coletiva . Editora: HUCITEC. 2012.			

Eixo Temático:	Enfermagem e a sistematização da atenção da atenção/assistência		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar VI.	CH	60 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Atividades Presenciais e Vivenciais desenvolvidas no espaço institucional e na comunidade as quais visam articular os diferentes saberes das Unidades Programáticas que compõem o Eixo Temático VI, de forma a proporcionar o olhar integrado do cuidado utilizando o Processo de Enfermagem/Consulta de enfermagem.			
Bibliografia Básica: SILVA, M. G. C.; ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde 7 ed., Rio de Janeiro: MEDSI, 2013. WHALEY, L.F; WONG, D.L. Enfermagem Pediátrica . Rio de Janeiro: Guanabara, 1999 NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do			

recém-nascido. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA FILHO, Naomar de; ROUQUAYROL, M.Z. **Epidemiologia & Saúde**. 6 ed., Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.

MEDRONHO, Roberto A. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2007. 493p

NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. **Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do recém-nascido**. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006.

OHANA. Elisabete Calabuig Chapina, SAITO Raquel Xavier de Souza. **Saúde da família: considerações teóricas e aplicabilidade**. São Paulo: Martinari, 2008.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. 45ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288p. 67ª reimp. 2010

Eixo Temático:	Saúde e suporte básico de vida		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar VII.	CH	30 horas
Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Atividade realizada nos espaços de ensino e na comunidade, buscando interconectar saberes e fazeres na identificação/intervenção sobre os problemas em saúde caracterizados segundo as especificidades do público-alvo (indivíduos/coletividade) de acordo com o ciclo de vida. Ancoragem do desenvolvimento das Práticas Vivenciais do Cuidado – PVC com a realidade do cenário de vida das populações. Discussão dos elementos-chave da Política Nacional de Saúde vigente, com ênfase na Atenção Primária e nível de atenção secundário (Média Complexidade) na perspectiva da transformação no processo saúde-doença, em referência às discussões do EIXO TEMÁTICO VII intitulado SAÚDE E SUPORTE BÁSICO DE VIDA.			
Bibliografia Básica: GERIATRIA e gerontologia: volume 1. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 352p. (Enfermagem Prática) WHALEY, L.F; WONG, D.L. Enfermagem pediátrica . Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1999. ENGEL, Joyce. Avaliação em pediatria . 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso, 2002			
Bibliografia Complementar: SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica . 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584p. RIBEIRO, Maria Celeste Soares. Enfermagem e trabalho: fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores . 2. ed. São Paulo: Martinari, 2012. SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico . 22. ed.rev. e ampl. São Paulo:			

Cortez, 2002.

LOPES, Marta Julia Marques; SCHUCK, Janete da Silva. **A enfermagem e a saúde dos trabalhadores**. 2 ed. São Paulo: AB Editora, 2001

MANUAL de enfermagem: **enfermagem materno-infantil**. Barueri: Vergara Brasil, 2008.

Eixo Temático:	Saúde e suporte básico de vida		
Unidade programática:	Enfermagem nas ações integradas em saúde da criança e do adolescente	CH	120 horas
Pré-requisito	ENFET 4.3 ENFET 6.3	Certificação Intermediária	Não há
Possibilitar o conhecimento e a reflexão do discente no que se refere às ações de saúde da mulher, da criança e do adolescente no âmbito da atenção básica, clínica ampliada e no suporte básico de vida, relacionando com o processo saúde-doença e entendendo o ser humano como um ser bio-psico-social, em uma visão holística e humanescente. Estudo e organização de protocolos assistenciais das Ações Integradas de atenção e Assistência à mulher, criança e ao adolescente na Rede de Serviços de Saúde do SUS.			
Bibliografia Básica: ENGEL, Joyce. Avaliação em pediatria. 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso, 2002 FIGUEREDO, N.M. Ensinado a cuidar da mulher, do homem e do Recém Nascido. São Caetano do Sul, SP: Difusão de enfermagem, 2006. WONG, D.L; WHALEY, L.F: enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.			
Bibliografia Complementar: COLLET, Neusa; OLIVEIRA, Beatriz Rosana Gonçalves de. Manual de enfermagem em pediatria. Goiânia: AB, 2002. 339p MANUAL de enfermagem: enfermagem materno-infantil. Barueri: Vergara Brasil, 2008. 423p. Lippincott Manual of Nursing Practice Pocket Guides: pediatric nursing . Enfermagem pediátrica: distúrbios, intervenções, procedimentos, exames complementares, recursos clínicos. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 2007 PEREIRA, Antonio Carlos Amador. O adolescente em desenvolvimento. São Paulo: Harbra, 2005. 155 p. SIGAUD, Cecília Helena de Siqueira et al.. Enfermagem pediátrica: o cuidado de enfermagem à criança e ao adolescente. São Paulo: E.P.U., 1996. 270 p			

Eixo Temático:	Saúde e suporte básico de vida		
Unidade	Enfermagem nas ações	CH	120 horas

programática:	integradas de saúde do adulto e do idoso		
Pré-requisito	ENFET 4.3 ENFET 6,1 ENFET 6.2 ENFET 6.3	Certificação Intermediária	Não há
Possibilitar o conhecimento e a reflexão sobre as práticas do enfermeiro nas ações de atenção ao adulto, idoso e saúde mental considerando os determinantes do processo saúde-doença no contexto da média complexidade no SUS.			
Bibliografia Básica: COSENDEY, Carlos Henrique. Geriatria e gerontologia : volume 2. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 648p. GERIATRIA e gerontologia : volume 1. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 352p. (Enfermagem Prática) GELBCKE, Francine Lima. Fundamentos de enfermagem . Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 362 p. (Cadernos Didáticos)			
Bibliografia Complementar: ROMANO, Regina Trino. Enfermagem clínica : assistência humanizada e cuidados integrais à saúde do adulto e do idoso. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011 RIBEIRO, Maria Celeste Soares. Enfermagem e trabalho : fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores. 2. ed. São Paulo: Martinari, 2012. SMELTZER, Suzanne C. et al. Brunner e Suddarth: volume 2: tratado de enfermagem médico-cirúrgica . 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. Compêndio de psiquiatria : ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584p. MORAES, Edgar Nunes de. Incapacidade cognitiva : abordagem diagnóstica e terapêutica das demências no idoso. Belo Horizonte: Folium, 2010			

Eixo Temático:	Saúde e suporte básico de vida		
Unidade programática:	Práticas Vivencias do Cuidado a criança , ao adolescente, ao adulto e idoso I	CH	90 horas
Pré-requisito	ENFET 4.3 ENFET 6.1 ENFET 6.2 ENFET 6.3 ENFET 6.5	Certificação Intermediária	Não há

Compreende a assistência de enfermagem em todos os ciclos de vida, desde a criança até o idoso, buscando interconectar saberes e fazeres na identificação/intervenção sobre os problemas em saúde caracterizados segundo as especificidades do público-alvo (indivíduos/coletividade) de acordo com o ciclo de vida. Permite executar a assistência de enfermagem nos espaços materno-infantil e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), no nível de atenção secundário e terciário (Média e alta Complexidade) na perspectiva da articulação teórico-prática nos ambientes supracitados.

Bibliografia Básica:

GERIATRIA e gerontologia: volume 1. Rio de Janeiro: Reichmann e Autores, 2005. 352p. (Enfermagem Prática)
WHALEY, L.F; WONG, D.L. **Enfermagem pediátrica**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1999.
ENGEL, Joyce. **Avaliação em pediatria**. 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso, 2002

Bibliografia Complementar:

SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. **Compêndio de psiquiatria:** ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584p.
MORAES, Edgar Nunes de. **Incapacidade cognitiva:** abordagem diagnóstica e terapêutica das demências no idoso. Belo Horizonte: Folium, 2010.
SOUZA, Virginia Helena Soares de; MOZACHI, Nelson. **O hospital:** manual de ambiente hospitalar. 5 ed. Curitiba: Manual Real, 2006.
SMELTZER, Suzanne C. et al. Brunner e Suddarth: volume 2: **tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
RIBEIRO, Maria Celeste Soares. **Enfermagem e trabalho:** fundamentos para a atenção à saúde dos trabalhadores. 2. ed. São Paulo: Martinari, 2012.

Eixo Temático:	Saúde e suporte avançado de vida		
Unidade programática:	Enfermagem na atenção aos riscos e agravos à saúde da criança e do adolescente.	CH	120 horas
Pré-requisito	ENFET 7.1	Certificação Intermediária	Não há
Possibilitar o conhecimento e a reflexão do enfermeiro no que se refere às ações relacionadas a centro cirúrgico e saúde da criança e do adolescente no âmbito do suporte avançado de vida, relacionando com o processo saúde-doença e entendendo o ser humano como um ser biopsicossocial, em uma visão holística e humanescente.			
Bibliografia Básica: CARVALHO R de, Bianchi ERF (orgs). Enfermagem em centro cirúrgico e recuperação. São Paulo: Manole, 2007. (Série Enfermagem).			

VIANA, Dirce Laplaca; CONTIM, Divanice; ABE, Elza. **Manual de procedimentos em pediatria**. Ed. Yendis: 2006

WHALEY, L.F; WONG, D.L. **Enfermagem Pediátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2000.

Bibliografia Complementar:

WONG. **Fundamentos da enfermagem pediátrica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MANUAL de enfermagem: enfermagem materno-infantil. Barueri: Vergara Brasil, 2008. 423p.

OLIVEIRA, Beatriz Gonçalves de; COLLET, Neusa. **Manual de enfermagem em pediatria**.

MANUAL de enfermagem: enfermagem médico-cirúrgica. Barueri: Vergara Brasil, 2008

ENFERMAGEM em centro cirúrgico e recuperação. Barueri: Manole, 2007. 429p. (Enfermagem) ISBN 9788520425794

Eixo Temático:	Saúde e suporte avançado de vida		
Unidade programática:	Enfermagem na atenção aos riscos e agravos à saúde do adulto e idoso	CH	120 horas
Pré-requisito	ENFET 7.2	Certificação Intermediária	Não há

Possibilitar o conhecimento e a reflexão do enfermeiro, no que se refere às ações de saúde do adulto e do idoso, no âmbito do suporte avançado de vida, relacionando com o processo saúde-doença e entendendo o ser humano como um ser bio-psico-social, em uma visão holística e humanescente.

Bibliografia Básica:

SMELTZER, Suzanne C. et al. **BRUNNER & SUDDARTH** - Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. **11** ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 2308p.

CARPENITO, Moyet; JUALL, Lynda. **Diagnósticos de Enfermagem: aplicação à prática clínica**. 10 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 1008p

POTTER, Patrícia; PERRY, Anne Griffin. **Fundamentos de Enfermagem**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 999p.

Bibliografia Complementar:

MANUAL de enfermagem: enfermagem médico-cirúrgica. Barueri: Vergara Brasil, 2008

JOHNSON, Marion; BULECHEK, Gloria; BUTCHER, Howard; DOCHTERMAN, Joanne McCloskey; MAAS, Meridean; MOORHEAD, Sue; SWASON, Elizabeth. **Ligações entre NANDA, NOC e NIC: diagnósticos, resultados e intervenções de enfermagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KNOBEL, Elias. **Terapia intensiva: enfermagem**. São Paulo: Atheneu, 2006

OLIVEIRA, Beatriz Ferreira Monteiro; PAROLIN, Mônica Koncke Fiuza; TEIXEIRA JUNIOR, Edison Vale. **Trauma: Atendimento Pré-Hospitalar**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2007. 542p.

ROMANO, Regina Trino. **Enfermagem clínica: assistência humanizada e cuidados integrais à saúde do adulto e do idoso**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

Eixo Temático:	Saúde e suporte avançado de vida		
Unidade programática:	Práticas vivenciais do cuidado de risco à criança, ao adolescente, ao adulto e ao idoso II.	CH	90 horas
Pré-requisito	ENFET 7.3	Certificação Intermediária	Não há
Busca a compreensão da assistência de enfermagem em todos os ciclos de vida, desde a criança até o idoso, buscando interconectar saberes e fazeres na identificação/intervenção sobre os problemas em saúde caracterizados segundo as especificidades do público-alvo (indivíduos/coletividade) de acordo com o ciclo de vida. Permite executar a assistência de enfermagem nos espaços de urgência e emergência, Unidades de Terapia Intensiva, Unidades de referência em nefrologia, no nível de atenção terciária (alta Complexidade) na perspectiva da articulação teórico-prática nos referidos ambientes.			
Bibliografia Básica: SMELTZER, Suzanne C. et al. BRUNNER & SUDDARTH - Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2009. 2308p. ENGEL, Joyce. Avaliação em pediatria. 3 ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso, 2002 WHALEY, L.F; WONG, D.L. Enfermagem Pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara.			
Bibliografia Complementar: WHALEY, L.F; WONG, D.L. Enfermagem Pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara. SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584p. ENFERMAGEM em centro cirúrgico e recuperação. Barueri: Manole, 2007. ENGEL, Joyce. Avaliação em Pediatria. 3.ed. Rio de Janeiro: Reichamman & Affonso Editores, 2002. ADOLESCER: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 2001.			

Eixo Temático:	Saúde e suporte avançado de vida		
Unidade programática:	Atividade Interativa Multidisciplinar VIII	CH	30 horas

Pré-requisito	Não há	Certificação Intermediária	Não há
Atividades interdisciplinares e multiprofissionais de ensino, ou pesquisa ou extensão desenvolvidas pelos alunos que integrem os conhecimentos desenvolvidos até o momento com os enfoques sociais, epidemiológicos e clínicos, em ações desenvolvidas ao indivíduo e a família nos diferentes espaços de intervenção do processo de adoecimento (rede hospitalar) da criança, adolescente, adulto e idoso.			
Bibliografia Básica: SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico . 27. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do trabalho científico . 6 ed. São Paulo : Atlas, 2001 GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa . 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002..			
Bibliografia Complementar: WHALEY, L.F; WONG, D.L. Enfermagem Pediátrica . Rio de Janeiro: Guanabara ENFERMAGEM em centro cirúrgico e recuperação . Barueri: Manole, 2007. ADOLESCER: compreender, atuar, acolher: Projeto Acolher. Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem, 2001 SMELTZER, Suzanne C. et al. BRUNNER & SUDDARTH - Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica . 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009 SADOCK, Benjamim James; SADOCK, Virginia Alcott. Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica . 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1584p.			

Eixo Temático:	Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Básica de Saúde.		
Unidade programática:	Estágio Curricular Supervisionado I	CH	450 horas
Pré-requisito	Todas as UPs anteriores	Certificação Intermediária	Não há
Atividade que proporciona ao estudante a vivência ética e profissional em situações reais de vida e trabalho contempla o exercício profissional, considerando as competências inerentes ao processo de trabalho do enfermeiro – planejar, gerenciar, assistir/intervir, pesquisar e educar desenvolvida nos serviços de saúde de média e alta complexidade.			
Bibliografia Básica: MAXIMIANO, A. C. A. Introdução à administração . São Paulo: Atlas, 2004. POTTER, Patrícia A.; PERRY, Anne G. Grande tratado de Enfermagem: clínica e prática hospitalar . SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. BRUNNER & SUDDARTH: Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica . 10. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2005.			

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA FILHO, N; ROUQUAYROL, M. Z. **Epidemiologia e Saúde**. 6 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2013.

MEDRONHO, AR; CARVALHO, D.M.; BLOCK KV; LUIZ, R.R.; WERECK, G.L.(ED). **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2002 (parte I e parte II).

POSSO, Maria Belén Salazar. **Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2006.

MANUAL de enfermagem: enfermagem materno-infantil. Barueri: Vergara Brasil, 2008

MARQUIS, Bessie L; HUSTON, Carol Jorgensen. **Administração e liderança em enfermagem**: teoria e aplicação. 4. ed Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2005..

Eixo Temático:	Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Básica de Saúde.		
Unidade programática:	Trabalho de Conclusão de Curso I	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 1.4 ENFET 1.6 ENFET 5.6	Certificação Intermediária	Não há

Contempla a prática da pesquisa científica, evidenciando a Enfermagem como objeto e campo de pesquisa. Trabalha as etapas introdutórias do texto científico do tipo artigo. Consolida-se por meio da identificação, delimitação e descrição do objeto de estudo, introduzindo as questões metodológicas que caracterizam a pesquisa supracitada.

Bibliografia Básica:

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007. 312 p

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 27. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Bibliografia Complementar:

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, M de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2002.

TIERNO, Bernabé. **As melhores técnicas de estudo**: saber ler corretamente, fazer anotações e preparar-se para os exames. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção Ferramentas).

Eixo Temático:	Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Básica de Saúde.		
Unidade programática:	Libras	CH	60 horas
Pré-requisito		Certificação Intermediária	Não há
Conteúdos gerais para a comunicação básica com surdos utilizando a língua da modalidade visual e gestual da Comunidade Surda. Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Vocabulário inicial para uso da LIBRAS no contexto escolar visando a comunicação bilíngüe.			
Bibliografia Básica: 1. GESSER, Audrei. Libras: que Língua é essa: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. 2. PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; CHOI, Daniel; VIEIRA, Maria Inês; GASPAR, Priscilla; NAKASATO, Ricardo. Libras: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson Education, 2011. 3. ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Macedo. A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: abordagem bilíngüe na escolarização de pessoas com surdez. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.			
Bibliografia Complementar: 1. PEREIRA, Rachel de Carvalho. Surdez: aquisição de linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. 2. HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. Livro ilustrado de língua brasileira de sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011. 3. LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Intérprete de libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. 4. CAPOVILLA, Fernando César; RAFAEL, Valquíria Duarte. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da LIBRAS. São Paulo: Eduspe, 2011. 5. Legislação Brasileira sobre pessoas portadoras de deficiência. Seis Ed. Brasília: Câmara do Deputados. Edições Câmara, 2010.			

Eixo Temático:	Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Básica de Saúde.		
Unidade programática:	Prescrição de Enfermagem na atenção básica	CH	30 horas
Pré-requisito		Certificação Intermediária	Não há

A Consulta de Enfermagem; Componentes do método científico para identificar situações de saúde/doença, prescrever e implementar medidas de Enfermagem que contribuam para a promoção, prevenção, proteção da saúde, recuperação e reabilitação do indivíduo, família e comunidade. O estabelecimento de protocolo de prescrição de cuidados e medicamentos de rotina dos programas de saúde na Atenção Básica

Bibliografia Básica:

GOODMAN & GILMAN. As bases Farmacológicas da Terapêutica. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora McGraw-Hill. 2007.

TANNURE, Meire Chucre. SAE: sistematização da assistência de enfermagem : guia prático. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009

NEBIA, Maria Almeida de Figueiredo. Ensinando a cuidar da mulher, do homem e do recém-nascido. 4. ed. São Paulo: Difusão, 2006.

Bibliografia Complementar:

ÉTICA e cidadania: caminhos da filosofia: elementos para o ensino de filosofia. 11 ed. São Paulo: Papirus, 2003. 112 p.

RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 18. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. 86 p

SILVA, Penildon. Farmacologia. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. 1325 p.

TREVOR, Anthony J. Farmacologia: básica e clínica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 1228 p

OHARA, Elisabete Calabuig Chapina. Saúde da família: considerações teóricas e aplicabilidade São Paulo: Martinari, 2008. 423p

Eixo Temático:	Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Hospitalar		
Unidade programática:	Estágio Curricular Supervisionado II	CH	450 horas
Pré-requisito	Todas as UPs anteriores	Certificação Intermediária	Não há
Atividade que proporciona ao estudante a vivência ética e profissional em situações reais de vida e trabalho contempla o exercício profissional, considerando as competências inerentes ao processo de trabalho do enfermeiro – planejar, gerenciar, assistir/intervir, pesquisar e educar desenvolvida nos serviços de saúde de média e alta complexidade.			
Bibliografia Básica:			
POTTER, Patrícia A.; PERRY, Anne G. Grande tratado de Enfermagem: clínica e prática hospitalar.			
SMELTZER, Suzanne C.; BARE, Brenda G. BRUNNER & SUDDARTH: Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica. 10. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2005.			
CARPENITO, Moyet; JUALL, Lynda. Diagnósticos de Enfermagem: aplicação à prática			

clínica. 10 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 1008p.

Bibliografia Complementar:

POSSO, Maria Belén Salazar. **Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2006;

WHALEY, L.F; WONG, D.L. **Enfermagem Pediátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara;

VIANA, Dirce Laplaca. **Tratado prático de enfermagem**. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.

KNOBEL, Elias. **Terapia intensiva: enfermagem**. São Paulo: Atheneu, 2006.

OLIVEIRA, Beatriz Ferreira Monteiro; PAROLIN, Mônica Koncke Fiuza; TEIXEIRA JUNIOR, Edison Vale. **Trauma: Atendimento Pré-Hospitalar**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2007. 42p.

Eixo Temático:	Gerência e cuidado de enfermagem na Rede Hospitalar		
Unidade programática:	Orientação e elaboração de TCC II	CH	60 horas
Pré-requisito	ENFET 9.2	Certificação Intermediária	Não há

Vivência da prática científica por meio da elaboração de um artigo científico na área da Enfermagem. Trata-se da continuidade do processo iniciado na UP TCC I, em que os alunos são orientados para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso. Evidencia-se os aspectos metodológicos da pesquisa consolidando-se por meio da discussão e divulgação das questões pertinentes a essa área na comunidade científica.

Bibliografia Básica:

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo : Atlas, 1997. 216 p.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 27. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ED. SÃO PAULO: ATLAS, 2002.

Bibliografia Complementar:

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARCONI, M de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

TIERNO, Bernabé. **As melhores técnicas de estudo**: saber ler corretamente, fazer anotações e preparar-se para os exames. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Coleção Ferramentas).

OLIVEIRA NETO, Alvim Antônio de. **Metodologia da pesquisa científica**: guia prático para a apresentação de trabalhos acadêmicos. 3. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008

O UNIFACEX tem como princípio a grande preocupação com a indicação bibliográfica dos cursos que oferece, procurando sempre, indicar os livros mais atualizados em termos de edição, compreendendo conteúdos de relevância às unidades curriculares que compõem cada módulo, não deixando de lado as publicações clássicas da área.

A bibliografia do curso apresenta-se adequada e visa atender plenamente o propósito do curso no sentido de formar um profissional com conhecimentos atualizados.

5. METODOLOGIA DE ENSINO E AVALIAÇÃO À CONCEPÇÃO DO CURSO

O conceito ampliado de saúde, descrito na Constituição Brasileira de 1988 e na Lei 8080/90 que estabelece organicamente os princípios, diretrizes e objetivos do Sistema Único de Saúde – SUS, impõe a reorientação dos processos de formação e produção de serviços em saúde, com vistas a superar o paradigma cartesiano – fragmentado e mecanicista - que movia o pensamento e a ação em saúde. A ampliação desse conceito, na dupla dimensão de incorporar os determinantes sociais do processo saúde-doença e superar o modelo clínico de assistência na perspectiva de assegurar uma assistência pautada nos princípios da universalidade, integralidade, equidade e resolutividade, reafirma o papel do Poder Público e assegura a participação popular na regulação, fiscalização e controle dos serviços.

Assim, a prática da enfermagem deve assumir o compromisso em participar na concretização do projeto político/sanitário, que desloca sua ação e poder em direção às camadas populares e propõe um novo significado ao conceito de cidadania, além de uma alteração na correlação de forças como forma estratégica de inserção do “homem comum” no processo de construção de uma sociedade democrática.

Essa acepção permite ao discente visualizar os problemas de saúde como problemas intimamente ligados às questões de cidadania e de direitos humanos, mobilizando a sua capacidade de interpretar a realidade sócio-sanitária do cidadão, família ou comunidade, de forma crítica e dinâmica, e habilidades para criar e promover situações impulsionadoras de mudanças na sua prática profissional e na condição de vida e saúde da população por ele assistida.

O ENFERMEIRO- é o agente do processo de trabalho da Enfermagem, portador de diploma de nível superior que, através da formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, está qualificado: a) para o exercício da enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos; b) reconhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, regional e local, identificando as dimensões bio-psico-sociais dos seus determinantes; c) atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano (BRASIL, 2001).

O enfermeiro orientado por esses conceitos, não pode se reduzir apenas à condição de técnico capacitado para atender as exigências do mercado de trabalho. A compreensão do homem, não mais como objeto do seu trabalho, paciente, ou ainda como cliente, mas como usuário-cidadão, co-partícipe do processo de produção dos serviços de saúde, exige a reflexão acerca da posição/relação do enfermeiro frente à sociedade e a quem se destina a sua ação.

Assim sendo, requer a adoção de uma prática democrática e competente, pautada em preceitos éticos, de conscientização política e respeito humano, possibilitando mudanças dentro de si mesmo e nos contextos em que venha a desenvolver o seu trabalho.

Tal compreensão implica em dar uma direção ao processo educacional do enfermeiro, pautado não mais na concepção flexneriana de formação em saúde. O

ensino de superior deve ser de fato um projeto que prepare universitários em outra dimensão que, embora valorize a formação técnico-científica, rompa com o tecnicismo e com o trabalho individualizado, formando cidadãos conhecedores dos seus direitos e responsabilidades profissionais e civis. Enquanto tais, capazes de pensar e equacionar os problemas de seu campo de trabalho e propor soluções concretamente viáveis para a melhoria da qualidade de vida da população (TIMOTEO, 2000).

Essa formação deverá se dar, de forma dinâmica e articulada, nas áreas assistencial, administrativa, pedagógica e de pesquisa, tendo como referências básicas as condições de vida e perfil epidemiológico da população, as diretrizes políticas definidas para o setor saúde, a demanda dos serviços de saúde, a função e o espaço do profissional nesse contexto.

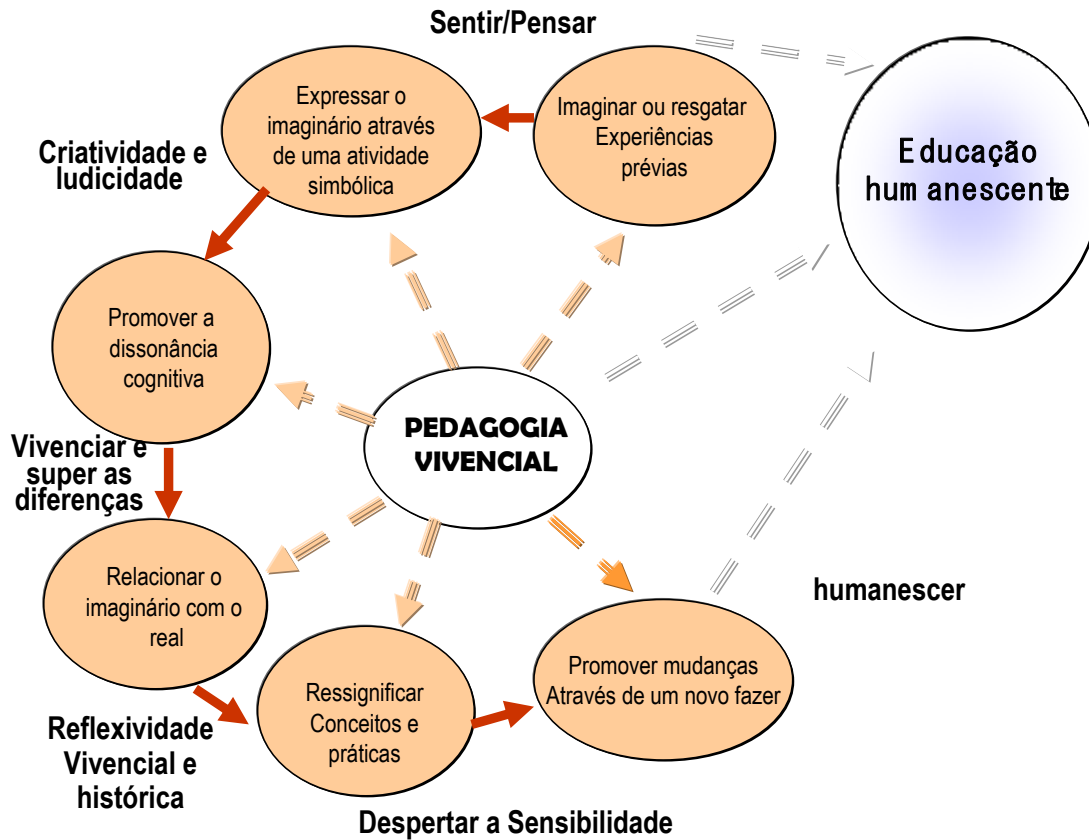
Destarte, o processo ensino-aprendizagem do Curso de Enfermagem do UNIFACEX, reconhecendo a importância da interdisciplinaridade/ transdisciplinaridade, da flexibilidade, da pluralidade, da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e da integração ensino-serviço, fundamenta-se primordialmente na Educação compreendida como um processo permanente de aprender a aprender.

Assim, no desenvolvimento do curso percebeu-se a necessidade de aproximação e construção de novos conceitos/concepções que apóiam o processo de formação:

- **HUMANESCÊNCIA** – entendida como processo de expansão da essência humana que irradia luminosidade, beneficiando outros seres, a natureza, a sociedade e o planeta, ou seja, um processo evolutivo que possibilita o despertar das essências humanas adormecidas pela coisificação do processo civilizacional que prevalece na contemporaneidade da espécie homo sapiens (CAVALCANTI, 2006).

- PEDAGOGIA VIVENCIAL HUMANESCENTE - Pedagogia que associa os princípios educacionais freirianos ao pensamento complexo, a qual visa à formação integral do Ser. Prática educativa como espaço vivencial de convivência a qual permite e facilita o crescimento dos educandos como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica de modo que possa atuar com responsabilidade, liberdade no contexto pessoal e profissional a qual pertence. Tem como princípios a criatividade, sensibilidade, ludicidade e reflexividade. Uma pedagogia voltada para a formação integral do ser, para o desenvolvimento da sua inteligência, de seu pensamento, de sua consciência e de seu espírito. Para isso, devemos possibilitar além dos saberes tradicionalmente disciplinares, os fluidos de novos saberes, os saberes humanescentes, os quais emergem do interior do ser, da essência do humano, do belo, do sensível, do fluir, do deixar transparecer, do experimentar. (CAVALCANTI, 2006; SAMPAIO, 2008).

Esquema Vivencial



Fases experienciais da PVH as quais visam a uma aprendizagem significativa:

- Imaginar ou resgatar experiências prévias:** Inicialmente o educando é levado a pensar, imaginar ou recordar algo relacionado àquela temática, ou seja, trazer para o momento os saberes ou experiências prévias sobre o assunto.
Vivencia-se a Refletividade Histórica.
- Expressar o imaginário através de uma atividade simbólica:** Em seguida o educador estimula o educando, individualmente ou em grupo, a representar através de técnicas expressivas (desenho, pintura, música, teatro, poesia, histórias de vida), simbolicamente, seu pensamento e imaginação: é o

momento de unir o objetivo e o subjetivo, consciente e inconsciente, indivíduo e sociedade, interno e externo e , por conseguinte, também mente e corpo, imaginação e conduta.

- c) **Promover dissonância cognitiva:** A *dissonância cognitiva* é uma das etapas da Pedagogia Vivencial que possibilita as discordâncias ou conflitos cognitivos entre os participantes da atividade, as quais representam as diferenças e, a partir dos quais, mediante atividades, o educando consegue discernir, superando a discordância e ressignificando o conhecimento.
- d) **Relacionar o imaginário com a realidade:** É uma etapa vivencial onde o educando deverá interagir com o contexto, conhecendo situações reais relacionadas à temática em discussão e comparando com as concepções teóricas ou imaginárias do grupo. É o momento da *Refletividade Vivencial*.
- e) **Ressignificar conceitos e práticas:** A partir das experiências vividas é o momento de possibilitar a expansão da consciência, de estimular os dois hemisférios cerebrais. Associar o cognitivo com o sensitivo. Trazer as sensibilidades para o campo da racionalidade. É o momento da reforma do pensamento, consequentemente da corporalização de novas práticas.
- f) **Possibilitar mudanças através de um novo fazer:** A mudança de pensamentos gera novos sentimentos e consequentemente novas atitudes. O amor amplia a inteligência, a criatividade e a sensibilidade (MATURANA, 2003). Seres mais plenos agem de forma mais *humanescente*.

Dessa forma, a Pedagogia Vivencial Humanescente apresenta quatro características que a diferenciam das demais pedagogias: a) fundamenta-se na concepção de educação como prática social e humanescente, inspirada na visão de Freire, Moraes, Cavalcanti, Sampaio e outros autores brasileiros; b) tem como ponto de partida, os conhecimentos prévios, a reflexividade histórica e vivencial a partir da

realidade observada em seus múltiplos condicionantes; c) tem, como finalidade, a transformação da realidade, a partir da resignificação de conceitos e práticas elaboradas coletivamente, entre discentes, educadores e comunidade; d) estimula não só o desenvolvimento de habilidades intelectuais e aquisição de conhecimentos técnico-científicos, mas também potencializa os aspectos humanescentes, sociais, políticos e éticos na formação profissional.

Assim sendo, essa metodologia de ensino possibilita a chance de desenvolver no discente uma postura mais humanescente, cidadã, comprometida com o meio, na medida em que o educador realize um fazer pedagógico consciente, alegre, criativo, transformador e competente, e, que favoreça a experientiação do ensino realizado além dos muros da academia.

Esse processo pedagógico possibilita a incorporação da sensação ou da experiência gerando novos conhecimentos. As informações são assimiladas conforme a *significação* dada a elas. Ao final, ocorre à formulação ou a reformulação da experiência. Cada pessoa, por meio da interpretação da sua experiência, estrutura seu processo de construção do conhecimento.

Aprendizagem corporalizada significa, portanto, a modificação do comportamento como resultado na transformação da experiência, a qual considera a interação da vivência (experiências, sensações e sentimentos) e o contexto meio social e cultural (conceitos, experiências dos outros). A aprendizagem, neste contexto, busca o estado de ser e fazer do conhecimento capaz de compreender e dialogar com os fenômenos e mistérios da natureza humana, através de metodologias ativas que compõem a Pedagogia Vivencial, fundamentada epistemológica e metodologicamente pela transdisciplinaridade e corporeidade.

- **TRANSDISCIPLINARIDADE** – fenômeno humano atitudinal ontológico existencial, diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de toda disciplina. Processo

autônomo que leva em conta todas as dimensões do ser humano. Trata-se de um movimento integrador, que se autopotencia com as diferenças. Na nossa prática pedagógica de uma educação transdisciplinar, o aprender a relacionar-se, a transitar nos diferentes territórios do conhecimentos e a vivência do cuidado com a dimensão psicológica existencial do ser humano acontecem juntamente com a realização das atividades curriculares do processo de aquisição de qualquer tipo de conhecimento ou informação do conteúdo da estrutura curricular das Unidades Programáticas que compõem os Eixos Temáticos do curso (NICOLESCU; MORIN; SOARES).

- INTEGRALIDADE - é assumida como sendo uma ação social resultante da permanente interação dos atores na relação demanda e oferta, em planos distintos de atenção à saúde (plano individual – onde se constroem a integralidade no ato da atenção individual e o plano sistêmico – onde se garante a integralidade das ações na rede de serviços), nos quais os aspectos subjetivos e objetivos sejam considerados (PINHEIRO, 2001).

O processo de formação pautado nesses princípios é contínuo pensar/fazer, que não está centrado nem no educando, nem no educador, mas no contexto/processo ensino-aprendizagem, direcionado por um propósito político/pedagógico. É, neste sentido, dialógico, participativo e dinâmico, que, partindo da vivência cotidiana, é revivido e analisado à luz dos elementos da cultura sistematizada, na elaboração do conhecimento novo.

A relação educador/discente deve estimular a inteligência, a consciência, a vontade e o caráter humano, sem que se subverta à escravidão de uma intelectualidade mecânica e limitada. Uma formação limitada a esquemas programáticos, pré-determinados, não constituem a expressão social dos homens, mas apenas a parte mecânica e burocrática da transmissão de saberes, produtores de

discentes “com cabeças cheias”, mas não será formadora de estudantes de “cabeças bem feitas” (MORIN, 2003).

A elevação cultural do educando antevê a competência do Educador para que favoreça de forma organizada e sistematizada o processo de aprendizagem que estimule a emancipação e a autonomia.

Implica, desse modo, na redefinição de papéis, que não se trata apenas de determinar o que cada ator - educador e educando - desempenhará no processo, mas de articular o seu papel ao questionamento para que fazer e para quem fazer; e “compromisso”, firmado na ação consciente de limites e possibilidades da ação educativa em relação aos determinantes sócio-econômicos e políticos, na perspectiva da transformação social (Candau, Lelis, 1991).

A formação orientada por este entendimento, requererá do estudante e do educador do curso de Enfermagem do UNIFACEX, o abandono da concepção de discente-receptor de informações em benefício da acepção de Educando construtor de seu conhecimento.

Tal condição proporciona a reflexão e a capacidade de saber interpretar de forma dinâmica, a realidade sócio-sanitária da população, onde sejam considerados não só os fatores epidemiológicos, mas também os sociais, políticos, econômicos e culturais, que estão intimamente condicionados pelo modo de viver e produzir das pessoas. A orientação é para que os professores avaliem por competências, em detrimento das tradicionais avaliações de conteúdo, geralmente de caráter classificatório. Todavia, até se alcançar o modelo de avaliação desejado, levará algum tempo, pois mudar a avaliação significa, provavelmente, mudar a escola e até a sociedade. Automaticamente, mudar a avaliação leva a alterar práticas habituais, o que gera inseguranças e angústias e este é um obstáculo que não pode ser negado, pois envolve toda a comunidade escolar.

6. PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO APRENDIZAGEM

A avaliação é uma atividade necessária ao processo de crescimento intelectual do ser humano, que faz parte da permanente reflexão sobre a sua atividade cotidiana, constituindo assim um processo intencional, que se aplica a qualquer prática.

É a partir da reflexão contínua da sua vida - progressos, retrocessos, erros e acertos - que o homem estabelece novos rumos para a sua existência e redireciona as suas práticas, atitudes e pensamentos.

Assim, deveria ser interpretada a avaliação durante o processo formativo. Contudo, o que se observa é a persistência de princípios cada vez mais inflexíveis, estreitos e padronizados que antevêm um controle de qualidade e exige confiabilidade e excelência, tanto nos dados obtidos quanto nos instrumentos usados, como forma de criação de situações de intervenção a fim de garantir essa qualidade.

Esse modo de ver a avaliação, negando a multidimensionalidade e a heterogeneidade que caracteriza a subjetividade humana, impede a percepção do sujeito do aprendizado em seu desenvolvimento integral e singular, restringindo-o ao cumprimento de padrões de conhecimento rigidamente pré-estabelecidos (HOFFMANN, 2003; MORIN, 2003; LUCKESI, 1993).

É necessário, portanto, a tomada de consciência do educador justamente sobre o caráter subjetivo da avaliação, o que não significa, entretanto, a ausência de rigor científico ou a falta de objetividade nos métodos e instrumentos de acompanhamento do desempenho dos discentes, mas o resgate a sensibilidade inerente ao processo de aprendizado.

Compreender as diferenças, respeitar as potencialidades dos discentes é uma qualidade que requer do avaliador, sobretudo, sensibilidade, cooperação e humanidade (HOFFMANN, 2003).

Neste sentido, a avaliação é compreendida como parte constituinte do processo de aprendizado, acompanhado passo a passo na perspectiva da ação, da reflexão sobre a ação em função do aprimoramento dessa mesma ação (LUCKESI, 1993, GOMEZ, 1995), buscando assegurar o desenvolvimento de habilidades e competências de caráter atitudinal e cognitiva do estudante, fundamentais ao exercício da prática profissional.

A avaliação se efetiva nas relações dinâmicas e progressivas do aprendizado, na compreensão e tratamento dados aos conteúdos, na metodologia adotada e na incorporação/recriação do conhecimento pelo discente.

Para que isso ocorra, é preciso desenvolver um olhar atento sobre o estudante, não só para as suas “respostas” comportamentais ou intelectuais, mas principalmente, no conhecimento da sua história, e, assim, poder compreender as condições concretas de sua existência.

O princípio que deve nortear o processo de avaliação do discente é: o que compreendeu? O que demonstra compreender? E, o que ainda não compreende? A resposta a essa pergunta, afirma Hoffmann (2003, p. 45), “é o que fundamenta a continuidade do processo educativo, a intervenção do educador no sentido de encontrar alternativas pedagógicas que favoreçam o entendimento do discente sobre as noções desenvolvidas”.

Dessa forma, a avaliação se efetiva em termos do acompanhamento permanente do processo de construção do pensamento do discente, enquanto desenvolvimento da aprendizagem e não enquanto aquisição de informações. Esta tendência aponta para a avaliação como ação reflexiva, desafiando o discente a refletir sobre o não apreendido e os fatores que condicionaram essa situação, para que o

discente possa a partir da reflexão, reformular seus conceitos e ações sobre aprendizagem.

Assim sendo, a avaliação dos acadêmicos do curso de enfermagem do UNIFACEX, ocorrerá, não somente pela verificação de rendimento, mas pelo contínuo acompanhamento qualitativo da progressão global do discente, tomando como referência as competências e habilidades descritas neste PPC, e, subsidiando o processo de evolução sucessiva do acadêmico, nos eixos temáticos subsequentes.

Assim, cada unidade programática efetuará o processo de avaliação de forma contínua, individualizada, tendo como finalidade principal mediar o aprendizado do discente, concebendo-o como responsável e participante desse processo.

Para tanto, é preciso que o educador se disponibilize a auxiliar o discente na tomada de consciência dos seus avanços e dificuldades, buscando juntos encontrar alternativas para a sua evolução na unidade programática ou mesmo no curso. Trata-se, portanto, de uma avaliação (re)orientadora, (re)dimensionadora de possibilidades, cuja intencionalidade é o desenvolvimento global e progressivo do acadêmico de enfermagem no curso.

Dessa forma, adotamos procedimentos de acompanhamento e avaliação, os mais diversos, desde que orientados pela lógica da inclusão e não meramente da classificação, da exclusão e da seletividade.

Os testes e trabalhos menores e sucessivos poderão ser instrumentos que permitem o acompanhamento e a retomada individual e/ou coletiva dos conteúdos, pela frequência do contato com as produções do estudante, mesmo quando efetuados em grandes turmas (HOFFMANN, 2003).

As atividades de maior porte, realizadas no decorrer da unidade programática ou ao seu final, serão importantes fontes complementares para a decisão do(s) docente(s) quanto à posição do discente ao final do eixo temático.

Os procedimentos inerentes à progressão do acadêmico de um eixo temático a outro, bem como, ao aproveitamento do esforço acadêmico despendido nas

atividades interativas e inter/transdisciplinares, serão guiados pelas normas regimentais pertinentes ao processo de avaliação do discente na UNIFACEX.

Considerando que no curso de Enfermagem do UNIFACEX a avaliação é contínua a processual, destaca-se na proposta pedagógica do curso, a avaliação não só de conhecimentos, mas também de habilidades e atitudes. Durante sua implantação, no decorrer das atividades vivenciais e de planejamento fomos construindo algumas estratégias interativas de avaliação de conhecimento de forma inter/transdisciplinar tais como:

Os Seminários Integrativos Transdisciplinares: é uma estratégia pedagógica vivenciada ao final de cada Eixo Temático, com o objetivo de promover a transdisciplinaridade a partir da experiência vivenciada na comunidade na qual o discente articula os conhecimentos teóricos adquiridos nas Ups do ET com a realidade do contexto vivido. Esta atividade é norteada por um roteiro orientador baseado no Eixo Temático e nas competências específicas de cada UP (entregue no início de cada Unidade acadêmica). Ao final do eixo temático, é organizado e previamente agendado o Seminário, com carga horária de 3h, onde os discentes apresentam de forma integrativa, a todos os educadores do ET. É um exercício que articula ensino, pesquisa e extensão.

Atividade Avaliativa Transdisciplinar é uma das estratégias avaliativas de conhecimentos a qual adotamos no curso, considerando a necessidade da incorporação pelo discente de uma cultura reflexiva ampliada e não fragmentada nos diferentes territórios do conhecimento. É uma atividade realizada aos moldes do ENADE a qual integra questões referentes a todas as Unidades Programáticas UPs que compõem os respectivos Eixos Temáticos – ET. Ela ocorre na I unidade. A atividade consta de uma 1ª parte de conhecimentos gerais e uma 2ª parte de conhecimentos específico do ET. A parte de conhecimentos gerais e de responsabilidade da

coordenação e são iguais para todos ET do curso e as questões específicas são elaboradas pelos educadores de cada UP, porém de forma conjunta no âmbito de cada ET.

Diário Vivencial Enfermagem UNIFACEX: Instrumento de avaliação processual humanescente, adquirido no momento da matrícula no curso e que serve para registro das experiências, das emoções, dos sentimentos, das aprendizagens, das dificuldades durante todo o curso. Este instrumento faz a diferença no processo formativo e auto-formativo.

Assim, a avaliação no curso de Enfermagem é espaço de mediação/aproximação/diálogo entre formas de ensino do educador e percursos de aprendizagens dos educandos. Nesse sentido a progressão continuada envolve pensar sempre em diversas formas de prover aprendizagens essenciais, com o domínio de habilidades e atitudes de busca de novas informações e conhecimentos, de cooperação, etc., através de um projeto consciente de trabalho pedagógico elaborado e desenvolvido em equipe.

No paradigma educacional centrado nas aprendizagens significativas apoiado, em nosso caso, na Pedagogia Vivencial e da Autonomia a avaliação é concebida como processo/instrumento de coleta de informações qualitativas, sistematização e interpretação das informações, julgamento de valor das competências avaliadas através das informações tratadas e decifradas, e, por fim, tomada de decisão (como intervir para promover o desenvolvimento das aprendizagens significativas).

Esta avaliação deve ser constante, para poder acompanhar o processo de ensino e de aprendizagem desenvolvido na rotina do curso e, dessa forma, sempre mensurar as interações pedagógicas, possibilitando informações para as mensurações do trabalho docente e das aprendizagens. Em outras palavras, a avaliação cruza o trabalho pedagógico desde seu planejamento até a sua execução, coletando dados

para melhor compreensão da relação ensino e aprendizagem, e possibilitando, assim, orientar a intervenção didática para seja qualitativa, pedagógica e prazerosa.

A Pedagogia Vivencial Humanescente exige uma prática educativa que considere as diferentes subjetividades dos aprendentes que, conseqüentemente, desenvolva formas e ritmos diversos de aprendizagens. Reconhecendo a historicidade dos educandos é comprometendo-se em resgatá-la, como referência para elaboração do trabalho pedagógico, sua efetivação por meio do ensino e das aprendizagens e do processo de avaliação.

No tocante à educação das Relações Étnico-raciais, ao Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas e Indígenas e aos Direitos Humanos, tais temáticas são abordadas de forma transversal em diversas unidades programáticas da estrutura curricular do curso.

AS TRÊS DIMENSÕES DO PROCESSO AVALIATIVO DO CURSO DE ENFERMAGEM
– na Visão da Integralidade

A diagnóstica ou prognostica: dá as condições ao docente de identificar o que os discentes sabem sobre o que se pretende que eles aprendam, para orientar o planejamento inicial e fazer algum prognóstico nas relações entre objetivos, conteúdos e a realidade sociocognitivos dos educandos;

Conscientizadora: traz as informações para fazer as regulações no trabalho do educador em função do desenvolvimento dos aprendentes, conscientizando-os dos seus percursos de aprendizagens;

A somativa: dá o resultado integral e final, em um tempo pedagógico determinado da interação entre docentes/conteúdos/objetivos/metodologias/educandos.

Diante deste sistema de avaliação que visa à aferição do desempenho do aluno de forma continuada, permitindo a avaliação do processo e do resultado esperado, conforme definido no projeto pedagógico do curso. A frequência às aulas e demais

atividades curriculares, permitida apenas aos alunos devidamente matriculados, é obrigatória, vedado o abono de faltas, exceto nos casos previstos em lei. A avaliação de aprendizagem terá objetivo formativo no qual se identificará as carências que não foram bem trabalhadas nas unidades letivas e que servirão de reflexão para aprimoramento metodológico da unidade seguinte.

Para efeito de aprovação em disciplina, é requerido do aluno, além do cumprimento das exigências de aproveitamento estabelecidas no Regimento Geral, que haja frequência mínima em 75% (setenta e cinco por cento) das aulas e demais atividades curriculares previstas na carga horária da disciplina, considerando-se reprovado, automaticamente, aquele que não satisfaça tal condição.

O aproveitamento é avaliado a partir do acompanhamento contínuo do aluno e dos resultados por ele obtidos nas avaliações que consistem de um conjunto de verificações de aprendizagem nas atividades acadêmicas realizadas sob a responsabilidade do professor da disciplina. A verificação da aprendizagem consiste de qualquer instrumento ou processo utilizado, para aferir conhecimento ou habilidade do aluno, na forma de teste, prova, trabalho teórico ou prático, projeto, ou de quaisquer outras técnicas pertinentes à programação da disciplina, aplicados individualmente ou em grupo, em consonância com o Projeto Pedagógico de cada curso.

O semestre letivo está dividido em duas unidades e eventual exame final, durante o período letivo, e expressando-se o resultado final em notas de zero a dez.

A avaliação da aprendizagem é feita por disciplina, ou por conjunto de disciplinas, incidindo sobre a frequência e o aproveitamento, e seus critérios serão divulgados aos alunos no início de cada semestre letivo, através dos Planos de Ensino.

A avaliação da aprendizagem em observância ao Projeto Pedagógico do Curso, engloba os conteúdos ministrados, as atividades acadêmicas, as habilidades desenvolvidas e as competências requeridas do aluno. O professor, a seu critério e com a anuência da respectiva coordenação, pode promover trabalhos, exercícios, e

outras atividades curriculares em classe, no total de trinta por cento da nota final de cada unidade.

Os setenta por cento da nota final de cada unidade deve constar de uma atividade avaliativa, denominada de Prova da Unidade, obrigatoriamente com as seguintes características: escrita, objetiva e subjetiva, individual e sem consulta.

Cabe ao docente a atribuição de notas de avaliação e a responsabilidade do controle de frequência dos alunos, devendo o Coordenador fiscalizar o cumprimento desta obrigação, intervindo em caso de omissão.

É atribuída nota zero ao aluno que usar de meios ilícitos ou não autorizados pelo professor, quando da elaboração dos trabalhos, de verificações parciais, exames ou qualquer outra atividade, que resulte na avaliação de conhecimento, por atribuições de notas, sem prejuízo da aplicação de sanções cabíveis por ato de improbidade.

Independentemente de outros critérios, deve o professor atribuir nota 0,0 (zero) ao aluno que deixar de realizar avaliações ou quaisquer atividades curriculares que lhes sejam pertinentes na data prevista.

O docente, a qualquer momento, ouvida a coordenação de curso, pode anular qualquer avaliação, trabalhos, exames ou qualquer outra atividade, que resulte na avaliação de conhecimento, se houver suspeitas de vícios, uso de meios ilícitos ou necessidades extraordinárias.

Atendida, em qualquer caso, a frequência mínima de setenta e cinco por cento às aulas e demais atividades acadêmicas, o aluno é aprovado:

- I. independente de exame final, quando obtiver média semestral igual ou superior a sete, correspondente à média aritmética das avaliações parciais realizadas durante o período letivo;
- II. mediante exame final, quando obtiver média semestral inferior a sete e superior ou igual a dois, e alcançar média final não inferior a seis, esta resultante da média semestral alcançada no semestre letivo e a auferida no exame final.

As médias são expressas em números inteiros com aproximação até a primeira casa decimal, sem arredondamento. É considerado reprovado o aluno que:

- I. não obtiver frequência mínima de setenta e cinco por cento das aulas e demais atividades programadas em cada disciplina;
- II. não obtiver na disciplina, resultado final igual ou superior a seis, após exame final.

Possibilita-se ao aluno uma segunda chamada da Prova da Unidade (I e/ou II), objetivando a substituição de resultado nulo em razão de falta na data da avaliação, mediante apresentação de requerimento com justificativa comprovada de sua ausência e pagamento de taxa. A prova da segunda chamada da I e II unidades será contemplada dentro do Exame Final.

O Exame Final, previsto no Calendário Acadêmico, versará sobre os conteúdos da I e II unidades e será aplicado através de uma prova com as seguintes características: escrita, objetiva e subjetiva, individual e sem consulta, sendo vedada a aplicação da segunda chamada do Exame Final.

Para os alunos que requereram a segunda chamada da I e/ou II unidades, a nota do Exame Final será convertida na proporção de 70% (setenta por cento) em substituição à Prova da Unidade que foi requerida.

7. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

No Curso de Bacharelado em Enfermagem além de conteúdos teóricos e práticas vivenciais do cuidado dispõem de 900 horas de Estágio Supervisionado Obrigatório, sendo dividido em dois momentos: 450 horas em Unidades Básicas de Saúde e 450 horas em Unidade Hospitalar, localizado nos dois últimos semestres letivos do curso, assim organizados: Estágio Supervisionado I (9º Eixo) e Estágio Supervisionado II (10º Eixo).

7.1. ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO

Dentre as atividades acadêmicas vinculadas à formação do aluno, o curso incentiva a participação em estágios não obrigatórios, a partir do 5º eixo, como forma de buscar desenvolver competências e habilidades necessárias à atuação do futuro profissional de enfermagem.

Entende-se por estágio não obrigatório, o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de Educação Superior, de Educação Profissional, de Ensino Médio, da Educação Especial e dos anos finais do Ensino Fundamental, na modalidade Profissional da Educação de Jovens e Adultos.

Para esse tipo de estágio, deverá ser considerada a Lei nº11.788, de 25 de setembro de 2008. Portanto, ratifica-se que o estágio não obrigatório faz parte do projeto pedagógico do curso por integrar o roteiro formativo do educando e visar ao

aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando seu desenvolvimento para a vida cidadã e para o trabalho.

O estágio não obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória, que poderá ser utilizado como atividade complementar.

Como mencionado anteriormente, o estágio não obrigatório é supervisionado, e os alunos acompanhados. Para isso, no UNIFACEX, foi instituída uma coordenação geral de estágios responsável pelo acompanhamento dos alunos. A coordenação do curso cabe emitir parecer técnico que ateste a compatibilidade das atividades descritas num plano de trabalho com as competências e habilidades pretendidas pelo futuro profissional de Enfermagem.

8. ABRANGÊNCIA DAS ATIVIDADES E ÁREAS DE FORMAÇÃO

O UNIFACEX oferta atividades práticas, exposições dialogadas, análise de relatos de profissionais da área; estudo de casos; visita às organizações; apresentação e exposição de trabalhos práticos, congressos e encontros etc. As atividades podem ainda ser desenvolvidas por meio dos convênios firmados com instituições da área, ou então conduzidos pelos docentes, os discentes são levados a construir os trabalhos nas organizações em que exercem suas atividades laborais.

As atividades oferecidas pela própria instituição são desenvolvidas juntamente com os docentes responsáveis pela unidade curricular ou módulo, de forma interdisciplinar, para garantir o desenvolvimento das competências e habilidades dos discentes e prepará-los, desta forma, para o mercado de trabalho e consequentemente aperfeiçoar sua estrutura cognitiva.

9. ATIVIDADES ARTICULADAS A FORMAÇÃO

9.1. ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Além das disciplinas teóricas e das disciplinas práticas, formatadas em um padrão de turma/docente/horas-aula semanais, são previstas atividades complementares para todos os cursos de graduação do UNIFACEX, visando propiciar ao aluno a oportunidade de realizar uma trajetória autônoma e particular, no desenvolvimento do currículo.

As atividades complementares podem ser desenvolvidas em três níveis: como instrumento de integração e conhecimento do aluno sobre a realidade social, econômica e do trabalho de sua área/curso; como instrumento de iniciação à pesquisa, ao ensino e a extensão e como instrumento de iniciação profissional.

As 200 horas de atividades complementares, previstas para o o curso de Enfermagem está em conformidade com a legislação vigente, sendo orientadas e avaliadas por docentes de acordo com os critérios estabelecidos em Regulamento específico.

A operacionalização das atividades complementares é especificada em manual próprio, não sendo permitido ao aluno repetir atividades de uma mesma natureza por dois semestres nem poderão ser desenvolvidas no mesmo horário destinado às atividades curriculares do curso.

Para o curso são consideradas as seguintes modalidades de atividades complementares: programas especiais de capacitação do estudante; atividades laboratoriais além das já previstas no padrão turma/horas-aula; atividades de extensão; monitoria; atividades de pesquisa; discussões temáticas; estudos complementares; participação em seminários, encontros, simpósios, conferências e

congressos, internos ou externos à instituição; estudos de casos; viagens de estudos; projetos de extensão; publicação de produção científica; módulos temáticos (com e sem avaliação); disciplinas oferecidas por outros cursos e/ou unidades de ensino e não previstas no currículo pleno do curso; visitas programadas e outras atividades acadêmicas e culturais; trabalhos de campo orientados; estágios em laboratórios; cursos realizados em outras áreas afins; cursos livres (como, por exemplo, informática e idiomas); integração com cursos sequenciais correlatos à área; e participação em eventos científicos em áreas afins.

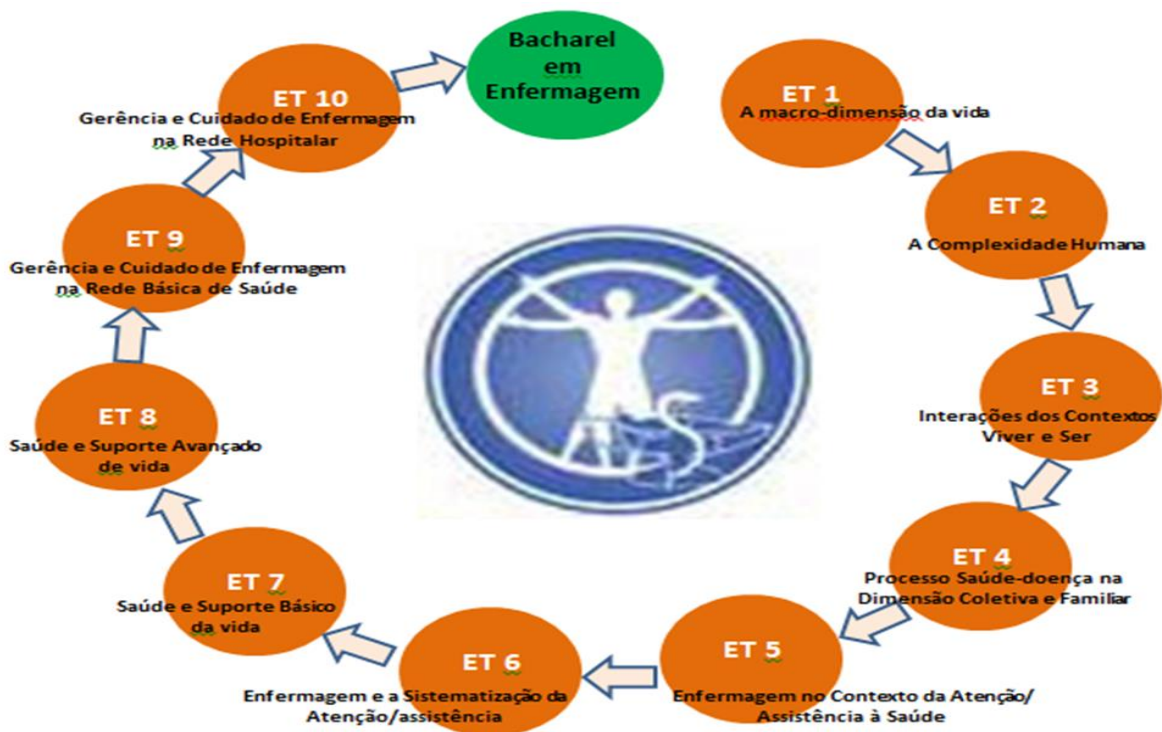
Neste sentido, a coordenação planeja, semestralmente, um calendário de atividades, que é inserido no calendário acadêmico da instituição e publicado para a comunidade acadêmica. Este calendário é divulgado no início de cada semestre em sala de aula e publicado no AVA do curso.

No intuito de está sempre alinhada às necessidades emergentes, o UNIFACEX mantém a divulgação constante de eventos realizados na área, e, para isso, utiliza-se do cadastro eletrônico de alunos do curso. Quando necessário, a Instituição apoia o deslocamento dos alunos para eventos em outras localidades.

10. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - é uma unidade programática que visa a propiciar aos acadêmicos do curso de enfermagem, o exercício mais autônomo da prática investigativa e da pesquisa, através da escolha de tema de relevância social/profissional, do aprofundamento teórico/metodológico, da utilização de bibliografia especializada que fundamenta o tema, da capacidade de interpretação crítica das informações obtidas, e, da produção de saberes e/ou tecnologias que contribuam para o aprimoramento da prática profissional, na reorganização dos serviços e na produção de novos conhecimentos. O TCC está organizado em dois momentos: TCC I - no qual serão trabalhados: a) a escolha do tema, b) elaboração do projeto a ser desenvolvido; c) qualificação do projeto; e o TCC II - estando previstas: a) as etapas de execução do projeto (pesquisa bibliográfica ou de campo); b) a análise dos resultados da investigação; c) a elaboração de um artigo científico nos moldes da revista Carpe Diem. Todas as etapas do TCC I e do TCC II, serão acompanhadas por um educador orientador destinado para esse fim.

11. FLUXOGRAMA DO CURSO



12. APOIO AO DISCENTE

12.1. CORPO DISCENTE

A todos os alunos é disponibilizado um apoio pedagógico dos professores, contratados em regime de tempo integral e parcial em função dos mesmos possuírem horário de atendimento ao aluno. Todos os cursos possuem uma coordenação a quem cabe orientar os alunos com relação aos problemas que enfrentam no dia-a-dia do curso. O UNIFACEX possui uma coordenação de ensino que orienta os professores no que diz respeito às questões pedagógicas e didáticas assim como atende os alunos quando professores e coordenação de curso não conseguem solucionar os problemas.

O aluno tem acesso a todas as informações acadêmicas relevantes no site da Instituição na Internet. Além disto, no primeiro dia de aula do acadêmico, ele recebe o Manual do Aluno, com todas as informações relevantes a respeito da sua futura vida acadêmica, além do próprio Coordenador do Curso proferir uma palestra sobre o assunto a cada início de semestre letivo. Aos ingressantes são oportunizadas reuniões com palestras sobre o perfil de cada curso, a missão e a filosofia institucional. Eles passam também a conhecer as instalações básicas (biblioteca, laboratórios, central de atendimento), bem como a rotina de procedimentos acadêmicos.

12.2. PROGRAMAS INSTITUCIONAIS DE FINANCIAMENTO DE ESTUDOS PARA ALUNOS

O UNIFACEX tem como política garantir o apoio necessário à plena realização do aluno como universitário (nos âmbitos acadêmicos, culturais, sociais e políticos), bem como desenvolver mecanismos que promovam condições sócio-econômicas que

viabilizem a permanência daqueles de baixa renda na Instituição. Para tanto estabeleceu políticas para o acesso, seleção e permanência do estudante, nivelamento, bolsas, apoio, estágios de acompanhamento ao egresso, abaixo descritas.

As diretrizes básicas da política de acesso, seleção e permanência do aluno no UNIFACEX são:

- Instituir um programa de acompanhamento ao corpo discente, nomeadamente ao nível de apoio pedagógico e atendimento;
- Concretizar a política de acesso e permanência de alunos provenientes de famílias menos abastadas orientando a busca de financiamento por meio do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES e outros incluindo os provenientes do próprio UNIFACEX;
- Assegurar os direitos individuais e sociais previstos na Constituição e legislação específica, principalmente para aqueles portadores de necessidades especiais;
- Viabilizar o acesso e permanência na instituição, e garantir a igualdade de condições para o pleno desempenho acadêmico;
- Otimizar o aproveitamento do corpo discente, fazendo com que todos aproveitem ao máximo os anos que passarão como acadêmicos;
- Realizar pesquisas, estudos e análises para identificar em detalhes os dados sobre ingressantes, evasão/abandono, tempos médios de conclusão, formaturas, relação professor/aluno para tentar reduzir ou diminuir as taxas e, também, acelerar os processos de preenchimento das vagas, tendo em vista a melhoria das atividades educativas;
- Incentivar as relações de companheirismo entre alunos e professores, pois estas podem ser determinantes para manter os alunos até o término do curso.

As diretrizes básicas da política de bolsas para o aluno no UNIFACEX são desenvolver os programas de bolsas e que poderão ser das seguintes modalidades:

- a) *Bolsa Iniciação Científica*: concedida aos alunos da graduação que estejam vinculados ao PROIC, devidamente acompanhados por um professor com título mínimo de mestre, que possua conhecimentos na área em que estejam desenvolvendo o projeto;
- b) *Bolsa Ex-aluno*: concedida aos ex-alunos da graduação e pós-graduação que *pretendam* fazer outros cursos, para incentivar a educação continuada;
- c) *Bolsa FIES*: O Fundo de Financiamento ao Estudo do Ensino Superior - FIES - criado pelo Governo Federal para financiar os estudos de alunos com poucos recursos;
- d) *Bolsa ProUni*: Programa Universidade para Todos – Decreto nº 5.245, de 15 de outubro de 2004. Convênio firmado entre o UNIFACEX e o Governo Federal destinado à concessão de bolsas de estudo integrais ou parciais.

12.3. APOIO À PROMOÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

A instituição anualmente organiza o ENEX – Encontro Científico e Cultural do UNIFACEX, que já se tornou uma referência regional. Na última edição, o ENEX (2015) teve a participação de mais de 193 pessoas, entre alunos, professores e comunidade, e apresentação de 246 trabalhos orais dentre estes 77 provenientes do curso de enfermagem e 09 vídeos.

Os cursos do UNIFACEX, periodicamente, oferecem palestras e seminários com pessoas de referência na área de cada curso, proporcionando aos alunos uma visão prática dos conceitos vivenciados em sala de aula.

12.4. MECANISMOS DE NIVELAMENTO

O UNIFACEX considera o processo seletivo (realização dos vestibulares) como o momento prévio de análise diagnóstica do perfil do recém-ingressante. A partir do

mesmo e em conjunto com a avaliação em sala de aula, que é vista como um instrumento diagnóstico que aponta e corrige os rumos do processo de ensino e aprendizagem, cria-se assim, um cenário sobre o ingressante. Para identificar os alunos que passarão pelos cursos de nivelamento o UNIFACEX promove uma avaliação básica construída pelos professores que coordenam as organizações básicas do curso no primeiro período. Assim de posse desses resultados, aqueles que tiverem notas abaixo de 5,0 são convidados a participar do nivelamento.

Neste sentido, o UNIFACEX, com o auxílio dos setores competentes e o NDE dos cursos, propicia ao corpo discente atendimento de apoio, ou suplementar, às atividades de sala de aula, buscando identificar e vencer os obstáculos estruturais e funcionais ao pleno desenvolvimento do processo educacional.

No cumprimento de sua política, o UNIFACEX desenvolve as seguintes ações:

- Suprir as deficiências básicas dos alunos que não consigam acompanhar adequadamente o aprendizado. Dessa maneira, acredita estar atendendo os alunos que estavam temporariamente afastados da vida escolar e aqueles que necessitam de reforço das bases de Ensino Médio;
- Desenvolver turmas de nivelamento compatíveis com as prioridades de cada curso;
- Acompanhamento e orientação didática, de modo prioritário, aos alunos ingressantes com dificuldades de aprendizagem;
- Orientação aos alunos que apresentem dificuldades, detectadas por meio do processo seletivo, em sala de aula, nas disciplinas ditas básicas;
- Organização de atividades didáticas preventivas e terapêuticas, presenciais ou não;
- Oferta de cursos de nivelamento de língua portuguesa, matemática básica e outras demandas emergentes.

12.5. ACOMPANHAMENTO PSICOPEDAGÓGICO

O UNIFACEX mantém um sistema de acompanhamento psicopedagógico ao alunado, com o intuito de auxiliar o estudante nas dificuldades naturais encontradas no processo de aprendizagem e de sua adaptação às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Está estruturado um acompanhamento do desempenho do aluno, de forma a possibilitar o oferecimento de medidas alternativas que favoreçam a aprendizagem adequada. Este setor é dirigido por um profissional qualificado com experiência nesta área.

O acompanhamento Psicopedagógico parte das questões investigadas no diagnóstico. Através de atividades variadas busca-se identificar e vencer os obstáculos que se impõem ao processo de aprendizagem para que o aluno possa retomá-lo com maior autonomia e sucesso. O trabalho Psicopedagógico visa desencadear novas necessidades, de modo a provocar o desejo de aprender e não somente uma melhora no rendimento escolar.

Durante o acompanhamento são estabelecidos contatos com a equipe escolar (coordenador e professores), visando maior integração e êxito do acompanhamento Psicopedagógico. Para tanto, o serviço de acompanhamento Psicopedagógico já conta com um setor institucionalizado com profissional, horários e protocolos de funcionamento estabelecidos.

12.6. PROGRAMAS DE ESTÍMULO À PRODUÇÃO ACADÊMICA

Os discentes dispõem de professores orientadores para a produção de seus trabalhos. Docentes e discentes contam com o periódico *Carpe Diem e Humano Ser*, patrocinado pela instituição para submeterem o resultado de seus estudos e pesquisas.

12.7. PROGRAMA DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS

O Programa de Acompanhamento do Ex-aluno – PAEX é um serviço oferecido pelo UNIFACEX e tem por objetivo geral “Realizar análise socioeconômica dos ex-alunos e o acompanhamento do desenvolvimento e da inserção profissional dos mesmos”. Após o término da graduação, o egresso será beneficiado através de um atendimento que possibilite uma orientação profissional, tanto em termos de estimular a educação continuada, como orientar quanto à inserção profissional, nos casos necessários. Em função da dinâmica do mercado de trabalho, suas exigências e constantes mudanças, a necessidade de bons profissionais aumenta cada vez mais. A exigência seletiva pelos melhores move esse Programa a promover ações que atualizem os egressos no seu desenvolvimento acadêmico e profissional. O acompanhamento dos egressos tem como foco avaliar as condições de trabalho e de renda dos profissionais, seu campo de atuação profissional no mercado de trabalho e as suas expectativas quanto à formação na graduação e na perspectiva continuada. Neste cenário, o PAEX visa se consolidar em uma ferramenta de monitoramento, fonte de dados e informações sobre os egressos do UNIFACEX, possibilitando reflexões sobre os projetos pedagógicos dos cursos de graduação. As diretrizes deste programa tendo como perspectiva e compromisso institucional, atender os objetivos propostos a partir de 04(quatro) eixos temáticos: PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL - 2016 a 2020 83 I – Diagnóstico do Egresso e ações pontuais; II – Cadastro dos Egressos; III - Educação Continuada; IV – Encontros Temáticos e Responsabilidade Social /Cidadania.

12.8. ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

O UNIFACEX incentiva a participação do aluno na vida institucional considerando que é em função dele que ela existe. A formação do cidadão ético, participativo e proativo se concretiza por meio de suas ações como acadêmico e que

depois se somatizam no meio social. No UNIFACEX o aluno participa dos Colegiados de Curso e do Conselho Superior.

O Diretório Central dos Estudantes do UNIFACEX é cognominado DCE André de Albuquerque Maranhão e recebe o apoio da Instituição no que diz respeito à estrutura física e de material para o exercício de suas funções.

12.9. AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Equipamentos são disponibilizados para os professores e alunos, nos diversos espaços da IES e estão conectados às redes de comunicação científica. A instituição disponibiliza 7 dias por semana 24 horas por dia sua estrutura de portais de comunicação bem como portal de apoio ao ensino presencial (Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA) para a comunidade acadêmica.

13. CONSELHO DE CURSO

No UNIFACEX, cada curso mantém um conselho que se reúne, ordinariamente, uma vez por semestre e extraordinariamente quando convocado. O Conselho é um órgão consultivo, atuante, com competências e atribuições que visam estabelecer permanentes melhorias no processo ensino-aprendizagem.

As competências do Conselho do Curso Superior são:

- Deliberar sobre os programas e planos de ensino das organizações;
- Pronunciar-se, em grau de recurso, sobre aproveitamento e adaptação de estudos, assim como sobre aceleração e recuperação de estudos;
- Opinar sobre admissão, promoção e afastamento de seu pessoal docente;
- Aprovar o plano e o calendário anual das atividades do Curso;
- Exercer as demais competências que lhe sejam previstas em lei e no Regimento.

NOME	CATEGORIA DE REPRESENTAÇÃO	DATA INGRESSO	REGIME DE TRABALHO
Isabel Cristina Amaral de Sousa Rosso Nelson	Presidente do conselho e Coordenadora do Curso	2008.2	Integral
Fabio Claudiney	Coordenador adjunto do Curso e membro do Conselho	2013.1	Integral
Karolina de Moura Manso da Rocha	Docente do Curso e membro do Conselho	2013.1	Integral
Tayssa Suelen Paulino	Docente do Curso e membro do Conselho	2013.2	Integral
Erta Bezerra	Representante discente e membro do Conselho		Discente

14. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Curso de Enfermagem constituiu o Núcleo Docente Estruturante, integrado por 05 (cinco) professores apresentados no quadro a seguir e, entre estes, o Coordenador do Curso, a quem cabe a sua presidência, com o propósito de promover avaliações periódicas, num processo contínuo de realinhamento da proposta pedagógica, com vistas a mantê-la sempre atual.

<u>Docente</u>	<u>Formação Acadêmica</u>					<u>Regime de Trabalho**</u>
	<u>Titulação*</u>			<u>Área do curso</u>	<u>Fora da área</u>	
	<u>D</u>	<u>M</u>	<u>E</u>			
1. Isabel Cristina Amaral de Sousa rosso nelson	x			Sim	Não	TI
2. Fábio Claudiney da Costa Pereira			x	Sim	Não	TI
3. Karolina de Moura Manso da Rocha		x		Sim	Não	TI
4. Tayssa Suelen		x		Sim	Não	TI
5. Marina Clarissa Barros de Melo		x		Não	Sim	TI

*Titulação – D: Doutor; M: Mestre; E: Especialista.

** TI – Tempo Integral e TP – Tempo Parcial.

O número de professores integrantes do Núcleo Docente Estruturante corresponde a 05 (cinco) componentes, sendo 01 (um) Doutor, 03 (três) mestres e 01 (um) especialista. Cabe o destaque para o regime de trabalho dos docentes do Núcleo: todos os componentes são contratados no regime de trabalho de tempo integral.

15. FORMAÇÃO DO COORDENADOR

O Curso de Enfermagem é coordenado pela professora Isabel Cristina Amaral De Sousa Rosso Nelson possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual da Paraíba com Licenciatura plena em enfermagem. Especialização em Formação Profissional na Área de Saúde (Fiocruz/UFRN), Saúde da Família(Universidade Castelo Branco),Enfermagem do Trabalho(Facisa), Educação, desenvolvimento e políticas educativas(FIP).Doutorado em educação pela UFRN (2013)

15.1. EXPERIÊNCIA DO COORDENADOR (ACADÊMICA E PROFISSIONAL)

Enfermeira da Estratégia Saúde da Família de 2001 a 2013, enfermeira assistencialista do LAE (Lar do ancião evangélico) 2005 à 2008, coordenadora do e educadora do curso técnico em enfermagem de 2003 a 2008, coordenadora e docente da graduação em Enfermagem do UNIFACEX. Coordenadora e docente da pós graduação latu sensu em Saúde Coletiva com Ênfase na Estratégia Saúde da Família e Enfermagem do Trabalho.Tem experiência na área de Promoção á Saúde, Educação em Saúde, Práticas Integrativas e Complementares a Saúde, Pedagogia Vivencial Humanescente,Inclusão social, Educação inclusiva, Saúde Pública enfocando a Estratégia Saúde da Família ,exercendo a docência desde o ano de 2000.Referente a experiência de magistério superior atuou como docente do curso de enfermagem Unifacex desde 2008 e da pós graduação latu sensu em Saúde Coletiva desde 2009, Docente da Pós Graduação de Educação inclusiva e de formação docente para o ensino superior..

15.2. EFETIVA DEDICAÇÃO A ADMINISTRAÇÃO E A CONDUÇÃO DO CURSO

A Professora Isabel Cristina Amaral De Sousa Rosso Nelson bem como o coordenador adjunto Fabio Claudiney da Costa Pereira são contratados em regime de tempo integral e dedica 40 horas semanais para a condução e administração do Curso.

16. CORPO DOCENTE

16.1 PLANO DE CARREIRA E INCENTIVOS AOS DOCENTES

Com o intuito de institucionalizar as relações de trabalho, elaborou-se, a partir de um amplo processo de consulta aos diversos segmentos envolvidos, o Plano de Carreira Docente, o qual procurou contemplar as diversas formas de vínculo empregatício necessárias ao funcionamento da Instituição. Tal plano normatiza os critérios de ingresso, enquadramento, ascensão, regime de trabalho, remuneração, benefícios e as vantagens dos integrantes do Corpo Docente da Instituição.

Para fins de ascensão à categoria mais elevada, o critério será a disponibilidade de vaga, a titulação e o desempenho científico-didático-pedagógico.

O Plano de Carreira Docente foi homologado pelo Ministério do Trabalho e Sindicato de Classe, e implantado em 2005 estando totalmente regulamentado e atualizado. Para regulamentar o plano de carreira docente, existe um documento próprio para esse objetivo intitulado Plano de Carreira Docente do UNIFACEX.

O plano de cargos foi atualizado e acrescido de outros benefícios cuja homologação junto à Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Norte ocorreu em maio de 2011.

16.2 CRITÉRIOS DE ADMISSÃO E DE PROGRESSÃO NA CARREIRA

O processo de seleção para ingresso na carreira do magistério é realizado por concurso, através de uma Banca Examinadora designada pela Coordenação do Curso e compreende as etapas de análise curricular, entrevista e prova didática, precedida de edital publicado no canal oficial de comunicação da Instituição. Neste processo, devem ser observados:

- A titulação (graduação e pós-graduação) e sua adequação à disciplina ou atividade a ser desenvolvida;
- A experiência profissional no magistério superior e na educação básica;
- A experiência profissional na área de atuação no magistério.

Deve-se ressaltar que pode haver uma variação na composição e pesos dos critérios de seleção em função do curso e das suas especificidades. Isso tem implicações diretas nos requisitos mínimos exigidos para o ingresso do docente, sendo os mesmos especificados quando da elaboração e publicação dos editais de seleção.

São observados, ainda, os seguintes critérios:

- Além da idoneidade moral do candidato, são considerados seus títulos acadêmicos, científicos, didáticos e profissionais, relacionados com a disciplina a ser por ele lecionada;
- Constitui requisito básico o diploma de graduação ou pós-graduação, correspondente a curso que inclua, em nível não inferior de complexidade, matéria idêntica ou afim àquela a ser lecionada;
- Padrões de qualidade, quanto à titulação e ao regime de trabalho, fixados pelo MEC, para os diversos cursos destinados à formação de professores para a Educação Básica.

Uma vez aprovados, os professores são contratados pela Entidade Mantenedora, por indicação da Reitoria do UNIFACEX, segundo o regime das leis trabalhistas e na forma prevista no Plano de Carreira Docente. Deve-se destacar que o docente ingressante na Carreira Docente da Instituição cumprirá estágio probatório por dois semestres letivos, sendo, no período, submetido à avaliação do desempenho docente.

Com relação ao regime de trabalho, o docente integrante da carreira poderá ser contratado em regime de tempo integral (TI), tempo parcial (TP) ou Horista (H).

Entende-se por Regime de Trabalho em Tempo Integral (TI) aquele em que o docente é contratado para 40 horas semanais de trabalho nesta Instituição, nele incluído o tempo de 20 horas em sala de aula e 20 horas semanais destinadas a trabalhos de extensão, planejamento, avaliação e pesquisa.

Já o Tempo Parcial (TP) é aquele em que o docente é contratado para exercer atividades em um período mínimo de 12 horas semanais de trabalho, desde que seja no mínimo 25% das horas destinadas a trabalhos de extensão, planejamento, avaliação e pesquisa.

Por fim, o docente contratado em regime de Trabalho Horista (H) que, independentemente da carga horária semanal, tem remuneração da sua jornada de trabalho determinada pelo produto da carga horária pelo valor da hora-aula referente à sua classificação no quadro de carreira docente.

A título eventual e por tempo estritamente determinado, o UNIFACEX, pode dispor da cooperação de professores visitantes ou colaboradores, aos quais ficam resguardados os direitos e deveres da legislação trabalhista.

16.3. SISTEMA PERMANENTE PARA AVALIAÇÃO DOS DOCENTES

Semestralmente, os professores são avaliados pela Coordenação do curso e pelos alunos através do instrumento de avaliação, aplicado pela CPA. A referida Comissão Própria de Avaliação organiza um seminário para discutir o resultado da avaliação com cada Coordenação de curso, e seus professores, entregando uma cópia impressa do relatório.

Além do trabalho de socialização dos resultados com os cursos, a CPA também destina o relatório ao NEP a fim de que se possam trabalhar as necessidades docentes apontadas.

16.4. FORMAÇÃO/REGIME DE TRABALHO/TITULAÇÃO/EXPERIÊNCIA

Corpo Docente Nome	Regime de trabalho	Titulação	Tempo de experiência na docência superior (Anos)	Tempo de experiência profissional (Anos)
Ana Mercia Pegado e Silva Wanderley	Horista	Mestre	40	05(Lab)
Andressa Mônica	Horista	Especialista	03	03
Carlos Capistrano	Parcial	Doutor	37	00
Daniele Bezzera dos Santos	Parcial	Doutora	08	08
Delanne Cristina Souza de Sena Fontinele	Horista	Doutora	13	00
Diva Sueli Silva Tavares	Parcial	Doutora	14	00
Fabio Claudiney da Costa Pereira	Integral	Especialista	05	12
Genykléa silva de Oliveira	Parcial	Mestre	05	07
Isabel Cristina Amaral de Sousa	Integral	Doutora	09	14
Isabel Cristina Araújo Brandão	Horista	Mestre	03	00
Ismar Paiva	Horista	Mestre	36	0
Karolina de Moura Manso da Rocha	Integral	Mestre	05	02
Luzia Kelly Alves da Silva Nascimento	Horista	Mestre	07	16
Marcella Araújo do Amaral Carneiro Davim	Horista	Doutora	04	00
Marina Clarissa Barros Melo	Integral	Mestre	05	10
Maria Cristiana da Silva Souto	Horista	Mestre	06	28
Maria Luiza Mariano de Medeiros	Horista	Especialista	17	0
Rafaela Costa de Medeiros	Horista	Mestre	05	08
Rhuama Karenina Costa e Silva	Horista	Mestre	0,5	02
Saiona Branco Bolson	Integral	Mestre	06	20

Tayssa Suelen Cordeiro Paulino	Parcial	Mestre	03	0
--------------------------------	---------	--------	----	---

16.5. TITULAÇÃO DO CORPO DOCENTE DO CURSO

O Corpo docente do Curso de enfermagem é formado por 21 docentes com as seguintes titulações: 03 especialistas, 12 mestres e 06 doutores. Podemos ressaltar que 85,8% dos docentes tem formação acadêmica stricto sensu, dos quais 14,2% tem doutorado.

Titulação		
	Quant.	%
Graduação	00	0%
Especialização	03	14,2%
Mestrado	12	57,2%
Doutorado	06	14,2%
TOTAL	21	100

16.6. REGIME DE TRABALHO DO CORPO DOCENTE

Regime de trabalho	Número de docentes	%
Horista	11	52,4%
Parcial	05	23,8
Integral	05	23,8

17. INFRAESTRUTURA

17.1. INSTALAÇÕES PARA DOCENTES

Nas instalações do UNIFACEX existem salas de professores, salas de reuniões, gabinetes para atendimento individual e salas de informática. Os espaços são adequados, iluminados, ventilados ou refrigerados e sem problemas acústicos. São permanentemente limpos e bem equipados, possuindo banheiros para uso exclusivo.

Instalações para Atividades dos Docentes

INSTALAÇÕES PARA DOCENTES - GRADUAÇÃO		
PRÉDIO 1		
INSTALAÇÕES	ÁREA (M ²)	HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
Sala dos Professores	39,14	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Espera	30	Matutino, vespertino e noturno
Atendimento Individualizado	40	Matutino, vespertino e noturno
Sala de TP/TI	60	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Reunião	15	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Convivência	30	Matutino, vespertino e noturno
Banheiro Masculino	10	Matutino, vespertino e noturno
Banheiro Feminino	10	Matutino, vespertino e noturno
PRÉDIO 2		
INSTALAÇÕES	ÁREA (M ²)	HORÁRIO DE

		FUNCIONAMENTO
Sala de Espera	09	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Convivência	20	Matutino, vespertino e noturno
Banheiro Masculino	10	Matutino, vespertino e noturno
Banheiro Feminino	10	Matutino, vespertino e noturno
PRÉDIO 3		
INSTALAÇÕES	ÁREA (M²)	HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
Sala de Integração Administração/Direito	9	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Integração Contábil	9	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Integração Psicologia/Enfermagem	9	Matutino, vespertino e noturno
PRÉDIO 4		
INSTALAÇÕES	ÁREA (M²)	HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
Sala dos Professores	15	Matutino e vespertino.

17.2. INSTALAÇÕES PARA A COORDENAÇÃO DO CURSO

As instalações para as coordenações dos cursos de graduação se encontram distribuídas nos prédios I, II e III. A coordenação do curso de Enfermagem se encontra na unidade III, primeiro andar. Todas as instalações são adequadas para atenderem as necessidades atuais, com recepção, sala de atendimento, mobiliário adequado e computadores em todos os ambientes, atendendo à necessidade de cada curso.

Instalações para Atividades de Coordenação de Curso

PRÉDIO 1	ÁREA (M²)	
-----------------	-----------------------------	--

Recepção da Coordenação da Pós-Graduação	09	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação da Pós-Graduação	15	Matutino, vespertino e noturno
Sala dos professores da Pós-Graduação	12	Matutino, vespertino e noturno
PRÉDIO 2	ÁREA (M²)	
Recepção da Coordenação dos Cursos Tecnológicos	10	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Atendimento de Alunos CST's 1	09	Matutino, vespertino e noturno
Sala do NDE	09	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação dos Cursos Tecnológicos	70	Matutino, vespertino e noturno
Recepção da Coordenação de Pedagogia, Biologia, P&G e GTI.	10	Matutino, vespertino e noturno
Recepção da Coordenação do CST em Redes de Computadores.	10	Vespertino e noturno
Coordenação do CST em Redes de Computadores	18	Vespertino e noturno
Sala de Atendimento do NDE	09	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Atendimento de Alunos	09	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação de Pedagogia, Biologia, P&G e GTI	70	Matutino, vespertino e noturno
Sala de Atendimento do NDE	20	Matutino e vespertino.
Sala de Atendimento de Alunos	09	Matutino e vespertino.
PRÉDIO 3	ÁREA (M²)	
Recepção da Coordenação de Administração, Logística e Direito	10	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação de Logística e Administração	40	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação de Direito	25	Matutino, vespertino e noturno
Recepção da Coordenação de Ciências Contábeis e Serviço Social	10	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação de Contábeis e Serviço Social	30	Matutino, vespertino e noturno
Recepção da Coordenação de Enfermagem e Psicologia	10	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação de Enfermagem	25	Matutino, vespertino e noturno
Coordenação de Psicologia	25	Matutino, vespertino e noturno
PRÉDIO 4	ÁREA (M²)	
Coordenação Pedagógica	20	Matutino e vespertino.
Coordenação de Disciplina	12	Matutino e vespertino.

17.3. SALAS DE AULAS

As salas de aula destinadas aos diversos cursos são amplas, considerando-se o número de alunos matriculados nas turmas correspondentes. Todas se encontram bem conservadas e permanentemente limpas. O mobiliário existente, em cada uma delas, é adequado e suficiente para as atividades nelas desenvolvidas, além de não oferecerem interferências significativas resultantes de ruídos externos ou poeira.

Quanto aos recursos didáticos, as salas dispõem de quadro branco para pincel e um pequeno mural para fixação de comunicados e de trabalhos. Os retroprojetores, *datashow*, telas e outros recursos são fornecidos pela SAD – Serviço de Apoio Docente.

As salas possuem carteiras individuais projetadas de forma a proporcionar conforto ao aluno. Mesmo conservadas, são periodicamente pintadas para manter sempre uma ótima aparência. Tanto as salas como todo o mobiliário são limpos diariamente (de forma rotineira ou tantas vezes quantas forem necessárias), proporcionando aos alunos e professores um ambiente agradável e confortável.

Quadro 4 – Distribuição do Espaço Físico

ESPAÇO FÍSICO GERAL				
SALAS DE AULAS	ÁREA (M ²)	CAPACIDADE	TURMAS/SEMANA	HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
Prédio 01 – Térreo				Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1001	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1002	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1003	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1004	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1005	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 01 – 1º				

Andar				
Sala 1101	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1102	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1103	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1104	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1105	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1106	64,80	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 01 – 2º Andar				
Sala 1201	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1202	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1203	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1204	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1205	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 1206	63,67	50	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 02 – Térreo			03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2001	110,00	100	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2002	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2003	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2004	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2005	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 02 – 1º				

Andar				
Sala 2101	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2102	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2103	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2104	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2105	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2106	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2107	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2108	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2109	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2110	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2111	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2112	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2113	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2114	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2115	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 02 – 2º Andar				
Sala 2201	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2202	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2203	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2204	90,00	80	03	Matutino, Vespertino

				e Noturno.
Sala 2205	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2206	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2207	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2208	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2209	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2210	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2211	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2212	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2213	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2214	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 2215	90,00	80	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 03 – Térreo				
Sala 3001	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3002	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3003	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3004	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3005	80,00	70	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 03 – 1º Andar				
Sala 3101	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3102	70,00	60	03	Matutino, Vespertino

				e Noturno.
Sala 3103	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3104	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3105	80,00	70	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 03 – 2º Andar				
Sala 3201	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3202	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3203	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3204	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3205	80,00	70	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 03 – 3º Andar				
Sala 3301	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3302	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3303	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3304	70,00	60	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 3305	80,00	70	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Prédio 04 – Térreo				
Sala 4001	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4002	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4003	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4004	30	20	03	Matutino e

				Vespertino.
Sala 4005	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4006	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4007	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4008	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4009	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4010	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4011	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Sala 4012	30	20	03	Matutino e Vespertino.
Prédio 04 – 1º Andar				
Sala 4101	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4102	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4103	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4104	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4105	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4106	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4107	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4108	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4109	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4110	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4111	50	40	03	Matutino, Vespertino

				e Noturno.
Sala 4112	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.
Sala 4113	50	40	03	Matutino, Vespertino e Noturno.

Legenda:**SALA DE AULA** identificar a sala (Ex: Sala 01);**ÁREA** é a área total construída em m²;**CAPACIDADE** é a capacidade da área em número de usuários;**TURMAS/SEMANA** é o número de turmas de alunos atendidos;**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO** é o horário disponível para utilização.**17.4. ACESSO A EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA PELOS ALUNOS**

Atualmente a UNIFACEX dispõe de oito laboratórios de informática que atendem aos cursos oferecidos pela Instituição satisfatoriamente, sendo um exclusivo de uso comum dos alunos Laboratório de Informática (LIFE VIII com capacidade de 26 máquinas, bem como a biblioteca com 12. Máquinas.

18. BIBLIOTECA

A Biblioteca Senador Jessé Pinto Freire, criada através de Portaria como órgão suplementar da instituição, vinculada à Pró-Reitoria Acadêmica dessa IES é Coordenada e Supervisionada sob forma sistêmica como biblioteca híbrida (Universitária e escolar), com atribuições diretas aos cursos de nível superior com perfil e formação voltados para a pesquisa, ensino e extensão. Sua política de funcionamento rege-se por Regimento próprio e Normas Internas, e por Instruções normativas determinadas pelos Diretores e Coordenador da Biblioteca universitária do UNIFACEX.

A Biblioteca tem como objetivo: Recuperar, organizar, disseminar e socializar a informação bibliográfica, multimeios e virtual, bem como promover a cultura entre docentes, discentes e funcionários da IES de forma dinâmica e eficaz, contribuindo para a qualidade do ensino, pesquisa e extensão.

Localizada na Unidade I do UNIFACEX, sendo de fácil acesso para os seus usuários: alunos, professores e funcionários, como também a comunidade em geral.

O espaço físico está distribuído em sede própria com três pavimentos, providos de acesso aos deficientes, sendo um térreo e dois mezaninos. Dispõe também de banheiro masculino e feminino.

Sua área física é de 1.163,21m², distribuída da seguinte forma:

Térreo = 505,13m²; Pavimento 1 = 412,30m²; Pavimento 2 = 245,78m² e 156,32m² de área para serviços técnico-administrativos. As instalações estão disponibilizadas para acervo, leitura individual, 07 salas para estudo em grupo, 17 cabines individuais semiabertas, 16 terminais de acesso à internet, circulação e

terminais de consultas ao catálogo *on line*, possuindo mais de 300 assentos para uso diário.

Todo o seu espaço é climatizado com ambientação moderna e confortável. Dispõe de serviço de fiscalização eletrônica com câmeras e antenas eletromagnéticas.

18.1. HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

A biblioteca funciona em horário ininterrupto de Segunda a Sexta-feira, das 8h às 22h e no sábado das 8h às 12h.

18.2. SERVIÇOS OFERTADOS PELA BIBLIOTECA

A biblioteca disponibiliza alguns serviços pertinentes à sua comunidade interna e externa:

- a) Atendimento ao público: Este serviço está ligado diretamente ao usuário, atuando junto em tirar dúvidas e auxiliar na utilização dos serviços e localização física dos materiais.
- b) Empréstimos: Disponibiliza a circulação e empréstimo dos materiais do acervo da biblioteca para seus clientes internos, bem como reserva e renovação (in loco ou online), devolução e as modalidades de empréstimo especial e empréstimo entre bibliotecas.
- c) Serviços Online: Via internet, o usuário pode reservar e renovar materiais, como também consultar sua situação na biblioteca.
- d) Comutação Bibliográfica: Viabiliza a possibilidade de obter cópias de artigos publicados em periódicos, teses e anais de congresso pertencentes a outras instituições.

18.3. POLÍTICA DE AQUISIÇÃO, EXPANSÃO E ATUALIZAÇÃO

A política de aquisição, atualização e expansão do acervo bibliográfico adotada pelo UNIFACEX é baseada nas necessidades dos cursos de Graduação, Pós-graduação e extensão, mantidos pela Instituição, seguindo as indicações dos corpos docente e discente com base nos conteúdos programáticos dos cursos oferecidos. A aquisição do material bibliográfico se dá de forma contínua, com base nas solicitações de aquisição dos cursos e/ou identificação de necessidades por parte da Biblioteca, e de acordo com o provimento de recursos financeiros da Instituição.

Para seu desenvolvimento, a Biblioteca do UNIFACEX conta com plano de expansão para o período de vigência do PDI, abrangendo os recursos de informática, serviços, recursos humanos, recursos materiais e recursos físicos, conforme detalhado no item a seguir.

18.4. ACERVO DA BIBLIOTECA

A Biblioteca Senador Jessé Pinto Freire caracteriza-se como multidisciplinar, uma vez que existe a necessidade de fornecer com precisão, relevância e atualidade, as informações bibliográficas necessárias aos alunos do colégio, graduação e pós-graduação do UNIFACEX e à comunidade em geral.

Possui um acervo de qualidade, composto por edições atuais e em excelente estado de conservação.

O crescimento da coleção é constante, sendo ampliado de acordo com o Cronograma de Desenvolvimento Organizacional da IES e através das solicitações emitidas pelos Coordenadores de curso, que seguem as bibliografias do corpo docente e das solicitações dos discentes. Após a seleção do material, a listagem com as solicitações é enviada para a Biblioteca, que, por sua vez, faz o levantamento quantitativo do material já existente e encaminha para a Direção Financeira que executa os procedimentos de compra. A Direção Financeira faz cotação de preço junto aos livreiros, aprova a compra e envia à Biblioteca a lista do material a ser comprado.

Para finalizar o processo de compra a Biblioteca entra em contato com o fornecedor e fica responsável pelo recebimento do material comprado e pela cobrança da entrega.

O acervo é uma ferramenta indispensável para subsidiar a formação do corpo discente e docente da IES, tanto no aspecto educacional quanto no cultural.

O acervo é composto por mais de 26.589 títulos e 75.668 volumes de todas as áreas do conhecimento humano, distribuídos em livros, folhetos, periódicos, multimeios e produção acadêmica, conforme especificados abaixo.

TIPO DE MATERIAL	TÍTULOS	EXEMPLARES
Livros	20.986	50.401
Folhetos	755	991
Periódicos	772	19.683
Multimeios	753	1.209
Produção Acadêmica	2.625	2.876
CD ROM	373	982
DVD	135	178
Fita K-7	55	57

O material bibliográfico pode ser consultado pela base do Sistema Pergamum (PUC-PR) via internet, através da homepage da UNIFACEX (www.UNIFACEX.com.br) ou na base local da própria Biblioteca. Todo o acervo está automatizado e o catálogo online disponibilizado para consulta é de fácil utilização e oferece diferenciadas formas de busca da informação.

No que tange à entrada e saída de materiais no âmbito da biblioteca, todos aqueles que são adquiridos e devolvidos circulam com bastante agilidade. Esse fluxo ocorre de maneira satisfatória porque o acesso ao material é priorizado pela Seção de Processamento Técnico que disponibiliza o documento ao usuário, e pela seção de circulação, que é responsável pela reposição do documento na estante, tanto novos como os devolvidos do empréstimo.

A Biblioteca é organizada com a Classificação Decimal Universal (CDU), o que facilita a localização física dos materiais, haja vista que esse sistema de classificação possibilita a organização dos materiais por assunto.

18.4.1. PERIÓDICOS, JORNAIS E REVISTAS

Periódicos, Jornais e Revistas	
Tipo	Descrição
JORNAIS	DIÁRIO DE NATAL: O Poti. Natal: Diário de Natal, s.d. Diário.
	GAZETA MERCANTIL. São Paulo: JB S.A. Diário.
	JH: primeira edição. Natal: Jornal de Hoje, s.d. Diário.
	JORNAL DE HOJE. Natal: RN Gráfica e Editora Ltda. Diário.
	JORNAL DO SENADO. Brasília: Senado Federal. Diário.
	TRIBUNA DO NORTE. Natal: Empresa Jornalística Tribuna do Norte, s.d. Diário.
PERIÓDICOS	ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Brasília: IBGE. Anual.
	ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE. Natal: Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, 1991. Anual.
	CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA - CSP: reports in public health. Rio de Janeiro: Fiocruz, s.d. Bimestral. ISSN: 0102-311-X.
	CENSO DEMOGRÁFICO. Brasília: IBGE, 1991. Anual. ISSN: 0104-3145.
	CIDADANIA E JUSTIÇA. Rio de Janeiro: AMB-Associação dos Magistrados Brasileiros. Semestral.
	DEBATES SOCIAIS. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais, s.d. Quadrimestral.
	ESTUDOS SEBRAE. São Paulo: SEBRAE. Bimestral.
	FINANÇAS E DESENVOLVIMENTO. Washigton: Banco Mundial. Trimestral. ISSN: 0255-7622.
	GESTÃO EM AÇÃO. Salvador: UFBA. Semestral.
	GESTÃO PLUS. São Paulo: Gestão e Rh Editora S/C Ltda. Bimestral.
	GESTÃO RH. São Paulo: Gestão e Rh Editora S/C Ltda. Bimestral.
	HSM MANAGEMENT. São Paulo: Editora Savana Ltda. Bimestral.
	INOVA: jornal. São Paulo: IOB. Mensal.

	IOB: anexos estaduais. s.l.: IOB, 1994. Semestral.
	IOB: calendário de obrigações e tabelas práticas. s.l.: IOB. Anual.
	IOB: ICMS - IPI e OUTROS. s.l.: IOB. Anual.
	IOB: imposto de renda e legislação societária. s.l.: IOB. Anual.
	IOB: textos legais. s.l.: IOB. Anual.
	L&C: revista de direito e administração pública. Brasília: Editora Consulex. Mensal. ISSN: 1519-8049.
	LEX: coletânea de legislação e jurisprudência. São Paulo: Lex Editora, 2004. Mensal. ISSN: 0104-2068.
	LEX: jurisprudência dos tribunais de alçada civil de São Paulo. São Paulo: Lex Editora, 2004. Bimestral.
	LEX: jurisprudência do superior tribunal de justiça e tribunais regionais. São Paulo: Lex Editora, 2004. Mensal. ISSN: 0103-5568.
	LEX: jurisprudência do supremo tribunal federal. São Paulo: Lex Editora, 2004. Mensal. ISSN: 0100-8390.
	LEX: legislação federal e marginália. São Paulo: Lex Editora, 2004. Mensal. ISSN: 0101-2584.
	RAE: Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Trimestral. ISSN: 0034-7590.
	ERA EXECUTIVO. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas. Trimestral. ISSN: 1677-3195.
	RAUSP: Revista de Administração. São Paulo: USP, 1999. Trimestral. ISSN: 0080-2107.
	REVISTA AFRESP DE TRIBUTAÇÃO. São Paulo: Associação dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo. Bimestral.
	REVISTA ANGRAD. Rio de Janeiro: ANGRAD. Semestral. ISSN: 1518-5532.
	REVISTA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO. Brasília: Conselho Federal de Administração. Quadrimestral. ISSN: 1517-2007.
	REVISTA BRASILEIRA DE CONTABILIDADE. Brasília: Conselho Federal de Contabilidade Bimestral. ISSN: 0104-8341.
	REVISTA BRASILEIRA DE ECONOMIA. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Trimestral. ISSN: 0034-7140.
	REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO DE NEGÓCIOS. São Paulo: FECAP. Anual. ISSN: 1806-4892.
	REVISTA CONTABILIDADE E FINANÇAS. São Paulo: USP. Quadrimestral. ISSN: 1519-7077.
	REVISTA DA ESPM. São Paulo: ESPM. Bimestral.

	REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA. Curitiba: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1997. Quadrimestral. ISSN: 1415-6555.
	REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Mensal. ISSN: 0034-7590.
	REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Bimestral. ISSN: 0034-7612.
	REVISTA DE CONTABILIDADE DO CRC-SP. São Paulo: Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo. Trimestral.
	REVISTA DE DIREITO ADMINISTRATIVO. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. Trimestral. ISSN: 0034-8007.
	REVISTA DE DIREITO AMBIENTAL. São Paulo: Revista dos Tribunais, s.d. Trimestral. ISSN: 1413-1439.
	REVISTA DE DIREITO CONSTITUCIONAL E INTERNACIONAL. São Paulo: Revista dos Tribunais, s.d. Trimestral. ISSN: 1518-272X.
	REVISTA DE DIREITO MERCANTIL: industrial, econômico e financeiro. São Paulo: Malheiros Editores, 2004. Trimestral.
	REVISTA DE PRÁTICAS ADMINISTRATIVAS. Maringá: UNICORPORE, s.d. Bimestral. ISSN: 1807-1147.
	REVISTA DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. São Paulo: LTR, s.d. Semestral.
	REVISTA DO SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA. Brasília: Consulex, s.d. Mensal.
	REVISTA TRIBUTÁRIA E DE FINANÇAS PÚBLICAS. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004. Bimestral. ISSN: 1518-2711.
	SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, s.d. Bimestral.
REVISTAS	DISTRIBUIÇÃO. São Paulo: L & M Comunicações LTDA. Mensal.
	EMPREENDEDOR: negócios e gestão empresarial. São Paulo: Editora Empreendedor. Mensal.
	ÉPOCA. Rio de Janeiro: Globo.
	EXAME. São Paulo: Abril. Quinzenal. ISSN: 0102-2881.
	ISTO É. São Paulo: Editora Três. Semanal.
	PEGN: Pequenas Empresas Grandes Negócios. São Paulo: Globo. Mensal. ISSN: 0104-2297.
	SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril. Mensal. ISSN: 0104-1789.
	VEJA. São Paulo: Abril. Semanal. ISSN: 0100-7122.
	VOCÊ S/A. Rio de Janeiro: Abril. Mensal. ISSN: 1415-5206.

O UNIFACEX têm acesso a diversos periódicos da área, para o curso de Enfermagem, a partir de exemplares disponíveis na biblioteca e pelo acesso às bases de dados eletrônicas integradas à BIREME.

Periódico	Quantidade
REVISTA LATINO-AMERICANA DE ENFERMAGEM	20
ACTA CIRÚRGICA BRASILEIRA	01
ESCOLA ANNA NERY	03
REVISTA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	07
O MUNDO DA SAÚDE	10
ENFERMAGEM BRASIL	7
REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	4
REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM: REBEN	19

18.4.2. BASE DE DADOS

Dinamizando o suporte à pesquisa acadêmica e, acompanhando as mudanças de paradigmas para o setor de bibliotecas, o UNIFACEX conta com o uso de novas ferramentas desenvolvidas no campo da disseminação da informação, uma vez que a biblioteca deixa de ser local de conservação e preservação das informações em suportes impressos. A Biblioteca do UNIFACEX faz uso da base de dados, disponibilizando pontos de acesso direto à informação, estando disponível não só aos

usuários da rede da Instituição, como também a qualquer pessoa da comunidade universitária.

A Instituição conta atualmente com o uso via internet de bases de dados:

BASES DE DADOS	FORMA DE ACESSO
SCIELO	Internet
PROSSIGA	Internet
IBICT/CCN	Internet
TESES.EPS.UFSC	Internet
TESES/USP	Internet
TOTAL	05

19. INSTALAÇÕES E LABORATÓRIOS

Atualmente a UNIFACEX dispõe de oito laboratórios de informática que atendem aos cursos oferecidos pela Instituição satisfatoriamente, sendo um exclusivo de uso comum dos alunos. Além destes existem laboratórios para atendimento aos cursos da área da Saúde e que serão utilizados pelos novos cursos, nas disciplinas básicas e comuns entre eles.

O quadro a seguir demonstra os laboratórios existentes na UNIFACEX.

LABORATÓRIO	CARACTERÍSTICAS		
	Cursos Atendidos	Área (m ²)	Cap.
Laboratório de Informática (LIFE I)	Todos	100	48
Laboratório de Informática (LIFE II)	Todos	90,00	30
Laboratório de Informática (LIFE III)	Todos	90,00	30
Laboratório de Informática (LIFE IV)	CST EM REDES DE COMPUTADORES	60,00	20
Laboratório de Informática (LIFE V)	CST EM REDES DE COMPUTADORES	100,00	50
Laboratório de Informática (LIFE VI)	CST EM REDES DE COMPUTADORES	90,00	36
Laboratório de Informática (LIFE VII)	Todos	90,00	30
Laboratório de Informática (LIFE VIII)	Livre para os alunos	66	30
Laboratório de Biologia Celular, Genética e Bioquímica	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	122,83	25
Laboratório de Microscopia	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	79,24	25
Laboratório de Anatomia	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	104,55	25
Anfiteatro Anatomia	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	66,41	25
Laboratório de Botânica, Zoologia e Ecologia	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	66,41	25

LABORATÓRIO	CARACTERÍSTICAS		
	Cursos Atendidos	Área (m ²)	Cap.
Laboratório de Física, Biofísica, Fisiologia e Microbiologia	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	66,41	25
Laboratório de Histologia e Embriologia	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	66,41	25
Sala de Dissecção e Montagem de peças anatômicas	Ciências Biológicas, Psicologia, Enfermagem	11,21	03

Legenda:

- **M²** é a área em m² construída/a ser construída no respectivo ano;
- **Cap.** é a capacidade para alunos.

19.1. LABORATÓRIOS DE ENSINO E HABILIDADES

Atualmente a UNIFACEX dispõe de laboratórios para atendimento aos cursos da área da Saúde são eles:

Laboratório de Biologia Celular, Genética e Bioquímica.

Laboratório de Microscopia

Laboratório de Anatomia

Laboratório de Física, Biofísica, Fisiologia e Microbiologia

Laboratório de Histologia e Embriologia

Possui também dois laboratórios multidisciplinar específicos para o curso de enfermagem.

Adequando a correlação teoria e prática para a formação do aluno, o curso de enfermagem UNIFACEX conta com dois laboratórios com ventilação, iluminação e pintura condizente um bom padrão de qualidade à viabilização de sua utilização, bem como limpeza e manutenção adequadas, amplos e equipados com materiais e equipamentos necessários ao aprendizado e desenvolvimento de habilidades técnico-científicas, adequadas a proposta curricular do curso. Estes laboratórios são referências para as Unidades Programáticas que abordem a semiologia e semiotécnica, Saúde da família e seus ciclos de vida, centro cirúrgico entre outras temáticas.

Neste interim os laboratórios multidisciplinar de enfermagem proporciona um ambiente simulado para o desenvolvimento de competências técnicas (procedimentos de enfermagem e protocolos de cuidados) e comportamentais (atitude, comunicação, liderança, ética, tomada de decisão) através da metodologia da simulação.

No que concerne à utilização dos laboratórios há manual de normas específicas para utilização, correlação pedagógica dos equipamentos além dos manuais de procedimentos, que orientam docentes, discentes e auxiliar de laboratório. Contamos com uma coordenadora de laboratório bem como dois laboratoristas e monitores.

